DF702
.A98
S65
1929

SOUSA COSTA

DA ACADEMIA DE SCIENCIAS DE LISBOA

ILHAS DAS TRÊS FORMOSURAS

THE LIBRARY OF THE
UNIVERSITY OF
NORTH CAROLINA
AT CHAPEL HILL

ENDOWED BY THE
DIALECTIC AND PHILANTHROPIC
SOCIETIES

DP702
.A98
S65
1929

a 00002 27551 2

This book is due at the WALTER R. DAVIS LIBRARY on the last date stamped under "Date Due." If not on hold it may be renewed by bringing it to the library.

DATE DUE	RET.	DATE DUE	RET.
NOV 26 1997			
	NOV 24 '97		

Form No. 513, Rev. 1/84

Digitized by the Internet Archive
in 2025 with funding from
University of North Carolina at Chapel Hill

https://archive.org/details/ilhasdastrsformo00unse

30,

Ilhas das três formosuras

De SOUSA COSTA

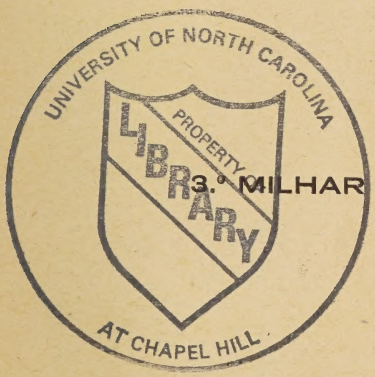
Os que triunfam — novela romantica — 2.ª edição
Excentricos — contos — 3.ª edição
Fruto proibido — romance — Scenas da vida de Coimbra — 3.ª edição
Os meus pecados
«*Sempre Virgem*» — romance — Scenas da vida de Lisboa — 3.ª edição
Coração de mulher — romance — 3.ª edição
Regresso à felicidade — novela naturista
Como se vingam mulheres — comedia — 1 acto
A pecadora — romance — 3.ª edição
Romeu e Julieta — novela em cartas — 4.ª edição
Que vergonha! — farça — 1 acto
Ressurreição dos mortos — romance — Scenas da vida do Douro — 2.ª edição
Paginas de sangue — Brandões, Marçais & C.ª — 3.ª edição
Frei Satanás — 3 actos
A Marquesinha — 3 actos
O canto do cisne — novela
Dramas da Serra — novelas
Amor 1.º, o cruel — romance duma carióca
História d'El-Rei Camélo — novela infantil
Uma Divorciada — romance

RC
C
DP702
.A98
565
1929

SOUSA COSTA

Da Academia de Sciencias de Lisboa

Ilhas das três formosuras



3.º MILHAR

Livraria Editora
GUIMARÃES & C.ª
68, Rua do Mundo, 70
LISBOA

Comp. e imp. na IMPRENSA LUCAS & C.ª
59, Rua Diário de Noticias, 61 — LISBOA

A' Margarida e Augusto

— para lhes dizer que não esqueci, nem esqueço, nem esquecerei os dias lindos da sua casa, da sua terra e da sua ilha.

BILHETE POSTAL

Meus Amigos: Este livro deveria intitular-se — Ilha de S. Miguel. *E ficava-lhe bem o vir á rua pela mão do Cid Celestial — padrinho e patrono da Ilha, tôrre de virtudes, que o pobre soberbo intentou retratar.*

Mas, como explico adiante, tenciono carpinteirar novo livro, êsse só pela Madeira e pelas ilhas açoreanas nêste não inscritas. Assim, acho conveniente pôr ao primeiro volume o nome que desejo para o segundo.

Isto quanto ao genérico do titulo. Quanto ao significado local, não se me representa falho de legitimidade. Pelo que lobriguei da Madeira, pelo que vi de S. Miguel, pelo que se conta das restantes ilhas dos Açores, aquilo são terras de feiticeira beleza corporea, com a alma tão linda que o Demo de lá se finou na mágua de a não marear, renascendo Jesus todos os dias em sua gloria e louvôr — Presépios de divina graça onde o mago e o pastor se confessam felizes, o mago na sua abastança, na sua mediania o pastor.

Porisso, formosas de corpo, alma e fortuna, elas são de verdade:

— As Ilhas das três formosuras.

Lisbôa — Fev., 1929.

SOUSA COSTA.

Madeira e Açores

Tinha pensado numa serie de manchas de perspectiva insulana. Ia repartir as ferias grandes do ultimo verão pelas ilhas dos Açores. No regresso a casa tencionava tocar na Madeira, onde já fui duas vezes. De maneira que, com as impressões da Madeira, polidas e ampliadas, com as impressões dos Açores, agora colhidas e enceleiradas, contava traçar duas duzias de paginas curiosas no pitoresco e novidade dos arquipelagos — que me serviriam de recreio ao espirito pela satisfação de reviver, e constituiriam uma voz mais a arguir o continente, surdo e cego ás apregoadas formosuras insulares.

Isto pensava-o eu, mais ou menos nêstes termos, ainda á hora do *Canadá* levantar ferro, a prôa de ventos á rota de S. Miguel.

Via a Madeira, na tela fresca da memoria, tal qual

a vira saír do mar, loira e vêrde, na maravilhosa manhã de sol, Maio despontando no calendario, em que o *Andes* me levou á comunhão das suas muitas graças. Os Açores imaginava-os providos de raros e varios encantos, porem tão reduzidos em numero que algumas horas bastariam para os sabêr de cór e salteados.

A ilha maior é a de S. Miguel — observava, fazendo o exame de consciencia da minha corografia adjacente. Mas, mercê das pernas que o Senhor magnificamente me confiou, mandibulas quilometricas de papar leguas, ao assentar pé em Ponta Delgada logo o parceiro devora as *Furnas*, das *Furnas* mastigando com igual diligencia as *Sete Cidades* — unicos pontos de relêvo e interesse, alem de Vila Franca, donde dois corações me desafiavam o coração, no mapa micaelense aprendido na conversa e nos livros.

Vista e revista em três dias a terra do Arcanjo, tomo um dos dois vaporsinhos da *Insulana*, e visito a Terceira, e percorro o Faial, as Flôres, o Côrvo — saltando em Santa Maria e na Madeira no retorno a casa.

Afinal, desembarco em Ponta Delgada — em seguida a ter visto a ilha de fóra para dentro. Começo a vê-la de dentro para fóra. E apresso-me a emendar os meus juizos antecipados, e ponho-me a engordar a minha magra corografia.

— Isto não é o que eu supunha! — comento, a ins-

trução acelerada pelo ritmo da revelação. — Nem aquele rei de França, o das pernas de pau denunciadas por Mestre Hugo, que «passava o Sena a vau», lograria corre-la e devassa-la nos tais três dias consignados ao meu roteiro de peregrino.

Alem disso, o vê-la de fóra, da amurada do *Canadá*, apresentára-ma formosa. O observa-la por dentro, nos seus povoados, nas suas paisagens, nas suas culturas, promovia-a a surpreendente.

Então compreendi a impossibilidade de lavrar a escritura das excelencias madeirenses — que eu vira só por fóra, e que num dia mais de convivencia não conseguiria auscultar por dentro. Então considerei que era condenar-me á quasi universal ignorancia das ilhas açoreanas, o insistir nos três dias de S. Miguel pela visita de horas a cada uma das suas irmãs.

Foi nêste transe que decidi passar as ferias em S. Miguel — girando, rebuscando, arquivando. E que resolvi nova viagem á Madeira — esta com a pausa necessaria para lhe merecer alguns dos mais intimos segredos. E que premeditei outra romagem aos Açores — ás ilhas que desta vez não tive tempo de percorrer e admirar.

Assim, o que fica escriturado nesta brochura, é a vaga ressonancia das minhas impressões micaelenses. No seguinte volume dêsta obra, o segundo das *Ilhas*

das três formosuras hei-de inventariar o que puder do belo e bom das demais ilhas dos dois arquipelagos.

Sim, meus amigos. Reconheço agora que a ilha da Madeira não é a cidade do Funchal, não é a subida ao *Monte,* não é o panorama do *Terreiro da Luta.*

O que poderá dizer da Madeira quem só viu o perfil oriental e a costa sul da ilha, e a cidade, e o *Monte,* e o *Terreiro?*

Foi o que eu vi, em rutila manhã inolvidavel.

Nêssa manhã de Maio, sentindo no camarote o ruido dos cabrestantes, denuncia de porto proximo, saltei do leito. Vesti-me á pressa. Saí ao convez.

A luz era ainda vaga poeira inerte flútuando nas alturas. Pelo que, a marinhagem procedia á baldeação do navio e á montagem dos cabrestantes sob o olhar frio das lampadas electricas.

Estou a ouvir êsse estridor metalico na confusão da penumbra. Estou a vêr-me de pupila fita, na cubiça de tirar a ilha da bruma alvorescente.

— Ah, lá está! Deve ser aquilo, em frente — aquilo, mancha negra, negra e conica, que torna os céos mais altos, e que igualmente póde ser terra ou nuvem.

Mas de facto estavamos perto de terra. Anunciára-mo

a lufa-lufa matinal da marinhagem. Afiançavam-mo os gritos das gaivotas, cujas azas por emquanto não descortinava. E mais do que a mancha conica do horisonte, e a azáfama dos tripulantes, e as vozes das gaivotas, jurava-mo certo ar estranho que, corria o convez, e envolvia o navio, e me dava a sensação de estar sorvendo frutos.

O mar, apenas crêspo, já não era negro, a êssa hora indecisa em que já não era noite, não sendo dia ainda. Muito menos azul, ou glauco, apezar da transparencia das regiões celestes, onde as estrelas sonolentas, uma a uma, iam cerrando as palpebras. Era pardo, côr da penumbra, charco de aguas baças que a prôa do navio riscava de branco.

O ar de fruta, agora tambem de flôres, tornava-se mais denso. A penumbra desentranhava-se em claridade. As aguas definiam-se, tomavam brilho. E porque eram crêspas, o brilho igualava-as ás superficies tremidas de pau santo.

Já descortinava as gaivotas, seguindo a esteira do barco. Já outros passageiros pisavam o convez, onde se apagavam as lampadas.

— Agora sim ! E' ela.

E era. Era a ilha da Madeira. Mas negra, ainda negra, imenso coagulo de sombra e misterio emergindo do fundo violaceo das aguas.

O céo, para as bandas da ré, animava-se de tons festivos, excedendo a todos o róseo das corolas a abrirem. Parecia que no horisonte longinquo, entre céo e mar, acendiam poderosa fogueira. E que a fogueira, em vez de labaredas, ou faúlhas, baforava para as alturas, aureolando o céo, corando o mar, um diluvio de polen de rosas e azaleas.

O que me alvoroçava, porém, não era o nascer do dia a levante. Era o nascer da ilha a poente. Pelo que, os olhos fitos no ponto enigmatico, sempre a avolumar, eu não via mais nada, nem dava ouvidos a coisa nenhuma.

De subito, o corpo ciclopico, do negro transmuda-se no cinzento. Daí a nada, toca-o não sei que poálha loira. E ele ruborisa-se, de alto a baixo, num timido halo de purpurina.

O navio entra a moderar a marcha — o coração cansado a desfalecer.

E o tôrso gigantesco cresce sempre, dando-nos a sensação de que está de joelhos, na oração da manhã — as mãos postas no pico Ruivo.

Aproximamo-nos. Já o temos ao alcance da vista desarmada. Já o sol o veste de lucida tunica de oiro. E por sinal tão diafana, quasi imponderavel como a da filha de Aurevg-Zeb, que já lhe distinguimos a epiderme rubra, e as veias vêrdes latejantes de mocidade.

Ah, agora mais do que nunca ! Assistimos a uma ascenção liturgica em plena crise de misticismo !

A ilha ergue-se, alça aos espaços os cúmes imponentes, como se de facto emergisse das aguas — limosa de algas, listrada de espuma, para se aquecer ao sol nascente. Apanhamo-la de perfil. Do lado norte descai perpendicularmente nos abismos — com berloques brancos de casais suspensos das escarpas biliosas, com peladas basalticas da lisura fôsca do aço. Os planos da frente galgam em anfiteatro as eminencias do pico Ruivo. E embora convulsos, a descerem em cascatas de cana, a saltarem em socalcos de vinha, semelhantes aos da Riba Douro, do *Port-Wine*, até morrerem nos rochêdos da costa, teem já outra aparencia, outra apresentação, outros modos.

Riem de fartos. Estão longe e oferecem-nos primicias. Peitam-nos docemente trauteando as suas bodas de Caná.

Ficam-nos os olhos nos seus lindos povoados. São autenticas aplicações de espuma por milagre condensada na tunica da dona bela. Ha uns que riscam de neve o bôjo das vertentes. Outros formam coalháda á borda d'agua. A estes pertence Machico, com a sua ponte á vista, e os seus canaviais, e os seus pomares.

Mas já vamos na costa sul, de prôa á cidade.

Esta já se enxerga de flanco, nódoa furta côres es-

correndo da montanha. Abeiramo-nos cada vez mais. O coração do navio deixou de latejar — mal palpita, em estertores de sincope. E a baía abre-nos os braços, na alegria de nos receber, as mãos espalmadas para nós — as mãos a que no local chamam a Ponta do Garajau, isto quanto á direita, e á esquerda a Ponta da Cruz. E as canôas veem ao nosso encontro, com rapazes nús para os mergulhos em cata de moedas lançadas de bórdo, com gentes de negocio — de bordados, rendas, colares, frutas. E faz-se silencio, os cabrestantes calados, os passageiros quêdos. Só as gaivotas acenam e gritam bôas vindas... E os meus olhos fixam-se, sem pestanejar, recolhidos na contemplação do inesperado espectaculo — tão formoso, louvado Deus! que folheando os mil canhenhos da memoria, não encontro outro a que o compare.

A luz cai das alturas, escorrega dos declives, mais transparente e mais dôce do que dôce e transparente melodia. O céo é palpebra azul apoiada á aresta da montanha. O mar é outra palpebra, tambem azul, cingindo as bordas ás pestanas da falezia. E a ilha, entre os dois azuis, afigura-se-me enorme pupila vêrde fitando-me risonhamente — a cidade, cá em baixo, vermelha e branca, com penachos de palmeiras e barretes de campanarios, a fingir de cataracta, a querer roubar a vista àquela enamorada pupila...

.....

Só quando me tocaram no ombro, com o anuncio da excursão obrigatoria, despertei do embevecimento : — a cidade, diante de mim, reproduzindo as pontas de crescente que notabilisam a baía, a ponta da direita a tocar a fortaleza do Pico, a da esquerda a afagar os vergeis de Santa Luzia : por sua vez a ilha, a ilha majestosamente bela, alcandorada á frente do navio, marginada de jardins, listrada de vivendas, encrustada de culturas, a dizer-nos que todo o horisonte é seu daquele lado do mar.

E aí vou eu, primeiro de gazolina, depois de automovel, de funicular, de cesto, de *cursão*, percorrer as sete partidas da cidade e suburbios.

Ainda tenho na retina toda a sinfonia em branco das lojas de bordados, — sinfonia executada por mãos pacientes de raparigas que corporisaram no linho as variações das espumas no desabrochar da ressaca. Ainda tenho no ouvido a cantacta do rapazio á passagem do forasteiro — acudindo em massa, lançando flores, clamorando *penny's*.

Ainda conservo em mente a sensação da subida ao *Terreiro da Lúta*, no funicular, por entre jardins que recordam sombras perfumadas do Oriente, por entre taludes de terra gorda que lembram postas de carne suando sangue.

E não esqueço mais o acinte da nevoa, que não sei donde veio, que de repente surgiu da guéla dos mares ou do ventre dos pendores mal entrei no *Terreiro da Lúta* — sonegando escarninhamente o panorama que me levara lá acima. E não mais poderei esquecer êsse panorama estonteante, servido em seguida ao almôço. O céo novamente azul. Novamente azul o mar. As pregas da saia de balão da ilha mergulhadas no elemento liquido. As florestas do alto a fornecerem-lhe enfeites até aos jardins da meia encosta. E a cidade, lá ao fundo, á beira d'agua, agarrada ás saias da mãe como no mêdo da voragem.

Por fim a descida vertiginosa no cesto, o chouto do *carrão* nos seixos ovais de ruas e praças, a visita á Sé, a visão duma quinta.

E não esqueço os noivos inglezes. Eram aos pares, aqui, alem.

Como disse, isto ocorria em Maio. A Primavera a noivar, a dar os exemplos do amor, a murmurar e a cantar o crescei e multiplicai-vos genesico.

Os noivos inglezes fugiram das brumas de Albion para se aquecer á Primavera da luz, para encher de sol as almas e os corações.

Mas isso sim! Apezar dos exemplos da Primavera, apezar dêsse sol voluptuoso da Madeira, que está no segrêdo de certos filtros de Mefistofeles, os noivos in-

glezes mantinham nos olhos e nos corações a temperatura de dez graus negativos.

Encontrei-os eu, a jogar o *tennis*, não a beijos, aos pontos. Cruzei com êles na baía, corpos e almas alheios ás momices do amor, almas e corpos presos á sedução do movimento. E no *Terreiro da Lúta*, no restaurante, um outro par, a noiva da esbelteza loira da haste e espiga do trigo, o noivo da robustez sadia do tronco e rama do carvalho — juro-vos, surpreendi-os eu, ela a decifrar palavras cruzadas num *magázine*, êle a fiscalizar pelo janelão do *Times* as cotações do cacau e da borracha !

Ah! um minuto mais. Preciso rememorar outra lembrança, desde êsse dia comigo como se de mim fizesse parte.

E' a do ar que se respira naquêle ambiente. Perturbára-me ao senti-lo de longe. Ao desembarcar no cais, ao percorrer a cidade, ao subir á montanha, alagou-me os pulmões, penetrou-me as carnes, embebedou-me os sentidos.

E' um ar que não tem egual. Fabrica-se ali mesmo, para uso exclusivo do funchalense e do seu hospede. Fabrica-o o mar, a cidade e a montanha — todos três de sociedade. Como e de quê? Da exalação das ondas, do balsamo dos jardins, do incenso dos pomares — tudo misturado e dissolvido no bafo capitôso que o sol de todo o ano derrama do azul.

Porisso o recebemos de chofre e nos sabe a algas, em que flutuassem halitos de nardo, donde escorressem sumos de morango. Entorpece-nos como narcotico e exalta-nos como nectar, — quebrando-nos ao mesmo tempo como a castidade dos beijos que se dão ou se recebem por inocente mandado da ternura. Apega-nos á vida e amolece-nos de sonho — a fibra sequiosa de gôso, a alma no embalo da bemaventurança. E mesmo na pobreza de Job, ao influxo dêsse mel que se toma pelas narinas, á sugestão dêsse vinho que se bebe pelos poros, surpreendemo-nos a cubiçar as riquezas de Salomão — palacios, tesouros, canticos, o olôr dos cachos gemeos do seio da Sulamite...

Mas isto não basta para me autorisar a depôr em relação á Madeira. Voltei lá, é certo. Na volta, porem, pouco acrescentei ao espolio do primeiro comercio. Bati á porta do Nababo e não adiantei o passo alem do vestibulo. Espreitei á entrada do jardim e não passeei os canteiros do seu senhorio. Não fui a Camara de Lôbos — a que se debruça sobre as ondas de despenhadeiros da altura de castelos. Não me relacionei com a região vinhateira da Ribeira Brava — a que dá as entranhas e o berço aos melhores licores da ilha. Não trepei á En-

cumiada, donde a vista salta do mar do sul ao do norte e o viandante desce a S. Vicente — povoaçãosinha enquistada na garganta de possantes montanhas. Não sondei as florestas do Ribeiro Frio, no brando balouçar da rêde ou no deslizar cautelôso do *cursão*. Não visitei o Machico, nem Santo Antonio da Serra, o baluarte do veraneante contra os ardores do estio, nem a Camacha, o solio do vilão que melhor aparelha artefactos de vime.

Não ouvi a cantata das vinte cinco fontes do Rabaçal, nem os clamores da queda d'agua do Risco, como não fruí as delicias da quinta famosa da Palmeira, nem pisei o chão historico da quinta Rocha Machado — aquela em que expirou o ultimo imperador dos austriacos.

E não era com um dia a mais, no regresso do *Lima* ou do *S. Miguel* ao cais de Santos, que eu podia vêr tudo isto. Assim, agora, neste primeiro volume, escrituro o que vi e senti com olhos de vêr e coração de sentir em terras micaelenses. No segundo, escriturarei os sortilegios da Madeira, que são muitos, e os mil e um primores de Santa Maria, Terceira, S. Jorge, Graciosa, Faial, Pico, Flôres e Côrvo — de cada uma dêstas ilhas procurando marcar a distinta personalidade, nos costumes, na belêsa, nas lendas, nas tradições.

E Deus me dê ensêjo, tempo e fôrças para a obra

que muito apeteço — de nada servindo ao temporal e moral dos arquipelagos em causa, mas que proporcionará a êste sequiôso de espirituais riquezas a momentanea ilusão de que transpoz de nôvo as portas do El-Dorado.

Na rota da Atlantida

E só às onze horas da noite, adormecidas as metralhadoras dos cabrestantes de bórdo, o *Canadá* largou do cais.

Lenços a acenarem da amurada, do cais a acenarem lenços. O transatlantico, na sua imponencia alva de cisne gaulez, cisne com dois colos que fumegam — nova hidra de duas irosas cabeças — volta a quilha à cidade riscada de lumes, mete a prôa ao mar coalhado de treva.

E aí vamos nós, Tejo abaixo, por um caminho negro, de margens pespontadas de fios luminosos, que se estorcem e dançam em fosforescentes convulsões. Em vez de canas, ou silvedos, na berma dêsta estrada palpitam flamulas vivas de fôgo.

A cidade, alcandorada nas suas sete colinas, à medida que nos afastamos, vai perdendo os contornos ca-

racteristicos, vai-se tornando em mancha alvadia, em nuvem parda, com muitas estrelas a espreitarem-lhe dos flancos. Já estamos em frente da basilica dos Jeronimos, cujas agulhas misticas mais se adivinham do que se veem. Já temos à ilharga a torre de Belem — a custodia filigranada da alma luziada de quinhentos, até na bruma a mostrar-nos a grandeza de marinheiros e descobridores.

Entramos na baía de Cascais sob o assobio silvante do nordeste, com as luzes da Costa do Sol, das praias da Parede, dos Estoris, de Cascais a pestanejarem de sono. Daí a nada, o ritmo cardiaco do agil mastodonte acelerado ao maximo, as luzes da costa são difusas estrelinhas de vaga percepção, a costa não passa de borrão de tinta a marcar o horisonte. E é tinta, tinta negra, apezar da quilha do navio, ao rasga-lo, lhe lançar golfadas de leite, o elemento em que vogamos. Tudo negro em redor de nós — céo e mar confundidos na mesma escuridão de abismo e misterio. Olho em frente. Só a luzinha do santelmo brilha na densidade da sombra. O mais, o céo está do negrume do mar, o mar do negrume do céo. E céo e mar tão perto um do outro que por vezes temo que a ponta do mastro grande rasgue os fundamentos da mansão sideria.

Este é na verdade o mar tenebrôso que os meus avós de quatrocentos, nas caravelas e galiões de pouco

maior côrpo que o das canôas abraçadas aos turcos do *Canadá*, jornadearam em todos os rumos e mediram em todas as distancias, padres mestres do *a b c* nautico dos Colombos e Vespucios que vieram a ficar distintos nas suas provas de navegadores.

Estão cerradas as palpebras de quasi todas as escotilhas, ao longo do convez deserto, à hora em que recolho ao camarote. Deito-me no leito alvo e fôfo. E ao pousar a cabeça na almofada, tenho a sensação de que em vez de dormir, vou auscultar o coração inquieto dêste enorme cetaceo — em cujo ventre me sinto outro Jonas, não em busca de Ninive, pecadora e idolatra, mas na rota de S. Miguel, nos Açores, a antiga Atlantida, que do fôgo e cinza de remoto castigo renasceu para as celestes graças da vida de hoje.

De facto, como Jonas, que no ventre da baleia, no espaço de três dias e três noites não fez senão orar e encomendar-se ao Senhor, eu não consigo dormir, eu não faço senão sonhar acordado. Revivo as impressões da minha primeira noite de bórdo, á mercê do *Andes*, a caminho do Rio de Janeiro. Revejo leituras recentes a proposito dos Açores historicos e dos Açores preistoricos, com os seus cataclismos, façanhas e lendas.

E sonhando, e reconstituindo, surpreendo-me de subito ao alcance da voz douta e da clamide severa de Platão, que pela bôca de *Solon*, o mais esclarecido dos

sete sabios, se põe a contar-me a historia verdadeira e admiravel da portentosa Atlantida, a qual traz sabios de hoje, da competencia e honestidade de Pierre Femier e Abbé Moreux, em afadigadas pesquizas.

Era maior do que a Asia e Libia reunidas. Os seus reis e os seus guerreiros, transpondo as *Colunas de Hercules*, alcançavam o Egipto, assolavam a Europa, espantando os letrados pela soma das suas luzes e dominando os exercitos pela força das suas armas.

Em certa noite convulsa e caliginosa o mar enguliu tudo isso, terra, soberanos, guerreiros — deixando de fóra, como prova de vera existencia, os cumes da Islandia ao norte, mais abaixo os dos Açores, da Madeira, das Canarias.

Reabro e fixo o mapa da ilha Atlantida, do insigne Kircher, jesuita e investigador. Passo em revista as modernas escavações do Mexico, os monumentos exumados do solo mortuario, as colunas egipcias, as esfinges faraónicas, tudo o que consta do conhecido guia de Campbell's, tudo o que se encontra nos logares explorados e nos Museus mexicanos — e concluo pela evidencia das relações preistoricas, talvez atravez da Atlantida, entre os do Egipto e os da America.

Na penumbra do camarote, incandescentes e sonóros, atravessam-me então a memoria os versos capitais da *Atlantida* de Verdaguer.

A visão do formidavel cataclismo. que sepultou sob as vagas o vasto continente, atardoa-me a retina. Ouço as trombetas sinistras convocando os mundos agonisantes para o derradeiro julgamento. Vejo as ondas do mar, como brancos corseis sem freio, assaltando cidades e florestas. Assisto ao naufragio de cordilheiras e outeiros engulidos pelos abismos, deixando na espuma das aguas, como marcos da sua passagem, ilhas dispersas, picos altaneiros.

Ao remomerar o poema evocativo e profundo, lembro-me uma vez mais do insigne Abbé Moreux, que no seu notavel trabalho, *L'Atlantide a-t-elle existé?* lhe confere superioridade em relação a quanto produziram poetas catalães, castelhanos e portuguezes do perto e do longe.

E sinto crescer, à sugestão do mar proximo, a minha discordancia com o sabio astronomo. É que tambem mais uma vez recordo Camões, o epico dos descobrimentos maritimos luzitanos, o lirico dos lendários amores da minha terra, aquele a quem criticos e exegetas da altitude de Schlogel, de Stork, de Michaellis, de Wardswort, de Bell, ora colocam ao nivel, ora erguem acima de Dante e Petrarca, de Ariosto e Tasso.

Mas serão na verdade as ilhas a que me dirijo os restos da grande Atlantida? Ou serão apenas as guélas mortas de antigos vulcões marinhos — faróis por Deus

acêsos nos mares ignorados, na era das transmigrações alheias à bussola e ao sextante?

Ah, já sei. A ilha de S. Miguel, o que é, segundo o depoimento escrito do infalivel dr. Gaspar Frutuoso, cronista do seculo XVII e das *Saudades da Terra,* é o gigantesco cadaver do poderoso Almourol. O cadaver do gigante, donatario do castelo do mesmo nome, castelo ainda hoje de pé ao meio do Tejo, fôra arrastado rio abaixo por temerosa cheia, vogára dias e noites no «mar oceano», até que em recuada manhã encalhára nos rochedos chamados *Formigas,* tornando-se seu inerte corpo seio fecundo de criação.

E a ilha de S.ta Maria, sua visinha do lado? Êssa é a mulher do gigante, a moura Cardiga. Indo atraz do marido, «saltando as ondas como poldras», o seu côrpo morto encalhou noutros rochêdos, fronteiros e visiveis daqueles, convertendo-se egualmente as suas fibras em terra fertil.

Pelo que, as duas ilhas açoreanas, colocadas a par, são as estatuas jacentes de dois amorosos sepultados no deserto dos mares.

Consigo adormecer de madrugada. Levanto-me à primeira hora do dia. Vou vêr o mar.

O mar! Agora não lhe descortino o fim. Ou o fim

está no proprio céo afastado, que lhe dá aquele caris veludinio de colcha furta côres — azul aqui, do azul veemente das sêdas de Tonkim, alem rosado, daquêle roseo fino das flores de raça, ao longe cinzento, ou pardo, ou rôxo. Toda a colcha palpita, ondula, como se estivésse estendida no vacuo, e brizas ligeiras mansamente a agitassem. Todo o vasto estôfo fulgura, scintila, como se do céo lhe entornassem em cima milhões de lantejoulas e pedrarias. E porque o sol já anda nêsse instante acima da linha do horisonte, rubro qual sinête de lacre, mais frio do que coagulo de sangue, daquela banda até ao navio parece aberta à superficie das aguas uma estrada de fôgo — a que o navio, único sêr vivo na imensidade deserta, vai fugindo sempre, arquejando e fugindo, no mêdo de se queimar.

Seria como esta, luminosa e tranquila, a manhã de Maio em que Gonçalo Velho, no comando da sua nau, por aqui passou tambem, com mira no reconhecimento de S. Miguel?

Na manhã seguinte debruço-me outra vez na amurada, outra vez observo e anoto o que me cerca.

O céo não se modificou. O mar não mudou de roupa, nem de expressão, nem de movimento. Sinto o desconsôlo de quem verifica encontrar-se no mesmo sitio... depois de vinte e quatro horas perdidas.

Começa a invadir-me o cançasso da monotonia do

mar — que eu lamento já não tenha os monstros da fabula, ou sequer aparições de sereias, ou ao menos assaltos de tritões, para nossa distracção e regalo.

Mas tem, sim senhor. Monstros efectivos e não fabulosos — grita-me aos ouvidos, apontando a sudoeste, um marinheiro herculeo.

— *Les baleines! Les baleines!* — intima, na sua voz jubilosa de baritono.

Olho ao largo, no rumo indicado. E lá descubro, de facto, com o espanto e o agrado das iniciações desde sempre cubiçadas, dois colossais robles negros, quasi de braço dado, embalados no berço azulineo das aguas, com os repuxos de vêr a Deus a empenachar-lhes os formidandos toutiços.

O grito do tripulante repercute ao longo do convez, trespassa o bôjo do navio. E daí a nada, não se veem senão dedos espetados, olhos esgazeados, binoculos assestados, em toda a amurada — um comico formigueiro heterogeneo de robes e pijamas, os buracos das escotilhas floridos de estremunhados crisantemos, cheios de cabeças desgrenhadas, cabeças loiras, cabeças pretas, cabeças grisalhas.

E as duas baleias, à certa um par de noivos no gôso da sua lua de mel, na primeira viagem de nupcias, tornam-se o prato de resistencia de todo êsse dia interminavel — mastigado pelos francezes, ruminado pelos

inglezes, deglútido pelos portuguezes, a toda a hora na mêsa, à falta de outra iguaria.

Farto de baleia, ao começo da tarde procuro refugiar-me em Pascal, levar a alma à sarça ardente das maximas do *Pensées*. Mas as tebaidas foram sempre no deserto, e o convez do *Canadá* é agora a feira franca.

Um grupo de francezes, à minha esquerda, continua a escorchar as baleias. Um dos do grupo agita na mão nervosa a brochura amarela do *Amour dans l'Amérique*, de Pisani, fazendo rir os do conciliábulo. O chefe do riso é um velhote de Lille, copia fiel de Silvestre Bonard, do papá Anatole, que por palavras e obras desmente dia a dia as judiciosas conclusões de mestre Baigey — o que, na *Médicine des Passions*, outorga todas as claridades matinais aos homens do sul, condenando os do norte a perpetuas sombras noturnas.

Á minha direita, noutro grupo, em que ha francezes e americanos, declinam-se os factos mais notaveis da historia das guerras entre baleias e espadartes. Ilustra o grupo a cabeça olimpicamente oxigenada de certa actriz parisiense de *L'Athénée* — prova viva da incompetencia da reação quimica dos oxidos industriais contra os delictos criminosos da decrepitude. A actriz de *L'Athénée*, ora escuta sorrindo, ora lê anotando, ora fala desarticulando-se. E quando sorri, o pêso dos anos sai a esticar-lhe caricaturalmente os musculos faciais

sob as estratificações de crémes e *rouges*. E quando lê, a inclemencia da presbitía fórça-a a arvorar uma lente maior do que as boias de salvação, tirando notas com um lapis que semelha um braço do cabrestante. E quando fala, Deus Nosso Senhor! quando fala, gesticulando, alçando os braços, sacudindo as mãos, é como se estivéssemos no mais agreste dos invernos sob copiosa chuva de ossos...

Ah, tambem fuma. A outr'ora jovem actriz de *L'Athénée* fuma loiros *Arkis* — por boquilha mais longa do que o mastro grande.

O dia vai no declinio. O sol vai entrar na extrema-uncção. E já as nuvens sulcam os céos, providenciais umbelas com o Senhor-Fóra.

O mar, todo encharcado de azul, e rubro, e cinzento, confórme o local e a distancia, está nêste momento na ansiedade da pequena vaga, a que resolve em ligeiras florações de espuma — na carneirada da nomenclatura maritima. Vendo o sol a morrer, não seria demais supôr-se que o mar chora alvas lagrimas de dôr...

As nuvens arrastam os passos, lentamente, e na marcha de penitentes ensaiam fantasticos quadros vivos.

Estas fazem de leões rompantes em escudo de oiro, e logo a seguir figuram bois atrelados a ignea charrua. Aquelas são as bichas de sete cabeças dos livros de

contos infantis; a certa altura cerram as fauces, enrolam as cabeças nos troncos, fazem-se compactos novelos, transformam-se em torsos da gigantes inclinados sobre as solidões marinhas.

A fadiga do sempre o mesmo, a toda a hora, pesa sobre mim, entorpece-me os movimentos, aniquila-me a vontade. Quasi não ouço a musica, e olhem que estamos sob o *jazz-band*...

Na manhã seguinte, porém, ao cheiro voluptuoso de terra, acordo, ergo-me, ressuscito.

Subo ao convez superior, avanço até à ponte de comando. A luz incerta do amanhecer é azul, azul e branca, tal qual cortinado de gaze cheio de flôres de miosotis.

E a terra lá está, na verdade, agora toda vestida de azul, pacifica e formosa como a viram os meus ascendentes da era dos descobrimentos, se a viram a êsta hora e a êsta luz.

Enxergo terra à direita, muito perto. Descubro terra à esquerda, muito longe. A ilha de S.ta Maria à esquerda. Á direita a ilha de S. Miguel. Sinto-me em plena Atlantida, julgo-me na presença de dois continentes.

Olho, embevecido. Aproximamo-nos sempre. Agora

começa a ser tudo vêrde. Uma voz, à minha beira, voz portugueza como a minha, vai anunciando a forasteiros como eu — à maneira dos arautos antigos:

— A Ponta do Arnal...

Sigo-lhe o gesto e a lição — vendo a ilha a abeirar-se de nós, gigantesca e fluida, na fórma de corpo humano deitado de bruços, o que explica a fabula do gigante Almourol, a espinha dorsal arqueada até às nuvens e hirsuta de vertebras salientes.

Á Ponta do Arnal, extrema do nascente, alterosa e abrupta, correspondendo à cabeçôrra do gigante, segue-se a Ponta de Agua Retorta, cá mais ao sul. Depois, como cerumen no pavilhão do ouvido, entre rochêdos formidaveis, branqueja a velha Povoação, veneranda avó dos povoados micaelenses, filha primogenita de Gonçalo Velho — que ali aportou em manhã talvez risonha como êsta.

Já é tudo vêrde, altos e baixos. Parece que o gigante, tendo ressuscitado ao influxo da vida que o povôa, tomou o seu banho nocturno nas aguas profundas — e surge à luz do dia coberto de algas e liquens.

— Olha: Ponta Garça! — povoado quilometrico, no flanco do velho monstro, muito branca, toda pontuada de portas e janelas ao longo da estrada — o que nos dá a convicção de que o gigante conhece os pontos e traços das fitas telegraficas...

Agora Vila Franca, para onde dirijo os meus ocios de veraneante: — alva de neve, à beira mar, no regaço fresco da montanha, lembra coifa de ovos a entornar-se nas aguas... Ergue-se-lhe em frente um ilheu de não sei quantas braças. A' ilharga dêste, de sentinela, o obelisco a que puzeram o nome de Ferrolhão.

O Pico da Praia está ainda com barrête de dormir, a cicatriz branca do canal hidraulico a cortar-lhe a curva abdominal.

A Ponta da Galera, ciclopica e arrogante. E ao transpor mo-la, Ponta Delgada, a capital dêste lindo departamento sobrevivente da extinta Atlantida, aparece-nos à prôa, entre môrros conicos, ao fundo de colina vêrde, nos braços da sua baía já scintilante de sol...

Atlantida ou Algarve?

O *Overland* que há-de conduzir-me a Vila Franca do Campo, timonado por seu senhor, Augusto de nome e augusto de condição, estremece no nervosismo da marcha proxima.

Um toque suplementar de busina — busina com evidente rala de faringe, o que me leva a requerer do seu senhor, médico de profissão e dorído de sensibilidade, que lhe prescreva ao menos a urgente terapeutica da diabelha e malvas, tisana com o credito dos seculos. E o auto, côrpo são com voz doente, arranca leveiro, o coração sem falha, os pulmões desimpedidos.

Vamos vagarosamente, no embalo das molas elasticas, na primeira homenagem à soberana cidade dêste rincão atlantico — cidade a que louvo ruas bem calçadas, casas bem vestidas, as narinas a arfarem na busca do perfume daqueles afamados jardins que de formosos se prestigiaram de lendários.

Logo à saída do cais me prende os olhos a frontaria da matriz de S. Sebastião, cingida ao grosso campanário quadrangular, à maneira de casa solarenga sob a tutela da torre de menagem.

Noto, de relance, a traça manuelina do portão central, sendo as portas laterais de profuso joanino.

Notára já o arco de três vãos, fronteiro à igreja, sobranceiro ao porto, destinado ao ceremonial das recepções solenes.

Este arco, de fabrica singela, ao que por conversas e leituras conheço dos costumes e indole micaelenses, é mais um simbolo do que um enfeite.

Está ali, a dois covados do mar, à bôca da cidade, aberto ao passo de todo o forasteiro.

E no entanto, só consegue transpô-lo o que se habilita com a chave de oiro da confiança.

Sem êssa chave, embora o arco não tenha portas, não ha força ou dominio capazes de o abrirem. E' a entrada da fortaleza inexpugnavel dos corações, não a dos precários castelos de guerra e morte. Abre-se com dois sorrisos. Ninguem o vence com todas as armas de terra e mar.

Na construcção rica predomina o tipo consagrado do solar setecentista — um só andar, andar nobre com a sua fiada de sacadas salientes, quasi sempre com a carta de crédito dos moradores no brazão heraldico do

portão ou do cunhal. Nos predios de categoria média e nos de indole pobre não ha estilo caracteristico — se exceptuarmos uma outra casa, de linhas exoticas, a puxar para o negregado *chalet* tão no uso de termas e praias. O mais, é tudo esquadria simetrica, os andares cumulativos daquem e dalem. Apenas um ou outro aspecto de pormenor lhe dá mais acentuada semelhança com os predios urbanos de certa provincia do continente: o predominio dos muros rutilantes de cal, o ressalto da platibanda cimeira das frontarias, a sobrevivencia das chaminés talhadas ao geito de minarêtes — minusculos minarêtes.

Isto é algarvio. Isto cheira e torna a cheirar a Algarve. E não só ísto: — tambem a mulher de capote e capelo que eu vi saír da matriz, que eu vejo calcurrear as ruas, bicho sinistro de olhos embiocados, ainda hoje frequente em Olhão, no paiz das amendoeiras e laranjais. Outro sinal de semelhança: — os aprestos dos jumentos de carga, os ceirões bifurcados nos lombos — só diferentes dos algarvios em que estes são de esparto, de vime aqueles.

Sinto-me nas ruas e praças de Faro. Ponta Delgada, maior do que a capital dos reinos dos Algarves, reproduz a quasi totalidade dos seus traços fisionomicos. Não lhe faltam sequer adufas e gelosias muito do agrado da mãe continental.

E agora, percorrida a cidade, num ligeiro contacto de vista cinematografica, o carro mete à estrada de Vila Franca.

Seguimos rente ao porto, junto da Ponta da Calhêta, com molhes e armazens assentes em negras rochas de basalto, outr'ora calcinadas nas fogueiras vulcanicas. O *Canadá* repousa ao largo, branco e corpulento, no cerco inquieto do cardume de canôas e gasolinas. Desenham-se outros mastros, outras chaminés, outras quilhas de encontro ao molhe mais recuado. E quasi à mão do viandante, o maximo a vinte braças, este comilão de sempre que é Sua Grandeza, o Mar, saboreia os restos de opulento festim começado em horrida manhã de rugidos e ferocidades: — a carcassa de navío de ferro ali abatido, trinchado e devorado.

— Olha, Rôsto de Cão — apregôa o meu Guia.

Eu chamar-lhe-ía antes *Rosto de Urso* — àquele enorme bloco preto com formas de quadrupede, coberto de lã da cabeça aos pés, os membros inferiores derreados, firmado nos superiores, o focinho agudo a farejar a maresia ou a desafiar as ondas.

A manhã está formosa como quadra festiva de noivado: — toda ela ri, toda ela canta, ébria de luz e perfume. Diz-se que não ha duas horas iguais nêste clima feito pelo mar, à sua imagem e semelhança — nêstas ilhas que ás tantas horas o mar desnúda, para

na sua soberba nudez lhes exaltar a plastica de maravilha, envolvendo-as logo no capote e capelo tecido de densas neblinas, tôrvo de zelos pelo sol que lhes aquece os flancos. Mas torna a descobri-las, pouco depois volta a esconde-las. Porisso corre por verdadeira a versão de que nos Açores, em cada dia, se conhecem as quatro estações do ano — Primavera, Verão Outono e Inverno. Será assim, não contesto. O que posso alegar e provar, entretanto, no que respeita a esta feiticeira manhã de Agosto, é que não vi ainda senão sorrisos e louçanias de Primavera. E não foram duas, foram três as horas de contemplação no navio, ao longo da costa. Uma hora dei-a aos cumprimentos de bôas-vindas dos da familia, e dos amigos, e dos conhecidos. Outra hora contei-a nas atribulações da alfandega e nas homenagens à cidade. Vou aqui, portanto, — na escala amavel de Vila Franca, com cinco horas de céu, mar e terra micaelenses, sem que as graças da ultima hora sofressem alteração no confronto com a primeira. E' o mesmo céu azul grisalho, só franjado de nuvens no tôpo dos picos. E' o mesmo mar de anilina, vivo e calmo, no extase mudo da bem amada. E' a mesma luz do amanhecer, alumiando a terra trajada do mesmo vêrde: — luz discreta, apezar do sol já alto, a descer dos céos envolta em certa poeira imponderavel que lhe dá o tom do oriente das perolas.

Cortámos ao meio a Fajã de Baixo — a Fajã de Cima admirei-a de bórdo, na riqueza das suas estufas de ananazes, que ora me pareciam alvas salinas, ora lençois a corar ao sol.

A' aparição subita da vila da Lagoa encontro-me outra vez na sugestão do Algarve. Muitas das suas casas, em vez de vertentes de telhados, adotaram o terraço chato das açoteias: — moda mourisca que forneceu figurinos às casas algarvias.

O coração do *Owerland* adianta o ritmo, do brando transita para o acelerado, na brusca subida da serra de Agua de Pau.

— Agua de Pau?!

Veem à conversa os porquês da estranha toponimia, na pressa da corrida. Talvez pela pressa da prelecção não lhe lobrigo outra logica alem dêsta: — um dos arquipelagos adjacentes dá-nos agua de Pau como o visinho nos brinda com vinho da Madeira.

De subito planamos atravez da povoação de Agua de Pau, aninhada no reconcavo das abas da serra, protegida das nortadas por escarpas altaneiras, que só não são contrarias aos troncos e ramos da flora dali natural. E é ao abrigo dessa espalda limosa de fortaleza que o povoado espreguiça os longos braços, muito feliz — claro, depois de ter posto laboriosos cuidados de jardineiro nas geiras e courelas que na roda do ano se

não cansam de bemdizer do arado, e do sacho, e da semente.

Outro dom apreciavel vindo do Algarve: — o algarvio, filho do arabe e do mouro anteriores à reconquista, herdou o amôr do mouro e do arabe pelo cultivo da terra. Mas, ao mesmo tempo que muito quere à terra, quere muito ao mar. Dêste mutuo sentimento amoroso nasce, e pulúla, e alastra o vergel em flor que é toda a costa algarvia. Aqui está, na ilha de S. Miguel, o mesmo amôr à leiva generosa expresso nas hortas, e vinhedos, e searas que lhe cingem os flancos de opulento cinto de esmeraldas.

No termo do povoado a estrada torna a subir. Daí a nada, porém, desce outra vez. E sóbe, e desce, em curvas e contra curvas. São tantas as descidas e subidas, as voltas e contra voltas, que me julgo na vertigem de *montanha russa*.

A Ponta da Galera arranca para o mar, à nossa direita. O solo abate-se, descaindo da estrada até à costa, formando lindo presépio fechado a nascente e poente pelos cortinados vêrdes da serrania. E' nêste bucolico presépio, pelos profanos designado de Caloura, com escadinhas e talhões ornamentados de milharais e canaviais, que se festeja nas vindimas o *Menino-Môsto* de mais credito em toda a ilha.

No ar erram essencias de flôres e halitos de frutos.

Eu não estranharia se visse o automovel, pois ouço-o no zumbir das abelhas, embrenhar-se nas espessuras por se considerar no Himêto.

Retomamos a beira mar. Alteiam-se-nos à esquerda as falesias impressionantes de bizarras e coloridas formas. Aqui lembram venerandos muros egipcios com inscrições hieroglificas. Ali teem a aparencia de *sandwiches* com fatias de queijo e carne sobrepostas. Ali e além, na seriação continua das estratificações, elas são sempre o grande livro, exemplar único, de folhas lucidamente impressas, contendo a historia tragica da lava e do aluvião, anteriores e posteriores à vida e obras da Atlantida duvidosa e dos certos descobrimentos. Isto das bandas da esquerda. Que da direita, só vemos mar, mar tranquilo e brilhante, a dois passos de nós, a querer tornar brancos os negros rochêdos que foram no principio o carvão ardente de horrendas combustões.

A primeira recta do caminho. O auto sorve-a, num ah... consolado, emquanto o Diabo esfrega um ôlho. Reentramos logo nos caracois das curvas apertadas. Êsta, agora, Deus vá conosco! dá-me a sensação de que me enfiam na rôsca de monstruoso sacarrôlhas. Cá de cima a vista torna a banhar-se no mar.

Perto da costa, ao longe, um ilheu.

— E' êle! E' o ilheu de Vila Franca aquele que eu contornàra de madrugada, a bórdo do *Canadá*. Ob-

servado daqui, dêstas alturas, é enorme dente cariado com a corôa esburacada até à raiz.

Agua d'Alto: — outra povoação que vem à estrada, de fio a pavio, para saber quem passa.

A reincidencia da agua ligada aos nomes dos povoados tem a sua explicação na abundancia local de mananciais. Pelo que, as obras de misericordia, nêsta terra da bôa doutrina, começam por dar de beber a quem tem sêde. De quilometro a quilometro depara-se-nos uma fonte com o seu jôrro de agua — jôrros que não comparo ao meu pulso viril por impedimento da sua transparencia cristalina e do seu canto de sereia.

Mais duas arrancadas, mais dois deslizes, e estamos em Vila Franca, a antiga capital dêste paiz de lendarias realidades. Recebe-nos à entrada o convento de S. Francisco — santo guardião de hospitaleiras tradições.

Eu juro-vos, que ao abranger na orbita dos meus sentidos a linda vila açoreana, muito alva, no fundo alcatifado das vertentes, tive a repentina ilusão de que a montanha é um sêr vivo, de que a serrania guarda no seio afectos maternais. Ah, não o duvideis! E de que um dia, não de sol como êste, mas de rouco e uivado temporal, vendo o mar a ameaça-la, na suposição de que lhe furtava aos direitos qualquer exquisita iguaria, a mãe montanha, curvando-se, mostrou ao rude sibarita aquela abáda de frútos — que não eram dos seus

dominios pagãos, pois só a Cristo deviam e devem primicias...

E não só me saiu ao caminho esta impressão. De novo, mais activa do que nunca, me salteou a impressão do Algarve.

Os predios da mesma linha. As chaminés do mesmo estilo. A cal ferindo-nos os olhos. As esteiras com cereais ocupando a testada de cada um. Os oleiros com as suas peças a secar às portas soalhentas — peças da traça e côr das de Loulé. E não falta sequer a prosodia dificil de Olhão ou da Quarteira nos serviçais que descem à rua a saudar-nos.

Bem diz o abastecido e esclarecido dr. Gaspar Frutuoso: — Gonçalo Velho, partindo do Algarve para o reconhecimento de S. Miguel, trouxe comsigo colonos de Africa. Foram os mouros dos primeiros trabalhos agricolas e dos primeiros predios urbanos, que deixaram a memoria da sua passagem no negro humido de muitos olhos luminosos, e nos lenços brancos das mulheres do povo durante os serviços domesticos — apertados na cabeça á moda de turbantes. Depois, atravez de sucessivas expedições, a maioria saídas do Algarve, embora comandadas por capitães e donatarios do norte, o fecundo paiz algarvio forneceu à ilha o caudal das gentes de povoamento e cultivo.

Mas isto, afinal, é a Atlantida ou o Algarve?

Só não me decido pelo Algarve porque as gentes daqui, por obra e graça de cruzamentos e clima, se revelam hoje muito distintas daquelas.

As gentes algarvias dos campos recebem o forasteiro como se ainda estivessem em guerra com os cristãos. As gentes campesinas dêstes sitios acolhem-nos com o ar de irmãos de excelente irmandade...

E a luz. Tambem é diferente a luz. A luz algarvia tem a estridencia capitosa dos hinos marciais. E vem ao mundo olimpicamente núa, gloriosa Venus no deslumbramento das festas pagãs. Pelo contrario, a luz dêsta ilha até nos dias de sol vem para nós na timidez de donzela de rimance ao abeirar-se do prometido. E como se êstes fossem os tempos em que havia donzelas, aparece-nos toda vestidinha de tule—um tule mais fino do que o dos veus de casamento.

Em Vila Franca do Campo

Sim senhor, isto é que se chama dia de chuva! As cordas de agua, esticadas pelo nordeste, riscam de alto a baixo a penumbra. Na sua obliquidade regular lembram os fios da urdidura nos trabalhos caseiros da tecedeira. O meu primeiro domingo de S. Miguel faz-me reflectir na probidade daquele aforismo continental em que a sabedoria do povo nos afiança: «quando Deus quere, com todos os ventos chove...» Com todos os ventos e com tôdas as estações. Segundo a letra do calendário, encontro-me a êsta hora sob o benéfico signo da Virgem: — a Virgem sentada em fôfo cochim, a abanar-se à palma da fortuna e a sacudir cá para baixo os calores que fortalecem searas e sazonam frútos. E mais — lá o diz a letra — hoje há céo limpo e temperatura alta: tudo correspondendo à indole do mesmo signo. Além disso, na certeza plena da canícula, man-

da-me mergulhar de alporca os craveiros e tirá-los do sol...

Mas de que sol, senhor almanaque das pêtas? Isto não é sol, é chuva! Isto não é Agosto, é Dezembro! E depois acuse-nos de incrédulos, se nos não dispensamos do impermeável ou do capote, nos dias em que nos assegura todos os cálidos bafos apolíneos!

Não é só a chuva. O dia de hoje assinala-se por ventania própria do Inverno ou da Primavera — da Primavera, sim, a filha família mais desabrida e mais risonha, mais *coquette* e mais histérica dos dois hemisférios.

Estou na salinha aconchegada e afável de que nêsta terra e nêsta casa fiz o meu retiro de leitor assíduo. Sentado em confortável poltrona de verga, tenho aberto sôbre o joelho certo livro que me fala da história, dos costumes, das tradições, das vicissitudes da ilha. Não consigo, porém, sujeitar o espírito às luzes do livro. É que o espírito, apesar das suas prosápias de vidente, não vê muitas vezes senão o que lhe mostram os guias — os olhos. E os meus olhos, nêste dia cativos do espectáculo bravio dos elementos à solta, teimam em levar o espírito para a contemplação do que se passa fóra da quadra amorável onde o Menino Jesus, no seu ingénuo presépio, de facto e de direito é Rei e Senhor.

Diante de mim rasga-se o vão duma janela. Através

da janela, sem mesmo me debruçar, tenho ao alcance da vista a rua que vai dar à praia, os quintais com o milho por acólito das estufas de ananazes, e em baixo, no último plano, até aos longes confusos, o mar armado das suas ondas, o ilheu a saír do turbilhão das espumas.

Os meus olhos, nêste dia sujo de cólera e turbação, não se cansam de fugir para as arremetidas do mar.

Oh ! lá está êle, ao fundo, com as vestes enfarruscadas dos dias de trabalho, todo empoeirado de cinza, todo encharcado de suor — êsse suor espumoso só próprio do mar embravecido e dos cavalos fogosos nas corridas.

As nuvens desceram do céo, nadam sôbre as águas; as águas irrompem da bruma, como se delas directamente brotassem. E a luz que tudo isto alumia, é tão triste, tão velada... que nunca foi mais velada, nem mais triste a luz medida por véu negro de viuvez.

Ondas de cinza rolam sôbre blocos de carvão, na fúria de chegar depressa. Ondas envolvendo o ilheu, meio dissolvido na penumbra da borrasca, acometem-lhe os hirtos flancos, cujos interstícios vomitam golfadas de leite.

E já não são só os olhos presos das scenas dramáticas das ondas nos seus assaltos coléricos. Também os ouvidos seguem atentos a estranha sinfonia ensaiada

durante a noite — em que os diversos naipes correm tôdas as oitavas, desde as da escala alta às da escala baixa. A chuvarufa os tímbalos nas vidraças da janela. O mar bate o bombo nos rochedos da praia. O vento, músico de sete instrumentos, sopra a requinta, e o clarinete, e o fagote nos fios eléctricos, nas caleiras dos telhados, nas ramagens das árvores. E vento e mar, de colaboração, concertam êssa música gregoriana que se nos afigura da floresta quando vem das águas revoltas, e das águas revoltas quando vem da floresta: — tanto é certo que floresta e mar, dois mares só diferentes na constituição organica das células, até na voz se parecem.

Observando e comentando, sinto-me novamente em discordância com o francês, que atribui ao mar o género feminino. Da outra vez foi nas costas abruptas da Gasconha, em dia de batalha igual à de hoje. É lá feminino, senhores francêses! ser débil, ser tímido, êste traga-mouros façanhudo, mais audaz no assalto do que todos os corséis de guerra!

Surpreendo-me depois a lamentar o temporal, que não me permite saír de casa, que não me deixa ao menos ler.

Mas, enquanto eu faço de Jeremias, o camponês, o proprietário fazem de David. Esfregam as mãos de contentes, à falta de Harpa, e cantam os seus salmos de

louvor a Deus — que eu bem nos ouço ali perto, rindo e falaçando.

È que o milho está nos campos. E Deus Nosso Senhor, muito no trato dos campos micaelenses, alheios à rega de pé necessária aos milhos continentais, é quem por Sua tarefa providencial rega pela corôa os milhos açoreanos. Cada uma dêstas gotas de água é mais um grão na espiga, mais um alqueire na moenda, mais uma acção de graças à mesa.

Ah, esperem. Agora, ao pôr os olhos no ilheu, porque também esta coisa de ler e meditar está no começar, associo a tormenta à página do livro aberto sôbre o joelho. E com o meticuloso e erudito Padre Ernesto Ferreira, autor do volume, reconstituo o dia longínquo de Outono, Outubro em mais de meio, em que um cataclismo subverteu Vila Franca — parte da montanha esboroando-se, apagando a vila, sepultando os moradores!

Não será o ilheu o bloco que desceu das alturas, cilindrando o mártir povoado, detendo-se nos baixios da costa?

A propósito reconstituo em imaginação o cataclismo que destruiu a primitiva capital de S. Miguel, forçando-a à entrega da vara curul a Ponta Delgada na hora dolorosa, em Outubro de 1522 : — confirmação automática do provérbio que diz «guardado estár o bocado para quem o há de comer».

Ouço a voz profética de Frei Afonso de Toledo nos anúncios da desgraça. Devia ser assim, profunda como a do mar, rude como a do vento, a voz agourenta do monge dominicano.

Chega o transe fatídico. A terra treme, em rugidos de fera. O céo torna-se cobertura negra de vasta sepultura. A montanha agita-se e larga sôbre o vale outra montanha. Pelo que, os vizinhos da vila que adormeceram deixando-a no seu horto de delícias, mimosa de todos os bens temporais, acordaram, aos roncos subterrâneos, vendo-a sepultada sob os despojos da avalanche tombada dos pendores.

Mas nem ferida de desgraça lhe voltaram as costas os filhos ausentes ou os filhos sobreviventes, pois não há medo que vença ou diminua o amor ao torrão natal. Tanto que, mal os roncos se calam, apenas o solo adormece, êles aí veem todos, na ânsia de lhe acudir. Enterram os mortos insepultos. Cuidam dos vivos mutilados. Traçam novas ruas. Erguem outras casas—sem esquecer aquelas em que prestam contas ao Senhor. E dentro em pouco, dos escombros e da morte surge a vila nova, o novo povoado, com os seus muros alvos revendo-se nas florações que renascem, com as suas chaminés algarvias publicando intimidades que se eternizam, com os seus lavradores de boa feição e trabalho certo, com as suas raparigas de olhos fagueiros e ale-

gria sã, com as suas romarias, e os seus folguedos, e os seus descantes. O Senhor, movido por tais mostras de confiança na divina misericórdia e de afecto à generosa terra do nascimento, consolidou os fundamentos do seu berço, multiplicou o leite da sua mantença. Por êsta forma se explica a linda vila de hoje, das mais lindas do meu reportório, providas de muitas ruas, de boas casas, de jardins excelentes, de luz eléctrica, de rêde telefonica, de água encanada, e cheia de gente da melhor que vive sob o sol e as estrêlas.

É preciso conhecer tal gente, meus amigos, para crer deveras que Nosso Senhor Jesus Cristo andou cá pela terra na sementeira do pão dos Evangelhos...

A considerar e a reconsiderar êstas coisas verdadeiras, esqueço o drama convulso das ondas, passeio os dedos, distraídamente, pelas fôlhas do livro — os olhos cegos para o que se passa no exterior, os ouvidos surdos às imprecações do temporal.

Nisto, ponho os olhos no livro. Encontro-me no capítulo de referência às antigas invasões dos piratas. Piratas inglêses, piratas rifenhos, piratas argelinos, de tempos a tempos assolando as ilhas, semeando o terror, espalhando a morte, recolhendo prêsas. As ilhas constroem os seus fortes, para a resistência, para o ataque — e lá se apruma em baixo a afirmá-lo, vigilante, à bôca da praia, o forte de *Tagarête*. Fixo a atenção na

página evocativa do último grande assalto mourisco a Vila Franca — o povo em correria desordenada refugia-se na montanha, o povo no retôrno do instinto de conservação desce a acometer o invasor, a luta travada nas ruas da vila, o sangue a correr em ribeira, a victória a coroar os nativos...

E nada retem, ou retarda, ou afroixa as energias vitais desta rica colmeia, que do cortiço faz atraente vestibulo de Bemaventurança, todo o ano mantendo os favos pojados de mel.

Mas... o que é isto? Olho lá para fóra. Sumiram-se as núvens. Ou há núvens ainda — aqui, ali, acolá. Tão diminuidas, porém, que lembram rastos de fumo de vapor em trânsito, as do mar; as do céu, rôlos de poeira dispersos na vastidão do espaço. Mas áquem e além dos rôlos de poeira o céo ostenta o brilho azulíneo das porcelanas do oriente. O sol nem se lembra de haver andado de luto. Já retomam o seu canto insistente as *galinhinhas* de *Nossa Senhora*, pregoeiras da fortuna, os grilos do dia e da noite. E o mar, há pouco encinzeirado, e tão turvo, levanta-se agora sob um azul mais lavado do que o das próprias alturas celestes..

É isto. São assim, volúveis e efémeras, as borrascas e as vicissitures dêstas terras de benção. E são assim, efémeras e volúveis, quem sabe? talvez mercê do poder do Menino Jesus, como todos os meninos incapaz

de sensações demoradas. Não dêste, apenas, do que está aqui, a meu lado, a jogar a bola no seu inocente presépio : — do colégio de todos êsses Meninos, que por todo êsse arquipélago teem morada em cada lar. É dos costumes açoreanos, ao concertar casamento, antes mesmo do bragal, do trem da cozinha, das alfaias da lavoura, aparelhar, e povoar, e alindar festivo presépio do Menino Deus...

Nas Furnas

E' esta a minha segunda ascenção ás Furnas — que não são para se ver duma só vez, num só passeio, numa visita só. E desta vez, em logar de subir pela via ordinaria, a que de Vila Franca liga a direito com a estancia termal, passando pelo Cerrado dos Bezêrros, deslizando por entre sebes de hortenses floridas, arrancando atravez de florestas que nos lembram a America tropical e os Alpes gelados, contornando a romanesca lagoa das Furnas, que nos obriga a evocar a Suissa e a Italia, dobramos á esquerda, a dois quartos de legua da vila, e subimos a estrada do norte.

Diz o dictado continental que todos os caminhos vão dar a Roma. Aplicando o conto á ilha de S. Miguel podemos dizer que todas as estradas vão dar ás Furnas.

Largamos a zona cultivada da beira mar, metemos á

região das pastagens de altitude — para que os meus olhos sejam testemunhas dos muitos e variados aspectos dêste mundo nôvo, para que o seu depoimento possa instruir os impios do continente que nas escolas e repartições, no tom dos gracejos, perguntam aos pacientes ilheus:

— Oh do Canto! Vossês, lá nas ilhas, quando cresce a maré, para onde fógem?

Ah, não o duvideis. Pelo menos êstes, os de S. Miguel, como os da Madeira, ilha irmã dêsta nas dimensões, teem muito para onde fugir — e para onde subir. E tanto assim que o *Overland*, nas artes de trepar tão expedito como o côrso e mais aturado do que o cavalo, vai de focinho erguido a arquejar nos refolegos da ascenção.

O céo não tem senão dispersas manchas de nuvens algodoadas. O calôr humido, autentico calôr açoreano, mesmo sob o andamento do carro nos dá a sensação de flutuarmos em *banho Maria*.

No rumo da vila descem dois carros de bois, cada um dêles atrelado, por causa das asperas ladeiras, a duas juntas holandezas, os boeiros á vanguarda de altas aguilhadas ao ombro — aguilhadas que no tamanho e feitio semelham os tipicos pampilhos ribatejanos. São os carros de transporte da leiva destinada ás estufas de ananazes: a urze, o *tamujo*, a queiró, plantas

que misturadas e fermentadas fazem a cama fôfa e humosa de terra vegetal, cuja temperatura torna possivel, com a ajuda da humidade ambiente e do fumo produzido na estufa, a criação e as virtudes do ananaz, a sua fina conduta, o seu odôr requintado.

A' esquerda começa a aparecer-nos a floresta: — quasi exclusivamente composta de acacias e criptomerias. Mas tão cerrada, que se se nos deparasse em paiz de leopardos e cascaveis, a considerariamos temerôso solar dos senhores feudais da caverna e da selva.

O arvorêdo carrega sobre a estrada, severo de arrogante exuberancia. E só nos não infunde realmente pavor por de antemão sabermos que nêsta terra cristã não medram inimigos de cristãos. As unicas feras aboletadas na ilha são a doninha, a *comadrinha* do povo, e o milhafre, o açôr dos descobridores: — aquela e êste exclusivamente votados ao ataque dos volateis da capoeira ou do monte, que não recebem no berço aguas de baptismo. Alem disso, se as sombras das arvores atemorisam, logo surgem a adoçar-lhes a catadura as olorosas graças das hortenses floridas. Marcam-lhes as fronteiras, embrenham-se-lhes pelos dominios. E envolvendo-as, e cortando-lhes os recéssos, ora semelham rendas de preço no veludo escuro das ramarias, ora veias de sangue azul no côrpo palpitante da floresta.

São filas atraz de filas, umas debruando a estrada,

outras perdendo-se nas espessuras, folhagens do vêrde vigoroso que denuncia saude, flores polpudas e esplendorosas de mocidade, rocas de fiar o linho dos céos azuis.

A meio do parque fica a lagôa do Congro — cratera vulcanica, transformada em lagôa, que as arvores previdentes vigiam, velhas amigas do homem, no fito de proteger o homem dos vexames do vulcão, se este senhor um dia acorda enjoado e larga a vomitar o fôgo das suas entranhas.

Vencida a rampa sombreada de arvorêdo, ganhamos os domínios do planalto, onde as *grótas* e *grotilhões*, as fendas do solo outr'ora sulcado pelos rios de lava vindos das crateras, se vestem de urzes mais macias do que franjas de torçal, onde os cerros vêrdes do nascente ou poente, no pino do verão e no rigôr do inverno, raro se descobrem à visita do sol e das estrêlas.

Nêsta manhã de agôsto estão descobertos, louvando o Senhor. Mas embora descobertos, os do poente muito ao perto, os do nascente muito ao longe, porque a luz não tem a fina transparencia do rigôr nas regiões de altitude, envolve-os a todos êles, mais aos do longe do que aos do perto, um halo vago que lhes dilue o baleamento das curvas.

O ar é já mais frêsco. Saímos do *banho Maria* dos fundos, entramos no banho tonico das alturas.

Cà estamos na região deserta das pastagens afamadas, onde não chega a voz do mar, onde não ha cabana nem vigia, embora contemos ás centenas as cabeças de gado entregues a si proprias — pois na ilha afortunada de S. Miguel nada se guarda, nem o pão nem o presigo, tudo entregue ao Bom Pastor dos nossos pensamentos e obras. São êstes os cumes privilegiados, no douto dizer de Gaspar Frutuôso, «em que não caiu a cinza nem a pedra pomes da segunda erupção vulcanica, em que porisso abunda o trêvo, a herva milhã, o pé de galinha e o féto molar, muito prestadio no verão». E que êstes mimos da opulenta mesa dos herviboros igualam as excelencias das ucharias reais, melhor do que o noticioso cronista do seculo XVII, o afirmam o pêlo nédio e os uberes fartos das venturosas vacas normandas e holandezas que os saboreiam. São muitas, de facto, aqui umas, outras além, estas deitadas a fazer o quilo, aquelas a servirem-se de mais algumas garfadas.

No fêsto conico do môrro fronteiro, um bovino negro e branco, a pastar, é o marmore simbolico das cumieiras açoreanas no seu rustico pedestal de bronze.

— Além, a Achada das Furnas — elucida o chefe do governo, a mão firme no volante.

O maximo da altitude no planalto. Julgar-me-ia na minha provincia, em Traz-os-Montes, entre cêrros alterosos, se não olhasse á brotoeja aveludada dos decli-

ves, se não sentisse a densidade humida da atmosfera. E se não fôsse, em especial, o traço inconfundivel das hortenses floridas, que resurge nas alturas, riscando a estrada de azul, pondo laivos de céo no vêrde luzidio da montanha.

Não, estas estradas miguelinas não foram gisadas por engenheiros, não são consertadas por cantoneiros. São obra de jardineiros, são perturbantes arruamentos de jardim — de todo êste jardim, variado de formas e especies, que é a ilha de S. Miguel.

O motôr mal respira ao longo dos plainos da Achada. No fim de tudo, de terra e céo, vemos agora a Serra do Trigo, arqueada para além do vale das Furnas. Nisto, começamos a descer. O Pico do Ferro, á nossa direita, hirsúto de ramos, parece estar ali para nos ensinar o caminho. A estrada toma de subito os curveteios das escadas de caracol — toda enroscada aos pendores do Pico de Duarte Pacheco. Transpomos certa curva. O talude sul abate-se de repente, de repente desaparece. E em vez dêle, á sofreguidão dos meus olhos abre-se um dos maiores momentos do seu activo de caçadôres de impressões.

Chegamos ás *Pedras do Galêgo*. Encontramo-nos a seiscentos metros acima do nivel do vale das Furnas, que se nos apresenta ao fundo, no remate de vertentes talhadas a fio de prumo.

O auto estaca rente ao muro que o protege da ver-

tigem do abismo. E eu considero-me na carlinga de aeroplano, sobranceiro aos campos, ás ravinas, ás especies, atomo perdido na luminosa liberdade do azul. E eu abençôo as crises vulcanicas dêsta ilha, que aparelharam êstas crateras formidaveis, donde a morte espumava, rugia e destruia, onde hoje a vida assume as tonalidades de hossanas ao Criador.

O', o vale, lá em baixo, tão perto que nos parece ao alcance da mão, se estendermos o braço, e tão longe que um grito soltado cá do alto se perde a meio do caminho. Aconchegado, aberto a todas as louçanias dos vergeis, hospitaleiro para todos os seres da floresta, mais espaçôso no sentido do comprimento, de norte a sul, do que no da largura, entre as escarpas do poente e nascente. Os milharais da estação cobrem-lhe dois terços do morgadio — e o outro terço dá-o êle ao aglomerado branco da casaria, ao convivio das *caldeiras* fumegantes, aos parques mais notaveis dêstes reinos d'El-Rei Prodigio. Muito vêrde, muito lavado, muito perfumado, fazem-lhe a côrte, protegendo-o dos insultos hibernais do quadrante, os picos de melhor ascendencia.

Veem uns do sul, veem outros do nascente, estes daqui, aqueles dacolá, rodeando-o em ar de cortezãos de bom zêlo. E porque respeitam a dôce inocencia das onze mil virgens que sobem e descem a escada triun-

fal da sinfonia dos vêrdes, todos êles se perfilam nos seus postos, gravemente, fardados pelo rigor da etiquêta. Aquêles, os do nascente, filhos legitimos da serra do Trigo, vestem de crêspo astrakan com vivos de sêda azul — a estrada nova, vistosa de laçarêtes, pontuada de hortenses, que sobe para a Povoação. Os do Salto do Cavalo, ao norte, a afrontarem-nos da esquerda, estes trajam felpudas peliças, com o adorno exquisito de púas de pôrco espinho espetadas ao acaso — esqueletos nús, esqueletos lividos de arvores que morreram de meia idade, pois aqui as vegetações crescem em ritmo acelerado e morrem no mesmo ritmo.

Alto ! Agora os do poente, os dos pendores visinhos do Pico do Ferro. As suas espaduas ficam-nos a tiro de caçadeira — distanciadas de nós pela ruga vertical do precipicio que separou a vertente de cá da vertente de lá. Enxerga-se-lhe nitída a qualidade do vestuario. Cortada no estôfo espesso que os ciclopes conheceram antes dêles, a sua pelagem hirsuta adensa-se em cóma de floresta. Tão densa, sem excluir a que irrompe da alma dos fraguêdos, que afoga os proprios taludes a pique, que cavalga as cristas dos mais subidos cabeços. Mas nem êstes, apezar da sua hirta altivez, desdenham os distintivos da pragmatica. Aqueles usam na farda vivos de sêda azul. Estes ostentam nos refegos, ou abas decotadas da farda, o oiro das condecorações

protocolares — a flôr amarela da conteira, arbusto intruso, nado no oriente, cujas flôres doiradas, em rutilos cachos, são *rocas de Venus* para clero e nobreza, e para o povo... *milho de rato.*

Continuamos a descida, murmurando e exaltando. O carro escorrega, não desce. Por vezes soluça, os eixos dorídos da pressão dos travões. Até que, ao apanhar-se em baixo, no regaço da planura, sobre os braços dos platanos, é vê-lo girar, na leveza e zumbido do mosquito ou da vêspa. Mete direito ás Furnas, ás *Bôcas do Inferno* — que já vemos adiante, a distancia semelhando furunculos ruins no corpo da madre terra. O ar mal se respira, saturado de exalações sulfureas. Aproximamo-nos e paramos — para vêrmos á luz do sol, o que viramos já sob bategas de chuva.

A impressão da segunda visita em nada diminue a da primeira. Talvez antes a exceda, pelos fulgôres de chama que o sol uma ou outra vez acende na fumarada glauca das crateras.

São crateras minusculas, bocarras de greda lambuzadas de lava, vomitando enxofre ardente, golfando aguas ferventes. Algumas, as que teem em redor muros de pedra circulares, as *caldeiras*, são tal qual pipos de cachimbo — os cachimbos por onde o senhor vulcão oculto, não adormecido, fuma o seu tabaco sulfureo. Outras, como a temerosa caldeira de Pero Bote-

lho, escancarada num comoro de betume e rocha, são veras fauces ameaçadoras de dragões — e lançam das entranhas, com jactos de lava, os seus roncos de ferocidade.

Algumas delas julgamo-las com flactulencias — expelindo gazes.

O solo é quente, a ponto dos arbustos secarem ao seu bafo e os gados o procurarem no inverno — não as aves, que se se abeiram demais, por vezes tombam asfixiadas.

Põe-se-lhe a mão — e sente-se a temperatura dos corpos vivos. Abre-se-lhe uma fenda — e o fumo rompe com gazes a silvar. E daqui, e dali, as aguas termicas, as aguas sulfureas, as aguas ferreas, as aguas bicarbonetadas gorgolejam, rolam em fios de suor, caem no barranco da Ribeira Quente — de cujo leito, do seio betuminoso das proprias aguas, se levantam outros *geyzer's* fumarentos.

E ninguem se acobarda a êstes roncos de feras. E nada se intimida a êstas fumaças de colera. Nem o humano, nem o vegetal. O humano quasi lhe põe em cima as suas casas, os seus balnearios, os seus jardins, os seus recreios. O vegetal, é só vê-lo em volta, no contorno das *Bôcas do Inferno* — os milhos folgados que nem pendões de guerra, as arvores mais crescidas do que torres goticas. Até os ninhos se fabricam

por aqui aos milhares, e se multiplicam em penas de todas as côres, e se desentranham em filarmonicas para todas as rapsodias.

A fraqueza a negacear a força. O misterio palpavel das germinações e dos frútos a fazer pouco do misterio latente das origens e das finalidades.

E a confiança do homem, e a calma da vegetação, e a despreocupação dos volateis — oh, os galos dão o meio dia, aqui perto! — organisam e regem a massa orquestral da victoria da vida sobre a morte.

Porisso, ao retirar-me das *Furnas*, as chaminés da central que produz a energia de todos êstes rebentos, de todos êstes primores, eu penso no vulcão que ruge sob o meu pé — e abençôo o vulcão.

O Eremita das Furnas

Emquanto espero o almôço — para prosseguir, com os da minha comitiva, nêsta sadia romagem — ponho-me a fazer o balanço das impressões havidas e a haver. A estimar as havidas. As outras a imagina-las. A inventaria-las todas por sua ordem. Estas para aqui. Para ali aquelas. As das primeiras casas do activo marcadas a tinta rubra. As das ultimas do prometido apontadas a traços taquigraficos.

As recordações surgem, estas pelo braço daquelas, as de factos contados por aqueles, a de fenomenos lidos nêstes. Afloram à tona da memoria, anunciam-se:

— Olha, cá estou. Sou a do ilheu de Vila Franca, sob o dominio dos espanhois...

— Foi aqui, foi nas Furnas, que vivi e morri—diz a outra, mostrando-se clara como a chama na sarça do Oreb.

São várias as que veem à superficie dêste pôço sem fundo que é a memoria de cada um, e que me lembram ter nascido nêste operôso vale de delicias.

De todas, ou entre todas, insinúa-se, altea-se, impõe-se às demais a que veiu ao meu conhecimento apresentada pelo *Album Açoreano*, uma que o dr. Ferreira Deusdado exumou dos arquivos e respeita ao eremita das Furnas.

Todas as restantes se despedem, se somem, e eu reconstituo, em minutos de evocação, os asperos lustros de odisseia, da vida e morte do atribulado penitente.

Vejo-o na casa paterna, ainda artifice, ainda feliz — na sua laboriosa vila do Algarve, ao meio de hortas providas de amendoeiras, à sombra de chaminés com a unção de custodias. Tem por nome Diogo. E segue no oficio as pisadas do pai, que se recomenda pelo geito e zelo no moldar a prata e o ouro.

Em certo dia de festa enamora-se de certa môça do logar: — môça de olhos negros, e não vêrdes, pois são de mouras encantadas os olhos de perdição de vilas e têrmos algarvios.

A môça feiticeira é visinha do môço enfeitiçado. E como visinha, uma ou outra vez, furtando-se à cauta vigilancia materna, enquanto o ourives pai está à mêsa das refeições, urde na oficina a sua teia de amôr em conjunção com o visinho.

Isto não traz mal ao mundo. O pior é que o Demonio arma-as. Assim, em virginal manhã de sol, Abril coberto de flôres, à hora em que o descuidado ourives saboreia o frangôlho do almôço e o Diogo sórve a bemaventurança na bôca da namorada, chega à oficina, vindo da Matriz, o calix de consagrar—ainda humido do sangue de Jesus, ainda quente do côrpo do Redentôr, visto ter servido na missa do dia às sagradas especies do santo sacrificio.

Ah, o calix da igreja! Precisa ser dourado.

Diogo, mal o portador volta costas, toma-o na mão tremula. Põe olhos de sujeição nos olhos incredulos da rapariga. E talvez na necessidade de a convencer da firmêza do seu amôr, querendo o sinal da firmêza do amôr dela, indu-la a beber com êle, pelo vaso sagrado, o vinho e o mel de solene juramento.

Estou a vê-los, êle e ela, bebendo juntos, dois pomos saindo do mesmo pé, a confiança na eternidade. Estou a vê-lo, a êle só, quebrado como vaso caído, nos transes posteriores ao sacrilegio.

A feiticeira sente o passo do ourives e foge para casa.

Liberto do sortilegio da sua presença, afogueado da comoção recebida, Diogo relanceia olhos alarmados para o calix de prata. Do fundo da sua alma religiosa irrompe sinistro o pregão de pecado. O calix, que é de

prata, logo se lhe afigura de fôgo, e a transbordar de sangue.

Quere almoçar — o bocado não lhe passa da garganta. Quere dormir—o sono nega-lhe repouso. De subito, pupilas fitas no escuro, coração ansiado de terrôr, queda-se de assombro.

Tal qual na noite remota de Baltazar, sobre as libações do abominavel festim, o dêdo convulso da Providencia traça na parede, a letras fosforescentes, três palavras fatidicas:

— Contado, pesado, dividido.

Revolve-se no leito. A sua cabeça é um campo de batalha. O seu peito mar bravo de aflição.

— Meu Deus ! O que significa isto ? !

Á terra branca e tranquila onde vive, terra noite e dia embalada ao rumôr das laranjeiras, com famas e feitos de santidades grangeados no trato dos peles vermelhas das Indias Orientais, chegára semanas atraz, um monge missionario cheio de trabalhos e carecido de descanço.

Diogo procura-o ás primeiras horas da manhã. Lança-se-lhe aos pés, em postura de confissão. Confessa-lhe o negro pecado. Conta-lhe da sinistra legenda. Suplica-lhe que seja o José daquilo que ainda se lhe afigura sonho pavoroso.

Brandamente, voz e gesto afinados pela delicadeza

do mister de levantar almas do lôdo e de as subir ás estrelas, o monge missionario decifra-lhe a legenda misteriosa. Contado — quer dizer, estão contados os teus dias. — Pesado — estão pesados na balança do Senhor. Dividido — a casa paterna será repartida pelos inimigos.

Mas o Senhor é pai de misericordia — continúa o monge santificado ao serviço das Americas. Se tem penas para o castigo dos pecados, tem na mesma medida os balsamos do perdão — se os pecadores sabem merece-los atravez da penitencia e arrependimento. Por isso, corra a fazer penitencia, arrependido e contricto. A culpa é grande? Faça grande a penitencia. Aproxime-se nêsta vida transitoria das labarêdas e dores de inferno. E terá na outra vida, na vida eterna, as fragrancias e orvalhos celestes.

A proposito de inferno, e das suas labarêdas, e das suas dores, lembra-lhe as paragens longinquas donde acaba de regressar, paragens em que o solo tem os tremores dos membros com febre e os suores dos córpos com calôr — abalando montes e vales nas suas ansias, toldando o espaço com a fumarada dos seus suores. E os seres naturais dêsse inferno terrestre, feras e homens, feras da selva, homens sem Deus, completam o quadro dos sabidos circulos infernais.

E' no interior da bacia de Missouri — gôrdo rio que

traz de passeio ao Atlantico as aguas vádias de montanhas e florestas. E' no amago dos vales rochosos que o Yellowstone atravessa para pagar ao Missouri devidos tributos. Ali, desde o principio, a terra treme sezões e vomita materias escaldantes, — sendo tais vomitos o que o forasteiro designa de *Geyser's*. Ali, dia e noite, as feras roncam nas espessuras, os homens chafurdam no crime. E nada poderá pesar no prato da justiça divina como o sacrificio dos pecadores que voluntariamente cerram os sentidos aos perigos do solo e aos assaltos das feras, na lavra sublime de desbravar almas sáfaras e volvê-las em celeiros da virtude.

Diogo ouve, considera e decide.

Sim. Renuncia ao amor e à familia. Entrega-se ao exilio e ao sacrificio — disposto a escalar o perdão pela escada ingreme da penitencia.

Esconde-se da namorada. Não se despede do pai. E semanas transpostas, o corpo amortalhado em aspero burel, a alma cingida ao cilicio do remorso, constroe a sua cabana de pedras e ramos na solidão do desterro.

Nos primeiros dias amedronta-se com os rugidos subterraneos, mais rudes do que os dos ursos no fojo. Quasi não olha os *geyser's* escachoantes, cujos repuxos, o da *Colmeia da Abelha* levanta-se a 70 metros, se lhe afiguram artimanhas dos Diabos foliões. São uns dáquem, dálem outros, cinco, dez, vinte, êstes no apru-

mo do corpo elastico das palmeiras, aqueles na traça curvilinea das nervaturas goticas, alteando-se à direita, dobrando-se á esquerda. E mais do que o bramido das feras, e mais do que o jôgo dos *geyser's*, perturbam-no e amedrontam-no as hordas de indios vermelhos, criaturas vestidas de peles de animais e ornamentadas de penas de aves, que se lhe antolham a escorrer labarêdas do Inferno.

Mas pouco a pouco familiarisa-se com as vicissitudes do solo e com a condição dos homens.

Por tal forma se familiarisa, sob o nome serafico de *Diogo do Amôr de Deus,* que muitos dêsses homens o seguem na passividade de ovelhas pastor zelôso, que o solo se lhe revela um dos ensinamentos maximos da sabedoria do Criador. Prega aos homens a doutrina que resgata as almas da animalidade e as integra na humanidade. E pregando e instruindo, lança olhos desvanecidos para as aguas vêrdes e rubras que jorram dos repuxos naturais, louva o Senhor no perpetuo rosicler dos céos inalteraveis, rosicler que lhe recorda o amanhecer côr de rosa, por traz dos outeiros coroádos de moinhos de vento, no jardim florido do bem-amado Algarve.

Dá anos e anos à penitencia e aos Evangelhos.

Sente a alma aliviada do pecado — a legenda fatidica dissolvida na contrição. O côrpo dorido de cancei-

ras e diminuido nos jejuns começa a pedir-lhe a esmola do repouso.

Decide repousar. Resolve tornar à terra do nascimento. Vai regressar aos seus, de que não mais tivera novas nem mandados. Embarca cheio de alvorôço. Mas, à medida que o veleiro avança no rumo de Portugal, o saibo do pecado volta a amargar-lhe a alma, a legenda sinistra avulta, cresce, fosforeja, cada dia mais presente, cada noite mais imperativa. E em certa madrugada, na parede negra do porão, vê duas cabeças juvenis, como dois fructos gemeos, saindo de calix côr de sangue. Não! A pena cumprida não igualára a culpa perpetrada. E' dever aguardar na penitenciaria a hora pacifica do perdão.

O veleiro passa na ilha de S. Miguel, nos Açôres, e entra no porto de Vila Franca, de lez a lez todo em reminiscencias do Algarve. Diogo do Amôr de Deus desembarca em manhã soalhenta de Maio, no fito de aguardar vela que o reconduza ao deserto das Indias.

Dizem-lhe, porem, do deserto das Furnas, nêsta ilha. Contam-lhe do seu isolamento, entre montanhas, dos seus *geyser's*, entre arvorêdos, das suas lavas, entre crateras.

O eremita, encostado ao bordão, a esmola no alforge, o pé descalço, afronta os caminhos bravios que conduzem ao deserto. E lobrigando-o ao alcance dos

olhos abismados, e sentindo no ouvido os roncos das crateras, pela segunda vez descobre no feito o dêdo da Providencia, agora agindo por seu bem. e ergue ao céo mãos agradecidas.

Não ha duvida. Sem desfazer as voltas da jornada, milagrosamente, encontra-se no êrmo donde saíra — o que toma por atenuante concedida aos rigores da pena. E' o mesmo vale, povoado de arvores, apenas sem os rochêdos do ausente. São os mesmos *geyser's*, rompendo do solo, somente diminuidos no tamanho e quantidade. São as mesmas crateras, vomitando lava, unicamente estas mais reduzidas e menos temerosas. São os mesmos ribeiros arrastando igneo enxofre. E' a mesma proximidade do Inferno a abeira-lo do céo...

Só não ha feras ameaçadoras — segunda atenuante a considerar. Nem indios selvagens — o que melhor lhe prova a benignidade do julgador. E está mais perto dos seus, mais perto pela terra, pelos costumes, pela fala, pelas crenças.

O que ha, é enfermos nas redondezas a libertar das arremetidas da morte. Nos suburbios, ha pecadores a emancipar dos artificios de Satanaz.

Constroi a nova cabana, de pedras e ramos como a primeira, como a primeira ao abrigo de arvores, perto das crateras ululantes, na contemplação das castas montanhas.

A fama das virtudes do eremita, velhinho, esqualido,

tropego, barbas longas de neve até ao peito e cabêlos raros sobre os ombros — alma de santo em côrpo de mendigo — corre de nascente a poente. Os pobres de espirito adiantam-se a observa-lo. Os ricos de entendimento demoram-se a admira-lo.

Vai um dia, o senhor de Vila Franca, D. Manoel da Camara, sobe ás Furnas de visita ao recemchegado Diogo do Amôr de Deus, na renuncia e na caridade irmão do anacoreta na Tebaida e do *povorello* em Assis.

Enternece-se ao reconhecimento da sua miseria. Penetra-se dos aromas da sua virtude. E é tal a comoção que a humildade do eremita lhe acende no animo, que lhe fornece terra, dinheiros e braços para a edificação de mosteiro no logar.

O recolhido mosteiro, cenobio pequenino de basalto e madeira, assenta os muros no comôro onde hoje se levanta a Matriz — ao erguê-los saudado pela mensagem amiga do *touto*, o tenorino da região, que no dobrar o gorgeio se não receia do mais sabio rouxinol; pela pastoral do melro fagueiro, que nas variações melodicas da avena tira vantagem sobre o mais douto flautista; pela rama hospitaleira do loureiro e pau branco a oferecerem-se para o que lhes servir.

Construido, aparelhado, benzido, sob as vistas de Diogo do Amôr de Deus povôa o cenobio reduzida comunidade de servos da Irmã Renuncia.

Mas parece, de facto, não ter saído ainda das mãos de Juiz Supremo despacho diminuindo a pêna do antigo ourives do Algarve, remoto namorado da môça de olhos tenebrosos, longinquo profanador do calix do santo sacrificio — despacho que lhe permita estabelecer pousada propria, abrigar-se a telha sua, diminuir as suas privações. A legenda fatidica — contado, pesado, dividido — continúa a projectar se sobre os destinos do pecador, abrangendo-lhe a familia.

Pois que, isto correu em 1630, a 2 de Setembro, dia de Santo Estevão, famoso rei da Hungria, logo a seguir à entrada dos cenobitas no mosteiro, agora a familia do eremita, a terra põe-se a tremer. O céo turva-se de negrumes. Dentro em pouco, tal como nos dias infieis do paganismo à borda do Vesuvio, as crateras adormecidas acordam, roncam seculares furôres encarcerados, lambem a treva e crestam o solo com as linguas inflamadas de lava. Os montes revolvem-se e mudam de configuração. Os vales fendem-se e baforam pestilencias letais.

Os companheiros de Diogo do Amôr de Deus fogem do mosteiro. Só êle não arreda pé — antes ajoelha, sentindo os dias pesados e contados. E de joelhos, mãos postas, face erguida, emquanto a lava cresce, calcinando vigamentos, invadindo celas, dividindo a casa paterna, apresenta-se docemente ao derradeiro *veredictum* do Se-

nhor, Até que a lava o envolve, o cobre, o afoga, — sorvido pelo inferno em vida, na certeza de que a morte o transportará aos reinos celestiais.

. . . . . .

— O almôço — anuncia o criado do hotel. Olho em redôr. E tenho a sensação, a nitida sensação, de que as flôres das *Furnas*, de que arvores e arbustos das Furnas, tudo isto guarda no seio e derrama no espaço o odôr de santidade do eremita que tão bem soube amar, e sofrer, e morrer.

Os parques das Furnas

Eu ando a prégar, desde que me conheço: a beleza da paisagem está na formosura da arvore. Plantem arvores, e a beleza nascerá com elas. A beleza e a utilidade. Porque a arvore não rouba — dá. O seu alimento e a sua pousada paga-as com larguezas de rainha — rainha pelo sangue, pelo prestigio e pela fôrça. Mesmo no sitio onde ocupa o espaço todo, onde vive em comunidade, não esquece o devido aos seus principios generosos e ao bem estar dos vassalos. Porisso, embora absorva, no sustento proprio, não contesto, a sua diaria de folhas e detrictos, o bolo nutritivo do humus de que se alimenta, ela espalha por largo o beneficio vital dos seus imensos recursos: pondo pensos de orvalho nos braços dos renôvos que o sol do dia causticou; fornecendo ao amigo e ao inimigo as aguas de rega que a previdencia das raizes, durante as chuvas,

tiveram o cuidado de guardar; entregando ao patricio e ao peregrino os ramos caídos que a sua bondosa munificencia torna o calor e o alimento da familia; chamando ao solo sedento as humidades que andam perdidas no espaço; domesticando as ferocidades dos ventos; limpando os ares de impurezas.

Não sei viver sem o encôsto da arvore. Chego ao convencimento de que na minha alma tomou pousada a alma errante de sacerdote remoto do velho culto druidico — aquele que representava na arvore a imagem e semelhança de Deus. É que, quantas vezes! ao abeirar-me déla, na floresta ou no hôrto, ao sentir-lhe a voz e o bafo, ao admirar-lhe as roupagens tecidas de todos os veludos e de todos os oiros que sol e chuva sabem fiar, urdir e tecer, levanta-se-me o coração e da alma sai-me esta voz, em surdina:

— Virgem Mãe! Abrigo dos humides! Regalo dos poderosos! Tu, que gereceste de bago perdido na leiva e hoje repartes por alqueires o sol e a sombra; tu, que saíste à luz em botãosinho rasteiro e já ontem déste o braço que tem de pé a igreja e o navio; tu, que sobes a Deus no incenso das tuas bôdas e desces ao homem na caridade dos teus frútos; tu, que me vês, desde o princípio, para me cobrir, para me nutrir, para me multiplicar; tu, que me forneceste o berço e prometes o esquife; tu, Avé Plena! que me dobras os dias nas flôres e

nos abrólhos de certo ramo que é a minha pena e o meu recreio; tu, Mãe das Mães, abrigo dos humildes, regalo dos poderosos! acompanha-me na morte como na vida, e eu terei outra vida na propria morte. Amen.

Creio mesmo que é pela quantidade e qualidade das arvores nadas e criadas nêsta imprevista ilha de S. Miguel, que me surpreendo prêso das suas seduções como menino aos seios pojados da mãe.

Abençoada terra, que por toda a parte, de extrema a extrema, nos acêna e nos saúda, nos beija e nos abraça pelos milhões de corolas e milhões de ramos das suas muitas e bemventuradas arvores!

E' facil calcular, isto escriturado, o meu alvorôço ao aproximar-me nas *Furnas* dum dos parques mais famosos da ilha — o do *Tanque*, segundo o pôvo, no dizer dos outros, o do Marquez da Praia e Monforte.

Mas, justamente por ser grande o meu alvorôço, ao entrar no parque subiu ao maximo o meu desapontamento.

Porque êle não corresponda em dons de formosura aos pregões da larga fama? Porque não seja o espelho vivo das virtudes prolificas dêsta madre uberrima onde tudo se concerta, celulas organicas do solo, humidade constante do ar, perpetua temperatura de estufa, para a sua prodigiosa vida vegetativa?

Por nada disto. Simplesmente por êste motivo: —

porque da cêrca onde professaram tantas e tão distinctas especies das mais ilustres familias florestais, desertou a alma do fundadôr. Porque nêste recinto sagrado, onde nos bons tempos parecia viver-se em permanente *Lausperenne,* se extinguiu a chama de amôr que conservava o culto nas naves de ramos e troncos.

Em vez dêssa alma, em vez dêsse amôr, instalou-se cá dentro, com bôa mêsa e melhor garfo — ao que proclamam grêgos e troianos territoriais — o instincto pantagruelico da epoca, que não vê senão a utilidade, que não quere senão o proveito, que entre o espiritual deleite da belêza ambiente, senhora dos sentidos e dos sentimentos, e o prazer material dos valores de contado, gratos á bôlsa e ao estomago, se inclinam para os segundos, sombriamente alheios aos primeiros.

De facto, á entrada, á saída, por todo o espaço do outr'ora parque, se encontram testemunhas dos processos atuais do seu governo.

Aqui depara-se-nos o tronco abatido de soberba araucária, que o lenhadôr cortou no pé. Ali são dois, são quatro platanos, tombados no caminho, a impedir a marcha e a pedir sufragios. Mesmo cara a cara da *Memoria,* na minuscula rotunda em que piedosos devotos colocaram sobre coluna de marmore o busto do Fundador, louvando a grandeza da sua obra de maravilha, êssa mesma se encontra atravancada de arvores

decepadas, apinhada de ramos partidos: — esquecida da *Memoria,* lembrada da cerração.

O lago do parque é especimen pitorêsco de engenharia hidraulica. Vinde vêr, se duvidais, ó ausentes e descrentes das Sete Partidas! Vinde vê-lo, o lago de sinuoso recorte, scena de regatas e iluminações que deram a reis e principes, da Luzitania e da Gran-Bretanha, a ilusão de representar ao vivo as fantasias e magnificencias das *Mil e uma noites!* Já não é senão um sulco esverdinhado, charco onde coaxam rãs e pantano onde reina o lôdo — vala comum de folhas e ramagens. Mais ainda: — como sai dos fundamentos da casa senhorial, da bôca negra de umbrosa gruta, torcendo-se e contorcendo-se, envolvendo pequeninas ilhas penachadas de palmeiras, abraçando reduzidos outeiros tufados de verdura, e se encontra assim, coberto de limos e turvo de detritos, não se nos afigura o cadaver venerando dum lago, parece-nos antes côrpo putrefacto de cano de esgôto.

Deviam ser proibidos atentados dêstes contra o patrimonio de belêza que dá personalidade a uma terra e a uma região. Se ha leis impeditivas do irrespeito contra o que convencionamos designar de monumentos nacionais, deviam incluir-se na familia dêsses monumentos parques, jardins e outras obras naturais ou artificiais de condição superior. Deviam abranger mesmo certas pai-

sagens, — que nos seus elementos constituintes são quasi sempre, de facto, propriedade privada, mas que no conjunto de beleza local se tornam patrimonio colectivo. Se quizessemos exemplificar o acerto, quanto á paisagem, recorreriamos ao caso alarmante do Minho: — provincia de raros dons na sua fisionomia propria, á qual o utilarismo dêstes dias está mercadejando os restos da beleza e comprometendo o nome e recursos futuros. Dentro de dez anos, a não lhe acudirem a tempo, do Minho das tipicas parreiras de enforcado, das arvores inconfundiveis á margem dos milharais, das môças irresistiveis quando vestidas á *lavoura,* não restará senão memoria inerte, e um paiz de outeiros anões, e uma região de miseros vales, sem nada de particular que os qualifique.

No parque do *Tanque* ainda abundam especies raras da era do primeiro Marquez. As araucárias do proprio *Tanque,* o lago circular seu padrinho, ainda conservam a corpulencia exquisita de taças sobrepostas de chafaris. Ainda nos recebem e nos seguem, em diversas ruas alfombradas de musgo, as sombrinhas chinezas dos fetos arboreos. Até encontramos ainda o venerando papiro, a arvore de cuja casca setinosa grêgos e romanos extraíram o papel das suas leis e poemas.

O abandono, porem, afirma-se-nos de todos os lados. De todos os lados nos surgem brados contra a cupidês,

da era presente, nos ramos caídos, nos troncos decapitados. Ha mesmo clareiras abertas a machado que falam melhor do que doutores de leis — transformadas em logradouro exclusivo da espadana, arbusto fibrinôso com subida cotação na praça, pigmeu rasteiro que procura expulsar de casa grandes e pequenos. E assim, no receio de que Jesus volte ao mundo, de que desça ao vale das Furnas, de que venha ao ex-parque do Marquez, e me julgue vendilhão no Templo, e me desanque com o azorrague do Novo Testamento, fujo do recinto – recordando por esta fuga a de Loth, em Sodoma, não a de sua mulher. E' que não olho para traz, nem sequer ao deixar o regueiro, cá em baixo, onde cresce, medra e prolifica famosa tribu de gigantescos inhames, as *colocasias* da flora tropical. E êstes sim. Se fossem do conhecimento de Frutuoso, êle que denunciou malvas em que era facil pendurar e esfolar um boi inteiro, jurar-nos-ia que era possivel cosinhar e jantar todo um curral á sombra de qualquer de tais gigantes.

* * *

Sigo para o *Parque*, aquele que sem sobrenome, assim de todos é conhecido. Vem quasi sêco o ribeiro que o corta ao meio — com tantos seixos rolados no leito, negros como o pecado, que o forasteiro o julga

logo a rezar as obrigações por contas de azeviche de todos os feitios e de todos os tamanhos — os pecados grandes pelos maiores, pelos menores os pequenos.

Provo-lhe as aguas geladas. Experimento-lhe a elasticidade da ponte pensil lançada sobre o ribeiro. Gosolhe a luz glauca das arvores encostadas a arvores. E ao cortar a avenida dos bambus, á esquerda da casa de habitação dos seus senhores passados e presentes, transfiro-me em pensamento para o exotismo do Japão, fantasio os jardins exquisitos de Sokoama, julgo-me á luz do Sol Nascente.

* * *

O parque José do Canto entrevi-o à passagem na lagôa das Furnas, na primeira visita à estancia termal. O senti-lo de longe encheu-me de curiosidade. Em vão procuro o grau da sequiosa espectativa ao avançar para o vêr de perto.

O auto parece acompanhar-me na impaciencia. Tanto que sobe a rampa dos Covões com a celeridade do namorado, na hora da fála à namorada. Quasi roça com volupia as curvas enfloradas da carreteira, e nem respira, e nem trepida no quilometro de variedades que nos separa da lagôa: — a um lado e ao lado opôsto picos arborisados, pendores abruptos, cabeços mamilares, flôres áquem, além flôres, e à esquerda, ao fun-

do, cada vez mais fundo, a chã feracissima do vale das Furnas, milagre de abastança e formosura que poderia ser filho primogenito de Cincinato ou obra prima de Virgilio.

A lagôa espera-nos ao cimo da ladeira. Pronto. Lá está ela, no seio de escarpas verdes, a floresta a admira-la descendo do alto das ravinas. Ocupa aquilo que devia ter sido monstruosa bocarra de vulcão, e que é hoje lirico e nostalgico berço de aguas adormecidas, esmeralda de quilometros de contôrno engastada no bronze fôsco da montanha. De novo, ao ladea-la pela segunda vez, se nos soltam as exclamações e os emboras. Queriamo-la irmã dos lagos suissos, se a vegetação helvetica satisfizésse a êste impulso de mocidade, levamo-la ao confronto com as de Italia, à certa diferentes dêsta na gradação da luz, que nos lagos italianos deve ser aberta e esplendorosa benção, que na lagôa miguelista se derrama em magoados deliquios de sincope.

Torneada a margem direita da lagôa, dobrado o angulo de bifurcação para as sombras do bosque que a limitam ao sul, encontramo-nos no parque José do Canto.

Este sim, mostra-se honrado parque, vasto dominio de raizes e folhagens onde a arvore é senhora, onde todas as forças vivas se congregam no fito louvavel do

genesico crescer e multiplicar — sem excluir as forças humanas dos proprietarios, herdeiros do povoador, herdeiros nos bens terrenos e dotes de fidalguia.

Diz-se na ilha que José do Canto, no seu testamento, lavrou a proibição formal de se tocar em arvore do parque até ao limite da terceira geração.

Seria assim? Não seria? Nem procuro averigua-lo. Porque, ninguem o duvide! se os atuais donatarios de tão largo capital inérte o conservam íntacto, o manteem asseado, é mercê do seu amor à obra maravilhosa do ascendente não em obediencia a velha clausula sofismavel. Se lhe não tivéssem amôr, se em vez de a considerar com respeito, a olhassem com cobiça, a vontade do testador teria sido anulada em beneficio da serra e do mercado. Foi para emergencias dêstas que se fizeram as caixas de surprezas designadas por leis e codigos, que se criou e amamentou a moderna teoria juridica da *imprevisão* — teoria criada e amamentada pelo utilitarismo *post-guerra* na necessidade de destruir a previdencia dos actos e contractos anteriores à conflagração mundial. Era preciso derruir tudo — na ordem moral e material. Aquela teoria maquiavelica, que aos herdeiros de Canto serviria de chave excelente para abrir as portas do testamento incomodo — porque o testador não previu, porque as circunstancias se transformaram, — aquela macabra teoria até a ultima von-

tade dos que morreram antes da guerra reduziu a vago zero.

Já vamos para além do portão rustico da entrada. No vestíbulo do parque, apertado bosque de acacias e eucaliptos, mesmo à hora do sol é quasi noite — a penumbra alastra nos caminhos de sombra, adensa-se nos dominios dos troncos. Avançamos sempre, de vagar, os ramos baixos a fazerem-nos festas, até atingirmos a clareira, á borda da lagôa, onde se levanta a capela-panteon dos Cantos — de José do Canto e sua mulher. Descemos para observar esta jazida mortuaria, embalada no regaço maternal da floresta — jazida que me não parece gotica, apesar da agulha cimeira do campanario, pois os arcos de portas e janelas nada teem com o estilo ogival; que não se me afigura romanica, apezar dos arcos plenos, até nas arcadas cegas, pois as voltas dos arcos estreitam na base, á moda arabe; que não deve ser bisantina, apezar dos arcos de ferradura, e dos demais elementos arquitectonicos, por ser a agulha em vez da cupula o remate do campanario. Mas ali, a capela, mais scenografia do que arte, vinhêta de pitoresco a sugerir-nos passagens romanescas à margem de certos lagos suissos, fica em plano secundário relativamente à floresta e à lagôa — à floresta que, à nossa vista, galga as escarpas até ao tôpo das rudes cumieiras, á lagôa que diante de nós se espreguiça até

ao extremo da folgada bacia, esta com hortos, e jardins, e habitações, a vila *Sans-Souci* à beira da agua, a vivenda Mendonça Dias às cavaleiras dum cômoro.

Reentramos no seio afavel do arvorêdo, contornando o recinto da capela. E quanto mais nos embrenhamos nos segrêdos da ilustre dona de tantas graças e virtudes, mais nos convencemos dêsta verdade imperativa: naquele sarcofago de pedra basaltica está realmente o corpo morto de José do Canto — mas a sua alma viva não se sujeitou à prisão. Temo-la comnosco, lucida e grande, toda entrega aos cuidados das suas arvores, dos seus arbustos, das suas flôres, dos seus hospedes. Sentimo-la a cada passo andado. Acompanha-nos ao longe e ao perto. Vai ao nosso lado atravez das aleas cerradas de redodendros e camelias — que a seu tempo, na florescencia, hão-de aparelhar tuneis de estranhos cromatismos niponicos. Segue à nossa beira, ao longo das filas elegantes de palmeiras e araucárias — que na fôrça do inverno, desfeiteadas pelos ventos crueis, hão-de soltar todos os gritos do purgatorio. Chegamos a convencer-nos de que é ela, amavel e hospitaleira, que nos desenrola aos pés esta passadeira aveludada de musgo — o musgo fino dos passarinhos, o musgo dobrado, ou musgão, os quais se juntam nos caminhos e fabricam o tecido a que as gentes cultas da ilha chamam tapête de Venus.

Mas que multidão e infinidade de tipos arboreos e arbustivos, Deus louvado! O pinheiro do norte ombro a ombro com o pinheiro sublime. A criptomeria tu cá, tu lá com a tilia. Os vidoeiros a marcharem à carga cerrada com os carvalhos. As palmeiras africanas medindo alturas com as casuarinas da Australia. O teixo, a faia, o sanguinho, o incenso a dizerem coisas da terra ao ouvido estrangeiro do ebano, do mogno, do vinhatico, do jacarandá. O plátano concorda com os conselhos do cedro. O castanheiro luzitano confessa-se á figueira indica. Quanto a arbustos, não ha olhos para os vêr a todos, não ha registo para de todos lavrar inventário. Fixamos os mais conhecidos — o féto rasteiro, aos saltos por cômoros e ravinas; a conteira exótica, erguendo o tirso de oiro em honra dos senhores do conclave; a urze florida, oferecendo as suas flôres aos varões do concilio. Porque isto, esta multidão sussurrante, que conversa, que discute, sem murmurio para as vidas alheias, que à hora do amanhecer e do anoitecer encomenda a alma ao Criador, não é parque, não é floresta: é o concilio ecuménico dos vegetais de todas as latitudes nos dois semisferios. Vieram aquí, juntaram-se nêste recinto, à beira da lagôa das Furnas, talvez no intento de aclamar por suas as leis dêste paiz, onde a terra convida, o ar alimenta, o sol não queima.

E' curioso — alguns seguem direitos, em procissão.

Outros curvam-se, abraçam-se, beijam-se. Êstes, sob os braços arqueados, formam grutas mais negras do que cavernas. Ha outros ainda que se dão as mãos, como em jógos de sala. São os que formam alas regulares e concertam abobadas de naves e capelas goticas.

E que luz, a luz a que nos alumiamos! Foi êsta luz, ou outra igual, a mestra excelente dos vitralistas da Meia Edade. Cai dos altos, infiltra-se pelas abobadas, e tem as gamas todas da surdina e da confidencia. Dá a impressão de que nos céos se está ferindo dura batalha. Que as flexas do céo — algumas até veem cravar-se na terra — trespassam o corpo das ramagens. E que o sangue das ramagens se derrama no espaço, vêrde como elas, impalpavel, sim, não invisivel.

Eu imagino o que isto deve sêr em dias soalheiros do Outono — sob a cupula das fôlhas sadias, das folhas anemicas, das folhas apopleticas, das folhas mortas. E compreendo a quimica delicada que dá fórma e côr às esmeraldas, aos topazios, aos rubis, às ametistas. Na floresta tropical da America, á luz epilética do sol a arder e a estrebuchar nas gôtas de agua pendentes dos ramos, penetrei o segredo da alquimia de fôgo dos diamantes. A esta luz romantica, que não ri, que não palpita, que apenas sorri, em extase e melancolia, é que pela certa se criam, o sol moderado encarnando nos orvalhos matinais, as gemas finas, mas tristes, da côr das

folhas anemicas, das folhas apopléticas, das folhas mortas.

Observando e meditando, sem dar pelos passos percorridos, surpreendo-me no vale dos fétos arboreos. Aqui, as especies florestais recuam, abrem espaço, em honra e proveito desta colegiada de principes do reino vegetal, — muito altos, muito esguios, todos bem postos sob a renda das umbelas de sêda. Tudo vêrde, tudo alcatifado, tudo ornamentado, na camara singular dêstes filhos familias tão respeitados — camara donde a vista se solta e trepa até aos confins cimeiros do bosque. São vêrdes, vestidas de musgo, as rochas que a envolvem. A conteira cá está com todos os seus oiros na mão. A urze dá-lhe os seus melhores setins. E eu olho à direita, olho à esquerda, como à espera de ver surgir alguem de recanto escuso dêsta alcôva que não sonhára, nem previra nos sonoros arcanos da floresta.

Mas quem poderá ser, afinal?

Não me atrevo a confessa-lo. Torno a olhar, agora estendendo o pescôço, à espreita. Não póde sêr senão S. Ex.ª a Senhora D. Eva, pelo braço do veneravel consorte, o Senhor Adão, para nos mostrar o falso juramento da Biblia, quando diz:

— A terra será maldita por tua causa e só dará espinhos e abrólhos...

Coimbra em Ponta Delgada

Azalias — flôres rubras, côr de fôgo. Flocos — flôres escarlates, côr de sangue. O carro gira e rodopia. Muitas flôres, aqui, alem, que êsta ilha sedutora não nos recebe senão de colo florido. E porque as flôres que ela mais usa dêste lado do seio são côr de fôgo, são côr de sangue, e porque o carro transporta á guilhotina do Samsão de Ponta Delgada — o senhor Tapia, diplomado pela escola de Paris — a linda cabeleira *ancien régime* de Margarida, eu julgo-me nos dias afogueados do 93, acompanhando ao cadafalso, por caridade, e por caminho cheio de estigmas sanguineos, conformada vitima do Terrôr.

A cabeleira de Margarida! Gavela de espigas de oiro — o mais cubiçado dos bens de laborioso ceifeiro, alvo dos seus olhos e rima dos seus cantares. Daqui a nada...

serás paveia sôlta e murcha nas mãos cruentas do senhor Tapia...

Já ganhamos a Fajã de Baixo. Está em festa o jocundo povoado — chão juncado de flôres, ruas com milhares de palmas de incenso encostadas aos predios. A profusão de palmas lembra-me Jerusalem. A entrada triunfal de Jesus na cidade santa. Domingo de Ramos.

Outra nota curiosa, frequente em S. Miguel: — no tôpo do campanario da freguezia, tipo de tôrre de guerra em moda nas igrejas dêste reino da paz, lá tremula, entre a bandeira portugueza e a bandeira açoreana, o pavilhão norte-americano.

— Rôsto de Cão. — Dois minutos transcorridos rodamos sobre as calçadas de Ponta Delgada.

Mas antes de entregarmos á guilhotina a cabeleira condenada á morte — por decreto de Victor Margueritte, tiranico Robespierre que elevou Garçonne ás dignidades de ente supremo de velhos e novos Mundos — vamos com ela á oração. E a nossa oração prolonga-se, quasi no inconfessado designio de furtarmos a inocente ao golpe fatal, atravez dêssas naves de magia conhecidas por jardins de José do Canto, por jardins de Antonio Borges: — não esqueço as figueiras indicas do primeiro, gôrdos troncos de raizes aerias na forma de ninhadas de crocodilos ornamentando a base das

colunas do templo ; não esqueço do segundo as grutas crepusculares, vêrdes capelas com as suas irmandades de fétos arboreos, e esbeltos, e empenachados como palmeiras, sequiosamente á mêsa da comunhão do ar e da luz.

Pronto. O sol inclinou-se na curva das horas derradeiras. E com as horas finais do sol chegou o derradeiro momento da sentenciada.

Porisso metemos a carrêta ao sólio do senhor verdugo.

Atravessamos, porem, a clara praça onde assenta a Matriz. E ao atravessa-la descubro no passeio da direita o rijo aprumo de José Bruno — director ilustre do *Correio dos Açôres,* o *Times* dos dominios açoreanos, e o jurista mais louvado como comediografo da Coimbra diplomada das ultimas sete gerações.

Sem animo para acólito do sacrificio, refugio-me em José Bruno. Salto do carro ao passeio. Daí a nada, êle e eu, não somos senão dois relogios de ponteiros em rotação negativa, contadores esquecidos da cronologia na contagem das horas passadas.

Coimbra. Coimbra retine na campanula afinada das recordações. Coimbra põe timbres de mocidade nos acordes evocativos.

E trepa ao galarim a *Vespera de Feriado* — a peça de despedida do quinto ano de José Bruno, a peça em que José Bruno colheu palmas e famas sem igual no decorrer de varios lustros. Porque a *Vespera de Feriado* não ficou adestricta ao momentaneo exito do palco — êsse exito unico das peças coimbrãs de despedida, obrigadas á colaboração dos mais heterogeneos elementos, em que era elemento de colaboração tradicional o *champagne* que do palco subia aos camarotes, e salpicava de espuma a espuma das rendas e os pendores dos toucados — incluindo os das noivas e mães dos quintanistas. Não se confinou dentro dêsse exito incondicional — exaltada pelos seus dons singulares. Teve conjuntamente o outro, largo e firme, o do livro, o da publicidade, sob o julgamento sumario e frio da leitura.

Eu não assisti á representação da *Vespera de Feriado*. Cheguei atrazado um ano a Coimbra, no comboio do curso imediato. Mas encontrei vivo e insinuante o rasto da sua carreira — sem excluir o do escandalo produzido na grei bisonha da Academia pelo calção de setim negro, a casaca de sêda vermêlha e o gesto de córte imperial de José Aires de Magalhães no prologo da peça: — o malogrado José Aires, altivez de Cyrano e elegancia de Brummell no duplo afan de mascarar a sensibilidade dum bambino.

Revemos a Coimbra dos lentes Fulano e Cicrano; da

tricana da rua da Matematica, perfil romantico de princeza encantada; da servente da rua dos Estudos, padroeira benefica de todos os naufragos do numerario — e das prosperas *republicas* presidencialistas de todas as ruas da Alta, garantidas pela Monarquia, sob o regimen democratico da capa e batina.

Nisto, das bandas do cais rompe o monoculo de Leroque — o monoculo de Leroque entre o arcaboiço atlantico do Francisco Luiz Tavares e a poupa branca do Martim de Faria e Maia.

E então, julgo-me em Coimbra, na praça Larga, não na praça da Matriz, em Ponta Delgada. Sou menino e môço, ao seio pojado de Minerva, não veterano e caduco á beira do mar dos Açôres.

Contemporaneo daquêle, condiscipulo dêstes, exumamos o passado e promovemo-lo a presente.

Leroque — José Velho de Sousa Larocq, nome que marca uma epoca, figura que recorda uma geração. O seu nome retine da Alta á Baixa, em todos os tons, pregão de façanhas de audacia e traços de boemia. A sua figura é um quadro vivo de Velasques — o feltro de pluma substituido pelo gôrro universitario. Sêco, estatura média, bigode belicôso, pêra á Mefistofeles, capa traçada a preceito, parece ter saído das salas do Prado para a frequencia das aulas da Universidade. As suas gargalhadas da rua Larga ouvem-nas os Arcos do Jar-

dim. E o seu anel armoriado descobre-o Santa Clara quando o passeia na Portagem — pois tem as dimensões de brazão de cunhal.

O facto mais notavel de Larocq em Coimbra é a regencia da orquestra Lamoureux — estou a vê-lo no palco do teatro, regendo a orquestra, a pêra a traduzir o ritmo da batuta.

Foi nas ceremonias academicas do *Enterro do Grau* — o lampejo final de graça dos academicos coimbrões do meu tempo, em memoria dos ultimos cursos de quartanistas que receberam o grau de bacharel.

Estivera em Lisbôa, por êssa epoca, e exibira-se no então teatro *D. Amelia*, hoje *S. Luiz*, a famosa orquestra sinfonica regida pelo Maestro Lamoureux. Pelo que, organisado o programa do sarau academico do *Enterro*, logo constou que um dos seus numeros grandes seria a exibição em Coimbra da orquestra de Paris — e que o *Kapellmeister* Lamoureux, seu regente nos concertos de Lisbôa, no concerto de Coimbra dava alternativa ao *Kapellmeister* Larocq.

Ao Larocq do quarto ano juridico e da pêra mefistofélica? Ao Larocq do brazão descomunal e das incriveis gargalhadas?

A êsse mesmo. E isto basta para explicar a sequiosa espectativa do estudante e do futrica pelo sarau do *Enterro*.

Os ensaios correram no mais apertado sigilo. De maneira que, na noite do sarau, ao levantar o pano para o concerto Lamoureux, estrugiu na sala gargalhada, ao lado da qual as de Larocq eram surdina remota de vôo de ave pequenina.

Porque, o *Kapellmeister*, com a pêra de sempre, com o anel de todos os dias, nêsta conjuntura perfilava-se á frente da orquestra na recolhida gravidade de deus tutelar á porta do templo egipcio. E porque a orquestra, quarenta a cincoenta musicos, todos de semblante afinado pela gravidade do Maestro, todos em linha de atiradores, em vez dos violinos, e dos violoncelos, e das trompas, e dos baixos, e dos timbalos na regra dos costumes, apresentavam, aos olhos do espectador, panelas de barro com abanadores de cosinha em diferentes tamanhos, conforme o registo dos naipes; caixas de petroleo com braços de violinos; pifaros de barro por flautas; alguidares de folha por timbalos.

Mas chamai a gargalhada a bom recato, se quereis ouvir, oh precipitados e irreverentes juizes do juizo alheio! — e ouvi, e edificai-vos, e penitenciai-vos!

Aquilo não é a charanga carnavalesca das vozes aos guinchos e aos rugidos — ou a orquestra precursôra do actual *jazz-band*. Aquilo representa a combinação sinfonica dos sons na urdidura afinada da harmonia. E' massa orquestral, não batuque de

nêgros. Os cantaros, por obra e graça dos abanos, que lhes percutem ou afagam a bôca, exalam notas graves de trompas e fagotes. Os pifaros, acordados pelo sôpro sapiente dos tocadores, desenham acordes musicais de senhoril avena. E as caixas, e as canas, e os alguidares concertam-se entre si, e com os da companhia, em tão composto equilibrio, executando trechos de opera e canções populares, que a gargalhada do levantar do pano teve por correctivo o clamôr victoriôso dos aplausos do fim do primeiro numero — e dos que vieram depois, e que constituiram para Larocq brazão maior, se é possivel, do que o do seu dêdo armoriado.

E as viagens das ferias pequenas para as ilhas?

São novas recordações que despertam — revoadas do que foi, instantaneamente fulgurando, palpitando, tornando a sêr.

A lembrança das viagens obrigatorias dos açoreanos ao arquipelago, nas ferias de Natal e Pascoa, ressuscita-a a presença do Francisco Luiz Tavares e do Martim de Faria e Maia — meus condiscipulos e visinhos. Só o lembra-las me dá a sensação da insonia e atordoamento de noites sucessivas de pesadêlo.

Eu casei no primeiro ano da Universidade. E porque logo no despontar do segundo ano uma filha me floriu a vida, renunciei ao usufrúto das ferias pequenas — gran-

des no frio e na distancia para quem tinha de subir aos planaltos de Traz-os-Montes.

Ora o flanco esquerdo da minha casa em Coimbra, na rua do Borralho, era o flanco direito das fronteiras da *republica micaelense,* estado de cidadãos independentes que se mantinham sob as vistas de Minerva no Natal e Pascoa — não que os filhos lhes puzessem embargos á saída, mas por nêsse tempo ser impossivel ainda a ida e volta a S. Miguel em duas ligeiras semanas.

Conservavam-se em Coimbra e procuravam convencer-se de que iam ás ilhas.

Encerrada a Universidade, transformavam em paquête a varanda do terceiro andar da *republica* — varanda a toda a largura do prospero estado. O paquête era sempre o *S. Miguel* ou o *Funchal* — consoante o vapôr da carreira insulana a saír nêssa data. Punham-lhe chaminé. Levantavam-lhe mastros. O leme, á partida, ficava do lado da minha casa, do lado oposto á volta — o mesmo preceito adoptado a favôr da prôa e ré. A escada do portaló descia até á rua. As janelas do predio faziam de escotilhas do barco. A tripulação recrutava-se entre a gente da *republica.* As outras *republicas* açoreanas forneciam os passageiros. E durante os seis dias e seis noites da viagem do *S. Miguel* ou do *Funchal* de Lisbôa ao Côrvo — com paragem na Madeira, com escala

por todas as ilhas dos Açores — a visinhança mais proxima do navio em marcha nem tinha socêgo de dia, nem sono á noite. De noite, como de dia, as helices do navio não folgavam um minuto — num rumôr cascalhante de ferros contra ferros. Os apitos e vozes de comando alternavam com os silvos da sereia e os gritos da marinhagem — era inverno ou primavera, o mar arfava insubmisso, corria agitada a azafama da tripulação.

Depois a entrada nos portos de escala, a visita de saude, a charanga de bordo, as saudações dos que chegavam, os brados dos que partiam — e a repetição de tudo isto no retorno, os mesmos seis dias e seis noites de silvos, de balburdia, insonia, pesadêlo.....

.....

Reconheço o Manoel Macêdo, o Bettencourt Ataíde, o Freitas da Silva na faina de tripulantes.

Rememoro outros, alheios á *republica*, no papel de passageiros. Na sociedade dêstes avultam o Luiz Ribeiro, nado e criado na Terceira, padre-mestre das sciencias e artes musicais dos meus dias de Coimbra; o Henrique Braz, fibra delicada de poeta que a Republica havia de moldar ao geito da politica; o Luiz Bicudo, o elegante Luiz Bicudo, a quem certo caricaturista profecta traçou de longe o tragico destino — caricaturou-o de capa a batina, duas pistolas engatilhadas, uma em cada mão, a êle, o mais inofensivo e afavel dos com-

panheiros. E todos os açoreanos sabem o fim desgraçado do venturoso Luiz Bicudo, que julgou insuficiente para o suicidio o carregador duma pistola só...

Aí vem o *Overland*. Margarida regressa do sacrificio.

Mas... o que é isto ? Olho, fixo, converto-me.

A graça do Criador encarnou no senhor Tapia. Foi a graça do Criador, não a astucia de Mefistofeles, juro-o, pois nas veias do Fausto que governa o volante está todo o sangue da juventude.

E o caso é que o senhor Tapia poz tanta graça no que já era gracioso enfeite.. que a vitima, nêste lance, se me afigura o senhor Tapia. E eu, o arqueologico verdugo, penitenciando-me, requerendo o seu perdão...

Povoação e Nordeste

Uma hora. O motor palpita. Arrancamos para a Povoação. De Vila Franca despachamos pela estrada das Furnas. Já nos fica á esquerda a estrada do norte — a que liga o norte ao sul. Subimos sempre, até ao Cerrado dos Bezerros. Verde, verde! Em baixo, á direita, a cintura dos milhos, adornada do vidro fôsco das estufas, a nota africana das bananeiras a acompanhar o bucolismo europeu dos milharais.

Cá ao alto, á direita, á esquerda, a urze, a queiró, o féto, aos novelões, como golfadas de sangue vêrde jorrando do côrpo retalhado da montanha — toda a montanha rasgada em sulcos profundos, *grótas* e *grotilhões* de alto a baixo, até aos campos cultivados com esmerado carinho, até aos cachorros de basalto que mergulham nas aguas do mar.

Mas transpomos a região pastoril do Cerrado dos

Bezerros. E á vegetação rasteira dos pastos, sucede a vegetação gigante das florestas. A floresta galga as lombas orgulhosas, desce as pendentes submissas — inclinando-se, a medo, sobre os pendores alpestres da Ponta da Garça. E' a America. E' a Asia. Daqui os Pireneus. Dali o Gerez. São os continentes e as latitudes, em quatro palmos de terra e na representação das suas floras.

Uma fonte entalhada no muro de suporte da carreteira, á esquerda. O muro recuou em curva para a receber, enfeitando-se de cal. E' mesmo frêsco retábulo de claustro monastico. E em vez duma só lampada votiva, alumiam Nossa Senhora da Sêde, a cantar e a sorrir no seu nicho de pedra, os milhares de lumes das hortenses floridas que lhe concertam o docel.

Vamos já na descaída para as Furnas. Temos já á sinistra o arvorêdo cerrado do parque José do Canto — visinho e amigo da lagôa. E porque um pé de vento zombeteiro anda a correr pela rama as entidades arboreas, dizendo coisas a esta, insinuando perfidias áquela, o certo é que a gente olha para a floresta e tem a sensação da luta feroz dos ciclopes: — cabeças a bater contra cabeças, braços a cingir braços, bôcas mordendo flancos, garras filando espaduas. Sente-se-lhes até o arquejar de furia e cansasso, os instintos brutos nas suas soturnas imprecações.

A lagôa, faúlhante de sol. O vento afaga-lhe a face encarquilhada. Logo abaixo, o vale das Furnas, — êste transformado em largo arraial de parques e milharais. Os milhos medem dois metros de estatura. E agora, sacudidos pelo vento, alçando lanças e pendões, lembram aguerrido exercito de lanceiros, em marcha forçada, no fito de meter na ordem os enfurecidos gigantes da floresta.

Cortamos a estancia termal. Abeiramo-nos das caldeiras das Furnas. Contornamos o balneario. As linguas de fumo e os jactos de vapor a irromper das bôcas da fornalha subterranea, lembram-me aquela gravura de Doré, no oitavo circulo do *Inferno*, em que de poços fumegantes como êstes saem os pés dos simoniacos e avarentos, entre êles os do papa Nicolau III, da casa de Orsini, lançados nas chamas de cabeça para baixo. Parece-me ouvi-los soluçar nos tormentos, emquanto o Poeta observa, achando o castigo justo: «che la vostra avarizia il mondo attrista».

As exalações sulfurias veem ter connosco. E só nos largam quando dobramos a estrada, na rota das escarpas do nascente, por entre festivas aleas de hortenses.

Deixamos o vale das Furnas. Tornamos a subir. Agora entramos a contas com a serra do Trigo, que se nos afigura disposta a barrar-nos a passagem — o pêlo das faldas todo em penugens macias de searas, o dos altos

em troncos e ramagens hirsutos de ferocidade. Nalguns pontos mais crescidos, a seiscentos, a setecentos metros de altitude, ha paredões que deviam ter sido aparelhados durante as guerras dos primitivos atlantes. Noutros pontos, crescidos como aqueles, surgem cortinas perpendiculares de rochêdos donde nem a urze se atreve a mirar as profundezas. E parece que picos e cabeços, já sem voz para gritar, nos intimam lá de cima:

— Nem mais um passo! Isto é nosso, não é vosso!

Mas a engenharia moderna não venera nem teme os monstros da fabula e os imperativos dos varios reinos da natureza. Atulhada de sacrilega irreverencia, antes os nega ou negaceia cheia de artes e manhas diabolicas. Com um nivel, um lapis e as quatro operações aritmeticas, transpõe os desfiladeiros da Termopilas — o que Xerxes só logrou à força de milhões de lanças e com o sacrificio dos tresentos semi-deuses de Leonidas. E se o monstro fabulôso se empina, contrario aos luzidos arreios da sua alquilaria, toma duas paralelas de aço e atravessa-lhe o abdomen — passando dum ao outro lado, a rir, a assobiar, mais veloz do que a linha pelo buraco da agulha. Tanto assim, que nós, aproveitando o aparelho com que a engenharia domou e domesticou a serra do Trigo, refastelados em molas e cochins que nos isentam do simples esfôrço do mo-

vimento, arrancamos contra a muralha, enfiamos por um desfiladeiro, e dentro em pouco estamos quasi a ombrear com os picos mais arrogantes — o engenhoso aparêlho tôdo damasquinado de grinaldas verdes e azuis.

Em certo ponto da subida, ainda à vista das Furnas, vem-nos à estrada velho milhafre andrajôso. Mal se póde arrastar nas azas. Semelha mendigo de muletas, peitando a caridade do caminhante — a voar aos arrancos, menos a voar do que a coxear.

— Não te dou esmola não, venerando donatário da selva micaelense! Não posso nem devo senão pagar-te legitimo tributo. Para ti todos os preitos da minha veneração. Conheci-te logo, filho morgado dos açôres que primeiro viram aportar a êsta ilha os luzos argonautas de antanho!

Entramos na Lomba dos Cavaleiros. Pelo postigo de duas escarpas em V enxergo o mar, à direita — de que andavamos arredios desde o *Cerrado dos Bezerros*. Encontramos as casas rusticas que formam a guarda-avançada da proxima vila. Passamos novamente a descer. E logo ao começo da descida, tal qual como fizemos nas *Pedras do Galêgo*, sobre o vale das Furnas, obrigamos o andarilho a deter-se na carreira.

É que no fundo abrupto da serra de cá e da fronteira serra, num rasgão aberto para o mar, entre alterosas falesias, tem pousada e mantença a madre veneravel de quantos fogos povoam S. Miguel: — a vetusta Povoação, aquela que veiu à luz na hora em que Gonçalo Velho veiu à ilha.

Mais se adivinha do que se descobre daqui o burgo centenario.

Mas, o quadro de imprevisto sabôr que o panorama nos oferece, é dos que obrigam a observar, a admirar e a louvar — tão imprevisto quadro que nunca labôr da natureza ou fantasia humana criaram outro da mesma feição.

Do rasgão maritimo em que assenta a vila, parte para as bandas do poente fertilissimo vale. E êste vale uberrimo, unico nos caprichos de que o dotou o engenho vulcanico da ilha, apresenta-se-nos sob a forma de leque meio aberto — tendo o seu punho no burgo antigo; as varêtas nas lombas crespas de casaria branca que simetricamente largam do punho para as extremidades; e as pregas entreabertas nas escorregadias alindadas de plantios e searas que descem até às ribeiras limitrofes de cada lomba.

Êste leque gigantesco, que é a maior riqueza agricola e das maiores curiosidades panoramicas de S. Miguel, repousa em estôjo digno da sua opulencia. Em

tôrno dêle levantam-se as mais nobres montanhas micaelenses — a serra do Trigo, o Pico dos Bodes, o Pico da Algarvia, o Pico da Caldeira, destacando entre todos, e olhando-nos com ares superiores de comando, o Pico da Vara, ensoberbecido dos seus 1.700 metros de estatura.

Que maravilha de panorama e que pitoresco de orografia! As montanhas rodeiam o vale. O vale enruga-se em lombas. Sobre o espinhaço das lombas erguem-se fiadas de casas — uma ou outra com a sua Matriz, o seu campanario, o seu cemiterio. E na descaída das pregas que separam lombas e casaria, sacrarios vêrdes de abastança, o oiro fulvo do milho corre para os fundos, onde a agua das ribeiras canta, em quedas e açudes, os psalmos de Canaan — ribeiras que vão juntar-se numa ribeira só, à entrada da vila, para afrontarem na união as coleras e as fôrças do mar.

Conto as lombas, marcando-as a dêdo, cá do alto, como se as riscasse a tira-linhas: — a do Carro, a do Botão, a do Pomar, a do João Loução, a do Alcaide, a dos Pós, esta a ultima varêta do léque, na extrema norte do vale. Ao de cimo da lomba do Carro, sobranceira à vila, alça o perfil modesto a capelinha de Santa Barbara: — aquela que os argonautas primitivos erigiram para oferecer à ilha os primeiros sacramentos, irmã mais velha da Senhora dos Remedios, ermida do

termo da Lagôa, de cujo alpendre, à hora do sol pôr, olhando Ponta Delgada ao fundo, por traz de Ponta Delgada os môrros conicos, se gosa perspectiva que lembra Napoles, e o Vesuvio, e a lava ignea correndo dentre a fumarada do vulcão.

O auto retoma a sua faina — agora a desapertar os laçarêtes da estrada. Já vemos a vila, a tiro de funda, no sopé da ravina. Daí a nada estamos na ponte da ribeira — tendo à direita a parte rasgada para as aguas maritimas. E tiramos o nosso chapeu, e balbuciamos palavras de comoção — em honra e gloria de Gonçalo Velho, o que sagrou esta foz, estrangulada entre ciclopicas escarpas, com o pé varonil de mareante e descobridôr.

A vila da Povoação. O largo da Praça-Velha. A igreja Matriz. A evocação toma a dianteira à observação. Quasi não vemos o que é — perguntando nos cubiçosos o que foi.

Depois contornamos o bairro da Caridade. Voltamos a subir, desta feita na romagem aos sitios agrestes do Nordeste.

Confiamo-nos ao bom piso da estrada que se torce e contorce sensualmente enroscada á lomba do Alcaide, a de maior corpulencia e de primicias mais afamadas.

Passamos a admirar as outras lombas de pôsto inverso — e nos curveteios da corrida temos a sensação de que elas se deslocam em redor de nós, como raios de roda em movimento. A vegetação que lhes cobre as espaduas, no dôrso e nos refêgos fundeiros, é europeia e tropical. Nos cimos a faia, o incenso, o castanheiro. Nos fundos o café e a bananeira, a palmeira e o ananaz. E o milho sempre a envolver a flora dos tropicos e a flora europeia.

O Pé de Salto — cascata de duas dezenas de metros, onde a agua na queda grita de aflição.

Emergimos dos fundos glaucos, aos torcicolos. A Povoação fica-nos já muito em baixo. A ermida de Santa Barbara já não é capela, mas minusculo nicho de alminhas. E a sensação agora é de que as lombas são ondas de mar bravio, crespas de rutila espuma. E que a onda em cujo bôjo balouçamos cresce em maré alta, emquanto as outras vão baixando na progressão da distancia. E que o barco da nossa derrota, a deixar na rectaguarda esteira viva de flôres, se sobrepõe às lombas, à casaria, aos campanarios, tal qual a arca nas aguas montantes do diluvio. Dentro de minutos a propria lomba do Alcaide se nos mostra em plano inferior. As demais reduzem-se, somem-se pouco a pouco. Uma nova curva. E todas desaparecem.

. . . . . .

Serra, apenas serra. A carreteira cinge-se aos accidentes da cordilheira. Um braço da estrada estende-se para o sul. È o ramal de Faial da Terra, minusculo povoado marinho acocorado no rodapé de abrupta falésia.

A carreteira, embora siga encostada à serrania, do lado da ravina não tem resguardo álem do friso dum palmo de terra, ornado de hortenses recemnascidas. De maneira que, nem olhamos as solenes cumieiras da esquerda — no mêdo de que o carro se distraia e role conosco nos despenhadeiros.

Mas, Senhor Deus ! Isto é a Ilha de S. Miguel, ou região alpestre dos Pirineus, ou macisso selvagem dos Carpatos ?

Bem digo eu : — a ilha de S. Miguel é a maquéte de meio mundo. Parece que o Jehová das barbas biblicas, como exemplo a todos os bons escultores, antes de aparelhar a carcassa dos mundos, experimentou em máquete as suas formas e atributos. Esboçou pequeninos mundos, a vêr se estava tudo certo — a montanha e o vale, a cratera e o rio, o equatorial, o temperado, o polar. E só depois compôs tudo isto em grande, ao natural. Ora esta ilha estranha, em que ha todas as flóras e quasi todos os aspectos terrestres, é uma dessas pequeninas máquetes, milagrosamente conservada no seio das ondas.

Vamos curveteando ao cimo de vasta herdade onde

a espadana tem trono de senhora absoluta. Não aponta de alto a baixo dos seus dominios cabeça de arvore ou crista de outro arbusto.

Uma curva larga. De subito, a estrada, entre dois fundos pendores — quasi ponte levadiça — salta da vertente direita duma serra e enfia para a vertente esquerda da serra oposta. O scenario transfigura-se. Iamos no espaldão dos contrafortes do Pico da Vara. Agora o Pico da Vara levanta-se-nos, tôrvo gigante Adamastor deste cabo das tormentas do caminho do Nordeste, sobre o espinhaço da montanha fronteira. E entre nós e aquela montanha, nas profundezas dos despenhadeiros, soluça e torce-se de dôres a ribeira do Guilherme — tão atormentada na sua via-dolorosa que toda ela vai em ânsias pela folga do mar.

O Pico já está de barrête de dormir. As lombas, cortadas de *grotas* e *grotilhões*, são musculos de atlantes retesados no esfôrço de aguentar o pêso da serrania.

Não se descobre, ao perto ou ao longe, colo frêsco de horta ou crêspo dôrso de pomar. E' tudo cumieiras e pendores, desfiladeiros e rochedos, o silencio do deserto á escuta das vozes doloridas que se pranteiam nos abismos sem alma.

Isto sim, é espectaculo em grande. E' aqui, no meio dêstes cêrros, na convulsão dêstas escarpas, que se sente e compreende a tragedia formidavel do principio

— a terra empinando-se para os céos, como chumbo a fervêr aos borbotões ; a lava jorrando das crateras, como espuma de vaso a trasbordar ; e lava e terra, na confusão do cáos, sobre os rugidos interiores, consertando o plasma dêste herculeo monumento erguido em memoria das lutas gigantescas da Natureza.

E a estrada lá segue, a fugir, a rastejar, a tremer, a inclinar-se toda para o Nordeste. E já se adivinha a vila do Nordeste, lá em baixo, na pascoa festiva dos taboleiros de milho grado. E já se descobre a cabeça do concêlho, a ponte da ribeira a ligar a face d'áquem á face d'álem da vila. E já se enxergam os pequenínos povoados fundeiros, tão longe uns dos outros que o de cá não visita o de lá sem suar em bica, e tão perto que os galos dêste pôvo cantam ao desafio com os daquêle — todos separados por estranguladas ribeiras.

As lendas do ilheu

As lendas do ilheu são como as cerejas — conta-se uma, vêm quatro com a primeira, ou mesmo seis, conforme a memoria e o tempo do contista. Tem-nas para todos os gôstos, de todas as indoles, de todos os feitios: — as de mouras encantadas, as de nadadores desaparecidos, as de reis exilados. E por isto, e por aquilo, decido-me a vizita-lo. Decido-me ainda por força da atração da sua visinhança, pois do dôce asilo dêste mez de graças a Deus, vejo-o de dia e de noite. De dia no seu aspecto de cão enroscado, com a orelha do obelisc o Ferrolhão a saír do corúto da cabeça, á noite na aparencia de formidavel tinteiro caído de bôrco, tudo em tôrno alagado de tinta prêta — o ilheu pequeno, calhau á ilharga do grande, que á luz diurna semelha rã a coaxar, semelhando na sombra da noite a tampa do tinteiro entornado.

Ao lado do meu Guia e Senhor desço ao cais do Tagarête, cortando pela avenida do Aterro, passeio favorito das noites em que as estrelas nos ensinam os passos, o mar a rugir ou a balar aos pés do passeante. Avançamos direitos ao forte, na extrema oriental do cais, sobranceiro ao pôrto piscatorio — tamaninho, não o nego, quasi anão, sim senhor, mas dizendo-nos alto e bom som, na historia de rijas façanhas contra piratas saxões e mouriscos, que nem os Tagaretes se medem aos palmos.

Poucos barcos varados na areia do pôrto. A tarde é festim de delicias. O mar — acaba de mo garantir o nosso arrais, espalmando a dextra calosa e honrada — está liso que nem palma de mão. E só se enruga, como face a sorrir de gôso, e pouco mais do que a palma da mão do pescador sulcada pelos anos e trabalhos, quando a quilha da canôa desliza, e o beija, e lhe cai nos braços, vogando por entre os molhes negros cimentados sobre negro baixio de basalto.

Saímos do abrigo dos molhes. Avançamos em linha recta ao sul, na necessidade de fugir ao baixio externo, apenas nos vê logo a arreganhar ameaçadora dentuça, sempre negra, apezar da espuma alvissima que o mar faz ao lavar-lha. Daí a nada, livres do baixio, dobramos a oeste, de prôa e cara ao ilheu.

Sobre a canôa paira um garajau, muito lavado, muito

brunido, muito atento, o bico muito estendido para o abismo. E' a ronda dos companheiros, dos que vemos dalí a vinte braças, quietos e pensatívos no rochêdo a que deram o nome — especie de boia fusca na base, e corôa caiada por favôr ou desfavôr das oferendas diurnas e noturnas dos hospedes permanentes. O garajau de ronda nas alturas vigia proximo cardume de carapau, com a obrigação do sinal de mêsa posta á comunidade — que logo salta do dormitorio ao refeitorio. E o aviso á comunidade aproveita-o irmãmente a pescador lançando a sua rêde.

Isto diz-mo, não sei se nêstes se em melhores termos, o velho arrais da embarcação. Mas eu só percebo o que me diz, depois de vertido em vulgar pelo meu Guia e Interprete: — o que lhe dilata na tostada face ingenua os olhos espantados, crendo-me pagão ou irracional, incapaz de receber a palavra das suas falas a Jesu-Cristo.

O céo, lá em cima, azul laivado de branco, é imenso brocado no fio — toda a trama da urdidura a descoberto. A luz que desce do alto, a lampejar sobre a agua encinzeirada, nem nêsta tarde de calma, morna e estática, se atreve a saír fóra em nudez natural — vem na regra do costume, no seu casto vestidinho. A agua mal se espreguiça ao acordarem-na os remos — amodorrada sob o ar sonolento e a luz narcotizante. E a

vila, estendida á beira do mar, branca e calada, parece dormir a sésta sob velario de cassa.

Estamos a duas duzias de remadelas do termo da jornada.

O ilheu pequeno, figura e modos de rã, recorta-se-nos na frente — a silenciosa bocarra aberta para nós. O obelisco do Ferrolhão, plantado á esquerda do ilheu, é tal qual sentinela de guarda a ricos e cubiçados tesouros.

Mais dez braçadas dos remos — e atingimos o ilheu, e contornamos o ilheu, que do lado norte, com vénia á vila fronteira, abre a porta á visita do natural e forasteiro, que se empina, hostil e inacessivel, contra quem chegue dos outros pontos cardiais.

As pombas debruçam-se das arestas intangiveis, batem as azas em alvoroço.

Monolito ciclopico, com as estratificações dos vários periodos geologicos por certidão de idade, com a incrustação de conchas a ajuda-lo na defesa contra a investida das ondas, é o castelo roqueiro, altivo castelo! das lendas populares, dos pombos bravos e das cagarzas marinhas. Torneando-lhe o flanco, passando rente ao Ferrolhão, a apresentar-se agora como coluna de velho portico, voltamos á porta de entrada — e entramos, no proprio barco, para a bacia cavada no interior, que nos mostra o ilheu grande e o ilheu pequeno

unidos num corpo só, tal qual o pavilhão da orelha e o lóbulo correlativo.

Mas isto é uma cratera secular, um dos muitos respiradoiros dos vulcões adormecidos nas profundezas, talvez á acção do *azorean torpor*. Cá se vê a lava á superficie, carie plumbea que solidificou pegada á rocha. Ou teria sido de facto o calhau vulcanico do cataclismo do seculo XVII, o que rolou da montanha, e cilindrou a vila, e encalhou no pégo, e que os tempos e temporais pacientemente vão brocando e esfarelando?

Não procuro o X do problema. Limito-me a colocalo, sem alicerces nem escoras, na tabua de xadrez dêste paiz das incognitas. E sigo a minha rota — que é a do caçador de pitoresco, não do matador de enigmas.

Saltamos á rocha, tudo rocha do lado do ilheu pequeno, as cosinhas, ou potes artificiais onde o pescador extrai o oleo á tóninha e ao bôto, cavadas no duro basalto.

Metemos ao carreiro que risca o seio do ilheu grande — seio provido de humosa camada de terra, onde cresce o pinheiro, onde floresce a urze, onde outr'ora a vide pontificou. E trepando a estreita verêda torcicolada para atingirmos a lombá superior, mirante com vista para toda a espinha dorsal da ilha e para o jogo de dominó da vila, detenho-me a meia encosta.

Porque, o que á entrada na bacia era pavilhão auri-

cular, ou cratera vulcanica, olhado daqui, sem o recurso da imaginação ou do artificio, é perfeitamente a miniatura das ruinas de coliseu romano.

Sem tirar nem pôr. Em baixo, o recinto circular dos dominios da agua, é a arena do coliseu, exacta, tão certinha como se a riscassem a compasso. Depois, partindo da arena, o anfiteatro sobe em bancadas sobrepostas, da banda de cà hirsutas de tufos vegetais de verdura, a assistencia dos espectaculos do circo, da banda de lá desbastado e corroído pela inclemencia dos tempos.

Não lhe faltam sequer os beluarios — as escusas cavernas por onde o mar passa de fóra para dentro, a *gola da Pedra,* notavel pela pesca do lirio, a *gola do Inglez,* famosa por ter engulido audacioso albião que pretendia atravessa-la a nado. E como estas guélas estranguladas apertam o mar na passagem, ele passa a arfar e a roncar, a ilusão assumindo proporções de realidade: — nos beluarios não faltam mesmo as feras, grunhindo e rugindo.

E então, fantasmas galvanisados por êste scenario propicio á fantasia, as lendas surgem, mais vivas e mais impressionantes.

E' a dos habitantes encantados das furnas ocultas sob a rocha, que nas horas mortas se banham nas limpidas aguas e talvez gosem os espectaculos do circo. Ha quem tenha visto aproximarem-se do ilheu, nas ho-

ras negras dos duendes, os navios que lhes fornecem roupas e mantimentos. Ha tambem quem assevere telos lobrigado, em noites calmas, agitando os mantos á luz do luar.

A lenda do D. Sebastião: — êssa vem para nós sob o certificado autentico das gerações que juram ser o ilheu a morada do rei vencido em Alcacer-Kibir.

Não é um, nem dez. Contam-se por dezenas, por centenas os olhos pavidos que teem descoberto o moço Galaaz da desgraça, com a sua espada coruscante e a sua armadura de aço, prometendo a céos e terra voltar ao pôvo e ao trono lusiadas para seu milagroso resgate. Mas êste não se mostra á luz da lua, nem ao menos nas noites pacificas em que a sombra e o mar dormem abraçados no mesmo leito. D. Sebastião ha seculos daqui retempéra a crença dos fieis — só lhes aparecendo, porèm, armadura e espada fosforejando na treva, quando o mar ulula, brame e rasga furiosamente a sombra com os dentes de neve.

E vem á baila a lenda das bruxas que dêste pouso derramam maleficios sobre a vila, a lenda do saxão devorado pela *gola do Inglez* por forma a roer-lhe os proprios ossos.

O que não é lenda, é o facto que do meu pôsto de observação de subito reconstituo, pungente e macabra visão dum dos dias tragicos dêstes sitios e dêstas gentes.

D. Sebastião tomba no descampado mouresco. A nação tresmalha e cai na bôca do lobo, á falta de bom pastôr. O lôbo, das sombras do Escurial, desce á desolação de Lisbôa. As ilhas açoreanas manteem-se leais ao fragil cajado de D. Antonio, Prior do Crato — o nôvo pastôr que nelas tomou refugio provisorio e hasteou o pendão de rebeldia, auxiliado por galharda esquadra gauleza.

O lôbo do Escurial aparelha navios, carrega canhões, despacha homens com o encargo duplamente tiranico de submeter e castigar os rebeldes insulares.

A esquadra franceza é derrotada pela esquadra filipina em frente de Vila Franca. D. Alvaro de Bazan, comandante dos castelhanos, desembarca na vila. Procede á liquidação de contas, degolando na praça publica os fidalgos da confiança de D. Antonio, enforcando nas ruas e largos a marinhagem dos navios de França. E para que as contas levem o sêlo heraldico do Demonio do Meio-Dia, na lomba do ilheu faz levantar vinte e cinco fôrcas — e vinte e cinco marinheiros acabam esperneando nêste patibulo visivel de não sei quantos povoados da costa.

Evocando o sinistro episodio, facto historico que constitue lição admiravel da psicologia do vencedôr, em todos os logares e em todas as epocas, no tôpo do ilheu esculpem-se, na sua realidade tragica, as fôrcas dêsse

dia remóto do mez de julho de 1582. E balouçantes nos seus braços rigidos os vinte e cinco sacrificados ao poderio de Filipe II, cabeças inclinadas, linguas pendentes, olhos dilatados.

E não seria na sêde de vingar o sacrificio inutil dêsses cavaleiros andantes da lealdade que D. Sebastião acudiu ao ilheu, armado e equipado ?

Subimos á lomba dos enforcados, roçando as luras onde as cagarras, as corujas do mar, se acoitam durante o dia, e afugentando as pombas que dormem e procriam nas fendas dêstes rochedos marinhos.

E até o pesadêlo das vitimas de Filipe nos larga os olhos, alumiados, e agradecidos, e desvanecidos, ao sortilegio disto que tambem não é lenda: — a formosa presença da ilha na quasi inteireza da sua nedia corpulencia, o côrpo verde a emergir do mar, as garras negras das pontas fincadas no pégo, o dôrso arqueado e gigantesco a chegar-se á brasa acinzeirada do sol.

O Senhor da Pedra

Chove. E' Agosto. E mais uma vez chove como no Abril — o mez das aguas mil. Estamos nas vesperas trafegas do Senhor da Pedra. Depois do Espirito-Santo e do Santo Cristo — o Espirito-Santo na novena dos passos da Via-Deleitosa representada no rozario das ilhas açoreanas ; o Santo Cristo na cidade de Ponta Delgada — é a romaria do Senhor da Pedra, em Vila Franca, a mais celebre e celebrada no conselho de familia das nove irmãs insulares.

Parece que o Senhor da Pedra, por isto ou por aquilo — lá a vera razão não ma diz — se recusa a aceitar as festas e brindes do ano em transito. Será talvez pela sacrilega carestia do milho — dorido das necessidades e penitencias do pobre, que na carencia do seu *milhinho* se vê coagido á renuncia ou redução da *massa sovada* e demais mimos tradicionais. Se é ou não esta

a causa, ignora-o a minha ausencia profana dos acôrdos e desacordos do Juizo Celeste. Mas do que não posso duvidar é da chuva copiosa nêsta conjunção de tanta lida e tanto afan — tudo a preparar a casa, a alindar a vila, a adornar a igreja em honra e louvôr do Senhor da Pedra.

E porque as cordas de agua me prendem ao meu camarim de hospede amimado — sempre com o Menino Jesus do presépio a fazer-me companhia — ageito-me ao habito dos curiosos tolhidos de movimento. Agarro-me aos livros, e ponho-me a investigar e a inventariar porquês — o porquê da romaria do Senhor da Pedra, o porquê da do Santo Cristo, do Espirito Santo...

* * *

Detenho-me no do Espirito Santo. O livro de mais minuciosa instrução nêste processo de usos e costumes locais chama-se a *Vila* e pertence á serie de volumes da mesma indole, que muito recomenda os cuidados de estudiôso e observador do sr. dr. Urbano Mendonça Dias.

As festas do Espirito Santo estão á cabeça da folhinha de todas as congeneres — em Vila Franca como em Ponta Delgada, em Angra do Heroismo como em Santa Cruz das Flores. Nasceram no continente, onde

morreram de novas. Embalou-as no berço a Rainha Santa Isabel. Conferiu-lhes a dignidade da corôa rial o rei D. Diniz — com a sua propria corôa, no dia das festas, coroando humilde mendigo. E as que foram transportadas para as ilhas pelos mareantes de quatrocentos, antes da morte das continentais, nelas conservam o alento, o brilho e a fé dos dias folgados da mocidade.

A corôa ficou sendo o emblema maximo das celebrações — corôa de prata, sob a pomba simbolica da terceira pessoa da Santissima Trindade. O Espirito Santo tem irmandade de sete mordomos, e os pitorescos *foliões* da rabeca, do tambor e do pandeiro — uns e outros paramentados de opa vermelha, nos momentos proprios, aqueles e êstes com cargos varios, incluindo o de agenciar na roda do ano as provisões necessarias em numerario e generos para condigna magnificencia do culto. Dêstas provisões fazem parte os *gueixos* do Espirito Santo, os novilhos destinados ao sacrificio, em proveito dos estomagos devotos, nas horas profanas das divinas solenidades — novilhos com o direito de pastagem no agro do pobre e do rico. Alem disso tem o seu *Alferes da Bandeira*, o mordomo incumbido de transportar a bandeira da Pomba Alva nos cortejos religiosos das sete *domingas* das festas ; o Vedôr, o que em cada um dos cortejos conduz a salva de

prata em que esteve exposta a corôa á adoração dos fieis ; e ainda o *Armador do Imperio,* o mordomo com o encargo de ornamentar o *Imperio*, ou capela, em que na ultima *dominga* a corôa se venera em publico.

A corôa, da casa do mordomo onde recebeu moradia durante o ano, e onde ocupou o melhor *quarto* — designam-se por quartos todos os aposentos da casa micaelense, — é transferida na primeira *dominga* das festas para a Matriz, á hora da missa conventual. Só crianças podem acompanhar a corôa. A' entrada do cortejo na igreja o Prior, sob os paramentos do ritual, toma a corôa na mão e coloca-a na cabeça dum dos infantes — o *Imperador*. Depois incensa-o, canta com os devotos o *Veni Creator*, celebra em remate solene *Te-Deum*.

Termina a cerimonia. O *Imperador*, de corôa e sceptro, segue da igreja para a morada do segundo mordomo. Acompanha-o o seu sequito de pequeninos, em procissão, sob grande chuva de flôres que tomba das janelas ornamentadas. De nôvo exposta a corôa, entre galas e lumes votivos, mas dêsta vez apenas durante a semana, na *dominga* imediata repete-se o cortejo da rua, o cerimonial da Matriz, a condução das insignias imperiais para a guarda do terceiro mordomo — até a setima *dominga,* sendo os três dias finais os ruidosos dias do Espirito Santo, aqueles em que colabora o cres-

cido e o meúdo, o novo e o velho, o pobre e o rico ; aqueles em que a corôa é exposta no *Imperio;* aqueles em que os *gueixos* do sacrificio são levados ao matadoiro, cobertos de flores, ao som de instrumentos de folia, por entre o vivorio do rapazio ; aqueles em que os carros de bois, adornados de flores e fitas, percorrem os povoados distribuindo os pães da tradição. E em que se queima muito fôgo. E em que ha muita musica. E árde muita cêra. E rebôa muita prece,

* * *

Mas voltando a fôlha do livro encontro-me com os *Romeiros da Quaresma.*

E julgo-me na Idade-Media, sob os clamores do milenio, sob os flagelos das fomes, e das pestes, e das guerras. Ou considero-me na ilha, nos dias tormentosos dos terramotos e dos vulcões, a lava a avassalar e a desvastar, a cinza a sufocar e a amortalhar.

A romagem da Quaresma, de todas as quaresmas, é a procissão de penitencia nascida nas horas de terrôr do fim do mundo — quando as populações alarmadas suplicavam aflictivamente a Deus os beneficios da sua misericordia.

São grupos sem numero fixo, constituidos por velhos e môços, que daqui, dálém, no primeiro dia de qua-

resma, vão *correr a costa* — contornar a ilha, centos de quilometros, subindo e descendo, caminhando ás ordens do *Mestre*, cantando á voz do *Procurador das Almas*, entrando em todas as igrejas para os rogos á Virgem, Mãe de Jesus, descansando nos povoados onde a noite os surpreende e os moradores lhes oferecem pousada e mantença.

E lá vão, sem esmorecimento ou fadiga, ao sol ou á chuva, os olhos em labaredas de fé, os corações em ansias de contrição, os pés doridos da pedra e do tôjo no regalo das alcatifas estendidas sobre as verêdas celestes...

* * *

São muitos os usos e costumes religiosos dêste pôvo admiravel — que sente e interpreta a religião como nenhum outro, visto que a pratica na igreja com as orações e no mundo com as acções.

São muitos, muitissimos. Mas para o filho de Vila Franca, tirante os do Espirito Santo, nenhuns se medem em galanias com os do Senhor da Pedra.

Ah, mas que chuva! Teimosa, móle, inclemente. E a caír dum céo mais fusco e mais baixo do que a abobada das catacumbas.

Deixem-na caír. O filho de Vila Franca não esmorece no trafegar em mercê do Senhor da Pedra. Não sai á

rua emquanto chove? E' natural. Eu tambem não saio — mesmo na impressão de que ofenderia a tampa funeraria que nos cobre, e em que se me afigura soletrar certa inscrição macabra aberta sobre a lousa das campas no fundo das catacumbas: «O impio que violar êsta sepultura seja o último dos seus a morrer».

Mas não tem paragem dentro de casa. Mas desloca-se por quantos *quartos* compõem a habitação — os minguados em bens de veniaga e os abastados em todos os bens.

Os minguados a florir o presépio do Menino Deus, a dar ás paredes a demão de brocha e pincel, a substituir os cortinados das janelas, pois são raros os humildes que não possuem o regalo das rendas de *crochet* nas vidraças, a brunir a *cama de estado*, aquela em que ninguem se deita, permanecendo virgem desde o fazer ao desfazer, atravez dos doze mezes do ano, provida dos melhores lençois de linho e da melhor colcha do bragal, e com a viola deitada aos pés — a simbolisar talvez a prontidão e a folgança da hospitalidade local. E mais: — e a juncar o chão, térreo ou sobradado, com o signo popular da alegria, com o *junco* vêrde, a caruma fresca do pinheiro.

Ora se o minguado atende a tudo isto, já se vê que não é tarefa ligeira contar por miúdo as atenções conferidas á casa pelo abastado — que em honra do Se-

nhor da Pedra troca até o movel velho pelo nôvo, aformoseia o *quarto* das visitas e o pateo de entrada, não dando repouso á agulha e ao dedal de quantas mãos femininas nas redondezas os mobilisam em proveito proprio.

E estes e aquêles, abastados e minguados, menos êstes, aqueles mais, conservam esperto o fôgo de manhã á noite, o fôgo dos seus lares, na obrigação de coser a *massa sovada*, de aloirar o pão de ló, de afinar os bôlos de leite, de pôr na mêsa os mil engenhos da arte mui vistosa e mui saborosa da doçaria.

Éstes os cuidados de casa, os de hoje, emquanto chove. Que se formos a considerar os de ontem, os de ante-ontem, os de ha oito dias, ao sol e ao luar, torna-se-nos quasi impossivel regista-los por sua ordem. Era o caiador a caiar as frontarias dos predios, sem excluir o da cadeia — em beneficio do unico prêso seu habitante. Era o jardineiro a alindar os canteiros dos jardins publicos — contam-se dois ou três nêsta vila insulana. Era o pelouro das ruas a catar a herva dos passeios, o mordomo das festas a embandeirar os arcos das iluminações. E aqui, fortes rapagões levantando mastros; e acolá, diligentes carpinteiros aparelhando corêtos — uns e outros na azafama de quem espera visita proxima de Rei ou Salvador.

. . . . . .

Muito bem. O Senhor da Pedra condoeu-se das lastimas do grande e do pequeno, em risco de verem gorar os aprestos das suas festas. Assim, chuvôso de manhã, o dia para a tarde abriu as cortinas ao sol — que desceu das alturas a enxugar os telhados, as ruas, as bandeiras dos mastros e os pendões dos milharais.

Chegou a hora do sol se deitar. Mas porque as estrelas aparecem tambem com a noticia dos bons propositos do Senhor da Pedra, o andor do Senhor da Pedra é transferido processionalmente da igreja Matriz para a capela da Misericordia — sob o ceremonial e as honras do costume. As iluminações brilham como nos demais anos. A população endomingada assiste aos caprichos do fôgo do ar, ás cabriolas do fôgo prêso, ás provas das filarmonicas em desafio — êssas filarmonicas que noites e noites, sem cuidado pelo sôno dos visinhos e pelo gorgeio dos namorados, afadigamente provaram e acertaram as marchas e arias dos seus variados programas.

Só não se veem, nem ouvem no arraial as dansas e descantes das romarias ao norte do continente — onde dois bombos em função, dois foguêtes de lagrimas e dois litros de verdasco poem meio mundo em sarabanda.

E' por estas, e não por outras, que os continentais

qualificam de tristes os insulanos. Eu não os acho tristes. São alegres, pelo contrario — alegres a seu modo. Ainda não ouvi rir com mais leal sonoridade. Ainda não vi sorrir com mais envolvente satisfação. E batem palmas a cada trecho da filarmonica do seu partido. E comentam a gargalhadas as artimanhas dos hieroglificos ramos das arvores de fôgo. O que teem é uma alegria diferente da nossa — a nossa obrigada aos registos de forte exteriorisação, larga nos movimentos e ruidosa nas expansões; a dêles de vida intima, de expressão comedida, sem ser reservada ou dificil.

Depois, a do continente, mesmo nas romarias dos santos mais carinhosos, dá por fôrça em sangueiras de matadoiro. A dêstes é sempre fraterna e pacifica. Não ha uma desordem nas romarias — como as não ha nas feiras, nas entrudadas, nas descamisadas.

. . . . . .

Domingo. Sol — muito sol. Movimento — grande movimento. Flôres — torrentes de flôres. Toda a vila resplandece na brancura das suas vestes. Todas as ruas palpitam ao besoar dos passeantes. Todo o ar rescende ás exalações das hortenses — o proprio pavimento de ruas e praças alcatifado de petalas e folhagens.

E os romeiros chegando sempre — em automoveis ornados de flôres de hortenses, em carripanas engalanadas de flôres de hortenses, em burricos colgados

de flores de hortenses. E á hora da procissão solene, o Senhor da Pedra no seu andôr, no regresso da Misericordia á Matriz, os anginhos á frente, os padres em redôr do palio, á rectaguarda as filarmonicas fardadas, a multidão é tão densa que mal cabe nas possibilidades do povoado.

A' noite as mesmas iluminações, o mesmo fôgo prêso, as mesmas gargalhadas, as mesmas filarmonicas, os mesmos aplausos, a mesma cordura.

. . . . . .

Segunda-feira. Ponto final de todas as romarias miguelinas: — o leilão das oferendas ao Senhor da Pedra, o povoleu nos degraus do adro da Misericordia, as musicas nos corêtos do recinto ornamentado, os namoros nas delicias do derríço, os pregoeiros nas badaladas dos pregões, os compradores no torneio dos lanços.

A subida á Lagôa do Fôgo

Agosto está por um fio. Mais um dia — e o fio quebra, Setembro a substitui-lo no bem e no mal. Mas, apezar de ter chegado ao fim, e da hora da morte ser pelos costumes o tranze da contrição, êste Agôsto dos calôres e dos mormaços, longe de se mostrar arrependido do mal que nos fez, redobrou na agonia a sanha do maleficio. O dia de hoje é dos tais, autentico, autenticado, a que os filhos da Gran-Bretanha chamam de *azorean torpor*. Sol plumbeo, luz grisalha, ar môrno, humidade tépida — o verdadeiro regimen climaterico fiel ao torpor açoreano. A nossa epiderme, desde a cabeça aos pés, tressúa as camarinhas do testo na panela a fervêr. E eu, o mortal do continente que traça êstas regras, julgando-me habilitado já a resistir à atmosfera suporifera dos dias de mormaço, sinto-me mais amolecido do que forçado das galés transcorridas doze ho-

145

ras de remos e grilhêta. Tenho até, por vezes, a aflitiva impressão de que das espáduas se me despegaram os braços.

Olho em torno de mim, pupila turva, palpebra baixa, expressão bisonha, na vaga inquietação de os vêr caídos a um canto, talvez mesmo convertidos em vianda do *Turco* — o guarda portão canino da casa e do jardim.

Nisto, o meu Augusto e Medico, no fito de me sacudir das palpebras a sonolencia que as deprime e dos ossos o quebranto que os relaxa, obriga-me a aprumar o tronco derrotado, e a abrir os olhos narcotisados clamando, ordenando:

— Vamos à Lagôa do Fôgo! Sim, do Fôgo! Quebranto de calôr cura-se com aplicações do mesmo calôr.

Obedeço, não decido. Arrasto-me nos degraus, não desço a escada. E se me desloco, rua fóra, se contórno galhardamente o jardinsinho afavel de S. Francisco, a rir pelas mil bôcas sadias dos ramos que o povoam o riso sanguineo da flôr da azalia, é que o auto me leva ao colo, folha caída na aza do vento. Vai conosco o dr. Armando Candido, môço escritor açoreano que em breve alumiará o seu nome á luz dos seus escritos. Quando subimos a rampa de Agua de Alto começo a verificar as palpebras mais leves. Quando paramos na

Ribeira da Praia reconheço a posse dos braços que julgára perdidos.

Na ponte da Praia, junto à estrada, à ilharga da casinha dos moleiros, calculavamos obter o trio de jumentos necessario ao transporte, serra de Agua de Pau acima, por vereda em ZZ encadeados a ZZ, até aos cumes da Lagôa do Fôgo : — quasi a mil metros sobre o nivel da costa.

Mas não ha jumentos á argola nêste gremio de laboriosos, insensiveis à depressão dos dias torpidos de *banho Maria*. E assim, lançado pregão a favor da remonta dos asnos, pôsto aviso para a diligencia ao encontro dos alpinistas na herdade do Pico da Praia — a terço da subida — votamos pela ascenção arriscada do auto em demanda das alturas da herdade.

Esta, cá da ponte, acomodada no ventre da serra, afigura-se-me quinta do alto Douro. A miopia afiança-ma cortada pelas linhas paralelas de socalcos brancos, semelhantes aos que nos pendôres durienses são o leito das videiras.

E metemos á subida. O automovel vai de focinho alçado. O caminho de cabras, por vezes muito estreito, dôrso magro de barrancos e precipicios outras vezes, mal dá cabida à manobra das curvas. Ora serpenteia nas peladas da montanha, ora fura atravez de taludes com a rêde arterial das raizes à vista. O caso, porém,

é que, embora o motor a escaldar, em pouco mais de meia hora lança-nos sãos e escorreitos no amplo terreiro da herdade — onde afinal não vive a cêpa fidalga, mas a plebeia espadana.

Sim. Aquilo que a miopia de longe me representára como luzidos socalcos durienses, mostra-mo na sua vera expressão a visita ao prédio: — reduzido a troncos de criptomerias, assentes em estacas e dispostos em paralelas, para a secagem das fibras descarnadas do arbusto invasôr á saída dos tormentos da fabrica, ali trafegando e gritando à nossa beira. Pareciam-me brancos, à luz somnolenta, por serem claras as cabeleiras de fios meio sêcos, pendentes dos troncos — futuros cabos nauticos, sob a marca industrial da Inglaterra ou Alemanha.

O céo está baço para as bandas do mar, que lembra o rescaldo acinzeirado de afanosa queimada. O ilheu, quasi a encostar-se ao sopé da ravina, figura de destroço sobrevivente do incendio. Para as bandas da lagôa ha nuvens de passeio nos cimos adustos. E porque chegam afinal os recrutados jumentos, e porque não temos tempo a perder, pomo-nos em marcha ao encontro das nuvens.

Mas eu despi a minha tunica de Nesso na mudança de altitude e na visita à herdade. E por isto, e ainda por amôr aos habitos juvenis de montanhez e andarilho, não aceito a azémola e a cadeirinha consignadas ao meu ripanso.

Assim, os meus dois companheiros de alpinismo sentam-se nas cadeirinhas — vão sentados e não bifurcados, por sêr aquêle o costume da ilha. E eu tomo junto dêles o pôsto de José de guarda a Maria e ao Menino na fuga para o Egipto.

Trepamos invio caminho, costura irregular na apojadura abdominal da montanha.

— *Cheg-ai-áaa !* — comandam os burriqueiros, de vara em riste, incitando os asnos a ocupar na sociedade posição digna de suas estirpes.

Quando a verêda cresce de aspereza, deixo-me ficar para traz, como a sugerir por piedade aos pacientes quadrupedes legitimo retardar do passo. E distraio-me dos acidentes do solo, e da vastidão do panorama, observando o meticuloso saber dos asininos na escôlha do piso.

Só assentam a pata onde a terra lisa convida. Nunca nos sulcos em que são faliveis as condições de resistencia. Sempre no fôfo e no seguro. Não nasceu ainda dente de sibarita mais sabido nas artes de esburgar carne do ôsso.

Eles lá chouteiam no passo habitual, sem desfalecimento ou vangloria, a pata calçada em minusculos chapins — *tic-tac*, *tic-tac*.

Mas o quê, senhores naturalistas de mão furada?

Teimam então em classificar de pata o pé abastado das classes racionais?

A pata é dos brutos — e quanto mais pata, mais miúda, e lépida, e saltitante. Façam Vossas Senhorias vistoria à da cabra, á do carneiro e do cevado — nunca pé de *gueisha* as igualou em leveza. E êsta mesmo, a do burrico — não se lhe compara no traço miniatural o pé famoso de Miss Loftus, o que na Cendrillon surgiu em scena calçado em sapatinhos de cristal.

E pela classe dos racionais aqui vou eu, para contraprova, que não sendo tão asno como imaginam, me sirvo de sapato que deve ser o *fac-simile* do mapa em relêvo da ilha de S. Miguel.

Ah, a montanha! Já nem lhe enxergamos os cabeços sanhudos, enrolados em sujos turbantes. Se não lhe enxergamos os cabeços, saboreamos-lhe à discreção os dons de pitoresco do colo, e encontros, e faldas — o colo ostentando lá em cima o alvo colar do canal de derivação, conducto das aguas sobejas da lagôa para a

central electrica, aninhada em refêgo da meia encosta; os encontros pespontados pelo fio de prata dos ribeiros, com muitas galas de anafados tufos de verdura; as faldas descaindo até ao mar, com a barra bucolica tecida de vinhêdos e milharais. Do colo até às faldas, todo o amôjo das entumescidas curvas que morrem nas ribeiras dos encontros, — por onde outróra a floresta ditou a lei, rezando e sonhando — estende-se a multidão anonima da espadana, quasi de rastos, mas apezar de rasteira brandindo a lamina vêrde da sua espada, como na conquista de terra e céos. E onde a espadana não chegou por emquanto, louca de avassaladora ambição, vemos a urze, o féto, a queiró, o tôjo — «o espinho de rato», no dizer popular.

Ha muitas aves por êstas paragens. Não tantas como na era de Frutuoso, em que se caçavam certas especies aos milhares de cabeças. Tambem já não fazem de nós poleiro aqueles pombos torcazes, de que nos fala o cronista, «com tão pouco uso da gente, que parecendo-lhe os homens arvores, pousavam nêles». De resto, agora, os torcazes teem o uso continuo das gentes, mesmo por êstes sitios. Isto é calcurriado com frequencia pelo pé curioso do alpinista. E o pessoal da apanha da espadana não larga as lombas e barrocais — lá anda êle, á nossa esquerda, as mulheres de lenços brancos no coruto, todos brancos e traçados ao geito de turbantes

da mourama. Mas abunda o tentilhão — rechonchudo e córado como qualquer senhor abade minhôto dos aureos tempos da Concordata. Encontra-se às dezenas o pisco — o *Sant'Antoninho* do pôvo, o papinho das ilhas, com o babeiro escarlate ao pescoço e a batuta do rabo a reger o minuete da dança em mercê dos visitantes — quando não a musica canora do gorgeio, que só no touto encontra rival. O touto, sim senhor, a matutina toutinegra continental, o nostalgico rouxinol açoreano, já o entrevimos passando do rez do chão da queiró para o andar nobre da urze — que nêste chão abençoado sobe a alturas de solar. E a cada passo vencido se nos depara o pintassilgo, batendo na bigorna de prata o cristal da sua forja de ferreiro — isto na faina do vôo. Que se pousa em ramo a preceito, e lhe dá para ensinar aos visinhos as regras do canto, até a serra se nos afigura céo aberto. E o melro, então ! Èste, de bico amarelo, tal qual o das terras de alem, e mais negro do que o Demo de cá e de lá dos mares, ha-de sêr o garôto das selvas até morrer. De repente, sem o esperarmos, salta-nos ao caminho. E ao ver-nos sarapantados — o proprio asno resignado nervosamente arrebita a orelha — dispara em vôo de flecha a rir ás gargalhadas.

Deve acrescentar-se que faz disto nas horas de recreio.

Nas horas de menestrel, que é o seu oficio, todos os sentidos postos no amôr da melra, amôr para o bom fim, e no casamento, e no lar, e nos filhos, de tal arte tange o assobio que o ouvido pasma-se de musica tão grata, que nunca mais fresca e cantante agua viva de melodia correrá do silencio.

Tic-tac, tic-tac — os jumentos lá vão soletrando sempre os ZZ do seu fadario, passo curto, cabeça baixa, como à procura do nó cego dêste atacador que é o caminho, e que tanto comprime o seio pojado da serrania. Fica-nos a uma duzia de braças o colar branco do canal. Á esquerda da escarpa abrupta, empinada a perder de vista, salta para a ribeira, de três pulos, tamaninho fio de agua — pigmeu com saltos de gigante. Transpomos o canal, arteria que leva aos dinamos e povoados a actividade das industrias e a luz dos moradores. E antes de atingirmos a barragem donde o canal irrompe, erguida no primeiro planalto percorrido pela ribeira da Praia — as nuvens proximas largam a borrifar-nos de chuva.

Lá na vila era verão. Agosto quente, a fazer-nos derreter em suor. Aqui, no planalto, a seis quilometros de caminho torcicolado, o frio do inverno quasi nos obriga a bater o queixo. Porque não é só a chuva. Tambem o frio nos acomete.

Mas nem frio nem chuva logram deter-nos na marcha.

Trepamos. Zigzagueamos. Até que se nos defronta a barragem da ribeira — com as comportas destinadas a regular a corrente da agua no canal.

Mas os jumentos não podem levar a jornada ao termo, que o carreiro da ascenção, rasgado na rocha e no mato, por vezes só enviezados nos tolera passagem.

Calcurriamos região alpestre que nunca viu rêlha de arado ou oiro de espiga. Subimos garganta estrangulada entre picos altaneiros, para onde convergem outras gargantas, donde se descobrem outros picos.

Esta é uma das zonas vulcanicas da ilha na sua natural e expressiva integridade. Os sulcos da lava, as *grotas* arrepiadas de horrôr, estriam o bôjo das vertentes. As rochas de basalto, as que o musgo não veste de sêda, são blocos de escória às portas de Vulcano. E o mato rasteiro, dum vêrde que em brilho e doçura excede o da esmeralda e da malaquite, anda pelo chão, rola das escarpas, em novelos e novelões — igual à carapinha e ao astrakan.

A chuva cai, a chuva redobra de rudeza e frialdade.

Vamos á Lagôa do Fogo derreados sob golfadas de gêlo.

O carreiro do nosso piso — ora a sumir-se entre a pelagem do mato, ora a torcer-se no seio da rocha — nalguns pontos leva caudal a medir pelo da ribeira, nossa companheira de viagem.

O que tira sabôr a êstas excursões silvestres, no deserto alpestre da ilha, é a falta aperitiva do perigo.

Marchamos por desfiladeiros solitarios, em qualquer outro paiz famosos pela emboscada da fera e do assassino. Mas nêstas paragens selvaticas não sai sequer o lôbo, não arranca ao menos o salteador.

Seguimos atravez delas na sensação de realidade de certos aspectos anteriormente admirados em arte. Parece-nos que percorremos a «selva selvaggia ed aspra ed forte» do Dante, virgem das suas panteras e dos seus chacais, a que o lapis de Doré deu toda a expressão de horror e severidade.

Subimos uma escarpa mais, inundados até aos ossos. E ao tôpo dêsta escarpa, fazemos alto, detemo-nos, inclinamo-nos — tal qual o Dante guiado por Virgilio, à beira da Lagôa Estigia. É que temos sob os pés, a cincoenta metros de fundura, a Lagôa do Fôgo — taça erguida outr'óra pela montanha, em louvor dos deuses, a trasbordar o vinho espumôso da lava.

Larga, extensa, encravada na moldura de rudes cumieiras — que nos dias de céo diafano nos põem à vista todo o imperio de S. Miguel — já não a habita o bravo fôgo de outr'ora, mas povôa-a a mais pacifica e lucida agua. Tão lucida, que mesmo na penumbra de hoje, se lhe lançamos moeda de cobre ou lasca de pedra, enxergamo-las na descida, a olho nu, a trinta metros de

profundidade. E ilustra-o porto de abrigo de acolhedora enseada. E distingue-o curiôso promontorio de ponta oblonga.

As suas bordas estão ainda tostadas das chamas do vulcão. E eu evoco, sob a chuva de agua fria, o que seria a chuva de pedra incandescente que êsta fauce hiante vomitou sobre a ilha — a terra a bailar, a dançar, ao som rouco da sua voz de colera e exterminio.

Batemos em retirada, dali expulsos pelo aguaceiro. Não sei se espantadas ao tom importuno dos nossos clamores em louvor da lagôa, se como nós sacudidas pelo inclemente vergastar da invernada, o espaço livre entre terra e nuvens começa a ser sulcado pela aza branca das garças. São garças a surgir daqui. São garças a apontar de acolá. E todas, as de acolá e as daqui, a soltarem nos ares turvos as tristes vozes de romanticas da solidão.

A cinco minutos da lagôa, os arbustos encharcados, as nuvens de rastos, admiro a multiplicação das garças e creio nas caçadas imensas de Frutuôso.

A nevôa aperta-nos os horisontes. Mas, dobrada a barragem da ribeira, alcançado o pouso dos jumentos, êstes, pobresinhos ! de orelha murcha a pingar, começamos a estender a vista por mais largo, embora atravez de humido e pardo veu.

Pouco abaixo do canal a chuva fica-nos para traz.

Cem metros vencidos temos o mar faiscando à nossa frente.

O céo grisalho peneira a luz cinzenta, mas tépida, que nos enxuga os corpos alagados. O ilheu vem para nós, amigo de todos os dias, alçando o côrpo à medida que nos aproximamos. E na convergencia de céo e mar, ao longe, aparelhando com a de S. Miguel, estende-se a ilha de Santa Maria — vista daqui, convencendo-nos, afinal, de que a bela moura Cardiga tinha formas e geitos de baleia.

A pesca do sargo

Bebido o ultimo gole de café do jantar, depois da ultima gota de vinho de cheiro — êste vinho inocente que sabe a cidra e cheira a morango — descemos ao passeio costumado no Aterro, á beira mar, o hospede no encosto do Anfitrião.

O mar está na verdade perturbantemente evocativo — acolá escurecido pela sombra das nuvens, aqui alumiado pela lua cheia, que anda a abrir fantastica estrada de luz nas aguas alvoroçadas, não iradas, à certa no fito de esclarecer e conduzir os navegantes.

— O que é aquilo? — indago, pupilas e indicadôr fitos no cais do Tagarête, onde se recortam três vultos quedos na extrema do molhe de oeste.

— São pescadores á cana — instrue o meu Anfitrião e Guia. — Pescam o sargo, a viuva, o lirio... Os peixes que a horas mortas veem à babugem da costa...

Os pescadores catrafilam então os notivagos do mundo das barbatanas. Veem á pandega da costa, como os notivagos da classe dos barbados vão á pandega das praias. Mas o pescador à linha, bom fiscal da moralidade das aguas territoriais, deita-lhes o anzol e põe-nos a caldeirada.

Caminhando e filosofando, aí endireitamos no rumo do segundo molhe, na curiosidade de assistir de perto á prisão dos boémios.

Metemos por entre os barcos varados na areia — a dormir sono bem merecido, a vaga miúda a ressonar por êles. Contornamos os muros exteriores do forte — mais forte ao luar, que lhe amplia a musculatura, do que á luz do sol, que lha expõe ao natural. Adiantamos o passo na lingueta oriental do molhe — a agua a brincar entre os dois molhes, por traz de nós o farol do pôrto a piscar o ôlho ao farol dos céos, áquele que nem sequer o vê lá das incontaveis altitudes.

Aproximamo-nos. São três homens robustos, de cana em riste e linha na agua, os que se perfilam na aresta do cais — o mar em baixo, aos saltos, como no desespero de lhes morder os pés. Perto dos pescadores, sentados na pedra, ao lado de cestas de verga, mais dois homens. Um dêles, a par da cesta, tem no chão uns tamancos — as *galochas* da ilha, reproduções miniaturais dos barcos de pesca. Ao todo, cinco homens. Mas, se

não fôsse a claridade da lua cheia, nem um distinguiriamos a dez braças de nós. Porque parecem talhados do mesmo basalto que serviu á construção das muralhas onde exercitam as suas artes piscatorias.

Trigueiros de nascença, queimados pela maresia, pelos ventos e pelas soalheiras, mesmo ao luar e a dez passos não lhes lobrigamos senão a branca porcelana dos olhos no torresmo gretado dos rôstos. O branco dos olhos e, quando sorriem, o dos dentes — na sua aparição instantanea sugerindo a idêa de borrifos da espuma que aflora e repuxa á corôa do baixio visinho.

— Haja saúde ! — salva, em continencia, o meu Guia e Senhor. — E então ? Muito peixe ?

— O peixe está *malino*. E' do luar. Não péga — informa um dêles, com o seu alvo sorriso, os outros calados, calados e inertes, esculturas de bronze em pedestal de ferro fundido.

A lição do informador não a recebo da sua misteriosa algaraviada, fêita de palavras truncadas, de têrmos aligeirados, talvez reduzidos áquilo sob o imperio da necessidade das vozes rapidas, em correspondencia com os rapidos movimentos estrategicos, nas horas de peleja contra as furias do mar. Tiro-a da tradução piedosa do meu Guia e Interprete.

— Deita-lhe o engôdo — aconselha o recemchegado.

De facto, um dos dois homens sentados na pedra, introduz a mão na cêsta, levanta-se do seu pouso, e lança á agua um punhado de qualquer coisa — miudos de outros peixes, sêcos e triturados, cujo cheiro esperta a gula dos que eram seus camaradas de folia certamente ainda na noite anterior. E eu fito os olhos no liquido betuminôso que se balouça e rosna em baixo, tentado a ser testemunha do pilha canibalesco dos aquaticos — afinal a devorarem-se como os terrestres.

O pescador do centro alça a cana — e o anzol salta vazio.

Ele anuncia a causa do feito, que o meu interprete traduz :

— Foi peixinho novo que levou o isco.

— E' possivel. E quem sabe se ás criaturas da guelra o Criador concede graças iguais áquelas que conferiu ás criaturas do pulmão, como a de proteger o menino e o borracho pondo-lhe a mão por baixo ? Se concedeu, introduziu-lhe notavel variante : — ao peixe menino põe-lhe a mão por cima... do anzol.

Construidas êstas e outras hipoteses, não direi de medula filosofica, mas de indiscutivel sentido oportunista, e só por si a muda e queda obstinação dêstes bronzes simbolicos da paciencia e da vida forneceria materiais de sobra para a planta de largas construções — ólho distraidamente a agua-forte do scenario á vista.

O molhe avança no rumo sul sob o reparo do guarda mar da esquerda. Por cima do macisso paredão, no ultimo plano, distingue-se a *Ponta da Garça* — de focinho na chan estanhada. O mar não se distingue, adivinha-se para alem do cabo adormecido. Mesmo a partir dali, na orientação de sudeste, e na de sudoeste do lado contrario, o charco plumbeo mal se destaca da superficie baça do céo — onde os espiritos belicosos das alturas acumulam uns sobre os outros os seus castelos de nuvens. E a cerração seria espessa como breu, tal a sombra dos castelos inumeraveis, se entre os do levante e os do poente se não abrisse a zona neutra que a lua aproveita para os passar em revista — rasgando cá em baixo, simultaneamente, a estrada de luz onde o carro de Neptuno deixa sulco faúlhante, na fuga desabalada a levantar da agua miriades de estrelas.

As margens da estrada ainda recebem o reflexo das faúlhas em sarabanda — por isso ainda se estriam de fugidias palhetas luminosas.

Mas já a quinto de milha, á direita, o perfil do ilheu parece besuntado a piche na sarapilheira suja do horisonte. E o que fica para là do ilheu é exclusivamente penumbra e incerteza. A propria *Ponta da Galera*, que se descortina olhando a oeste, não passa de sombra mais negra na massa da sombra adjacente.

Ali, alem, á direita e à esquerda, estrelinhas caídas do céo, enxergam-se os santelmos dos barcos de pesca, mar alto, muito quietos na vigilancia das «marcas». Acolá, entre o cais e o ilheu, a vinte remadelas de canôa, do esfumado da penumbra emerge minuscula cabeça alvadia. E' o penêdo dos garajaus, a vivenda onde S. Ex.as pernoitam e piam — sonhando alto com o mais saborôso cardume de carapau.

— *Eh ! Agô-já-nô-fô !* — apregôa um dos pescadores, alçando a cana victoriosa e voltando-se de sorriso para nós, na certeza de que este sargo «agora já não foge».

Pudera ! Pois se êle o guindou da linfa e o estatelou na rocha — a espadanar, a chiar, especie de ventarola chineza, espalmada e eliptica, o pé em fórma de crescente, toda ela provída de movimento automatico.

E como se não bastasse estatelar o desventurado na lage seca depois de o arrancar ao veludineo embálo do meio liquido que lhe foi bêrço, arremete de lá a lamina do homem da cêsta e toma-lhe a guelra por bainha — o que lhe descarrega as pilhas, reduzindo-o a inanidade e silencio.

Outro punhado de engôdo — emquanto o pescador renova o isco no anzol. E como quem maneja clava na guerra ou machado na derriba, o pescador jóga a cana, lança à agua o anzol — e o anzol silva no ar.

Nisto, a lua cheia, como se terminasse a revista aos castelos, entra no mais grandioso — o castelo roqueiro cujas raizes se perdem nas profundezas do sul. A estrada de luz apaga-se de subito, como se do alto caisse densa poeirada de basalto. Tudo escurece em torno, a agua mais plumbea, a terra mais incerta. A *Ponta da Garça* e a *Ponta da Galéra* fundiram-se na fuligem opaca do negrume mais recuado.

E nós mesmo, os seres humanos plantados á borda do tanque onde o chumbo referve e resfolga, nos perderiamos uns dos outros, se as ameias do castelo não tivessem posto luminarias em louvôr da donataria sideral.

A escuridão favorece os pescadores — que sacam do escuro novas ventarolas, recebidas e tratadas com o ceremonial da primeira.

Mas a lua, que entrou no castelo pelo lado compacto das barbacans de leste, até as luminarias acaba por dispensar e apagar — dando á noite a aflitiva concentração de quem não sabe o que tem e não póde verifica-lo.

Depois, minutos volvidos, são as barbacans de oeste que começam a clarear, e se iluminam por fim e iluminam os adarves do castelo fronteiro. Por baixo, á superficie da agua, êsta a ressurgir da penumbra, passa um arrepio de febre. E a lua assoma no tôpo das ameias

escandecidas. Ao deitar a cabeça de fóra rasga no flanco das muralhas uma cratera ignea, cuja lava escorre em borbotões — não no tom rubro do fôgo, antes na macia alvura do leite. E logo torna a abrir no mar a sua estrada esplendorosa. E a poente e a nascente reaparecem as rudes focinheiras da *Ponta da Galera*, da *Ponta da Garça*...

Um fremito de aza, um grasnido sêco.

— A cagarra! — apresenta em soturna toada o meu Guia e Senhor.

O homem da césta e das *galochas* volta nervosamente os tamancos de fundo para cima. Os homens da cana e do anzol esboçam apreensivamente o sinal da cruz — aquele e êstes no córte do maleficio derramado pelo grasnido da ave agourenta.

O chá da Gorreana

Quando o *Owerland* se põe em marcha, ao longo da estrada até certo ponto tão do meu conhecimento como as entradas e saídas da minha casa de habitação, pergunto a mim mesmo o que será êssa herdade e êssa fabrica de chá da Gorreana. Já nem reparo nos campos marginais da via ordinaria — nem nos *cafuões* de milho, onde o pão de cada um fica ao sol, à chuva e à mão do viandante na roda do ano, nem nas estufas de ananazes, receptaculos brancos de frútos de oiro que desconhecem a ignominiosa engenharia da fechadura e da chave.

Chá, na ilha. Mas a ilha é de facto o resumo do mundo — nos recortes do solo, na variedade do arvorêdo, na diversidade das culturas. Aspectos de Séca e Méca. Arvores das Sete Partidas. Culturas de todos os continentes.

Não faltam sequer as da Asia, e é para a mais saborósa da China que velozmente dirijo os sentidos. Enumero-as. Descrimino-as. As europeias : — a beterraba sacarina, o trigo, a cevada, o centeio, a batata, o linho, o canhamo, o milho — ésta a cultura primordial, constituindo o padrão insulano de valores e medidas. Até as florestas se medem aos alqueires : — tantos alqueires de mata. Anuncia-se assim, nas gazetas locais, a venda dum predio rustico : — Vendem-se três alqueires e meio de terra, com dizimo a seis, por tantas patacas.

A pataca, correspondendo ao escudo e doze centavos do continente, tem curso livre como expressão monetaria, embora ha muito desaparecesse como moeda.

Descriminadas as culturas europeias, chamo à barra as africanas: — e lembro o sorgo, a bananeira, o cafeseiro, o amendoim, o tabaco. Depois as americanas : — a beterraba alimentar, a cana de assucar, a batata dôce, a vinha da California. Por ultimo as asiaticas, algumas das quais são reciprocamente da Oceania : — e entre êstas o predominio está no cultivo das frútas, a laranja chineza, a ameixa japoneza, encontrando-se a seguir o ricino e o chá.

E o chá, cuja folha aromatica ocupa na memoria das minhas predilecções pôsto de primasia, esperta-me a curiosidade, incita-me a imaginação.

O auto, a meio da ladeira, quebra à esquerda. Esta-

mos outra vez na estrada do norte. A herdade da Gorreana tem o seu poiso na outra costa — e para lá nos aponta o indicador do roteiro.

Roçamos pela extrema a floresta da lagôa do Congro. Trepamos à região alta das pastagens. Fechamos a aboboda da carcassa da ilha, escorregando do planalto da Achada para as quebradas da Maia — a carreteira a saracotear-se, lépida e fresca, à vista das tortuosas escarpas do mar nordico.

Já o temos em frente, a dois tiros de peça, vindo para terra nos seus paramentos azuis, aljofrados das gemas dos dias luminosos.

E' que a luz dêste dia calmo de Setembro, macia como oleo, cai do céo mais azul e da atmosfera mais limpa do pequeno mundo insular. E como se fôsse simultaneamente diluvio de safiras e chuva de diamantes, as aguas recebem-na faúlhantes de relampagos, embora com a face encarquilhada das velhas.

Novamente o arvorêdo. As hortenses novamente.

A estrada marcha sobe a assistencia cuidadosa da arvore. A hortense encostada à arvore, apoiada aos taludes, dá-lhe o abrigo de muros vêrdes, debruados de azul, aqui e além com covados de altura.

S. Braz — a primeira povoação avistada nêsta costa. Minuscula, branquinha, espreita as aguas. A torre da igreja é que espreita de mais alto. Muito alva, pare-

ce têr na cabeça, à moda de Pierrot, um funil de cartão branco.

O côrpo farto da ilha mergulha as patas no mar — são exactamente patas de saurio as pontas cravadas na agua. E os seus flancos, por vezes, teem a grossura de despenhadeiros — e chamam-se falésias. Mirando as hirtas falésias descortinam-se rochêdos herculeos — negros da costa de Africa com o mar, na mania de os tornar brancos, a cuspir-lhes jactos de saliva.

A ponta do Porto Formoso, não apenas formoso no nome, tambem nas acções, avança oceano fóra na fórma e côr de lingua biliosa. E' uma lingua esverdinhada, que a dentuça branca do povoado em linha recta corta pela raiz.

Um pinhal cerrado, pinheiros bravos, gigantes da estatura de castelos.

Uma ponte. A ribeira do Salto. Arvores, muitas arvores, lavando os pés na espuma da ribeira, trepando aos haustos as rampas marginais.

Ao longe, ao fundo, na planicie, que dêsta banda da ilha se estende por leguas e leguas de plantio e arada, enxerga-se a ponta de S.ta Iria, da espádua da Ribeira Grande a arrancar para o elemento liquido. E a ponta de S.ta Iria afigura-se-nos dragão da fabula, ou crocodilo monstro refocilando nas aguas salgadas. Isto do lado do mar. Que do lado da terra, com a montanha em-

pinada ao meio da ilha, os cêrros são muros divisorios entre as estufas dos micaelenses do sul e os linhares dos miguelistas do norte.

E abicamos ao portão da Gorreana, á nossa direita. A' direita fica-nos o portão, a casa de senhorio, a fabrica do chá, as acomodações do pessoal, os estabulos, as capoeiras — e as antenas denunciativas da telefonia sem fios. Pois á esquerda da estrada, onde é tambem Gorreana, vemos exclusivamente terrenos de cultura, de pronunciada inclinação, segundo o rito chinez e japonez, por onde sobem e descem os renques de arbustos que semelham japoneiras anãs, e são o ventre pojado do bemdito frúto em verbo profano designado por chá.

Recebem-nos fidalgamente, á porta da casa senhorial, os seus moradores e donatarios : — o senhor Jaime Hintze e sua esposa, a senhora D. Angelina da Camara Gago Hintze. Com os senhores da Gorreana está o filho primogenito, estudante em escola do continente, que eu entrevira no *Canadá,* na jornada de Lisbôa a S. Miguel, instruindo nos preludios do fado luzitano certa alemãsinha travessa, já pronta a trocar todas as harmonias dos *Mestres Cantores* por duas redondilhas do môço troveiro.

E cumprido o ceremonial dos cumprimentos e das saudações, aí vamos a caminho da fabrica.

Tomamos na mão as folhas de recente colheita. Paramos diante das maquinas que apartam a folha grâda da miuda. Examinamos os aparelhos escaldantes que lhe tiram o gôsto ao vêrde, os que lhe dão a primeira secagem, os que lhe conferem cotação no mercado — admirados de que leve tanta volta, sofra tantos tratos, tenha tal purgatorio a pobre martir inocente, só porque isto é comodo ao seu paladar, minha Amiga, ao paladar de V. Ex.ª, minha Senhora, na hora descuidada e intima em que as chavenas são os turibulos do seu culto e as encobridoras dos seus *flirts*.

Na secção de pesagem, de empacotamento, de embalagem assistimos ao trafegar de frescas raparigas que me lembram as môças de Uji, confórme as descreve Wenceslau de Morais, — figurinhas delicadas como elas, só diferentes delas no avental branco, pois as japonezas trajam kimono florido. Na presença das *musmés* açoreanas, discipulo atento, eu ouço, eu aprendo, eu guardo a valiósa lição do mestre, sobre os varios tipos de chá consagrados pelo uso. E fico sabendo, para meu governo e edificação de amigos e inimigos, que o chá preto, muito da nossa simpatia, é producto sonegado ao natural por lenta fermentação ; que só o chá vêrde, pela nossa cegueira considerado nocivo, é a legitima expressão da preciosa fôlha ha seculos gerescida na China.

Instruidos pelo que vimos e ouvímos na fabrica, transitamos para a instrucção complementar da herdade. Vamos observar agora o chá ao seio da mãe — vamos concluir a lição pelo começo, como se herdade e fabrica fôssem paginas de livro chinez, que á chineza devesse lêr-se do fim para o principio. E no solo levemente inclinado, onde verdeja o gôrdo viveiro de japoneirinhas na infancia, muito redondas, muito alinhadas, eu recordo, em voz alta, a lenda do chá, tal qual em apreciado livrinho a reproduz Wenceslau de Morais.

Os irmãos Goncourt reconstituem-na a paginas tantas dum dos volumes do seu emocionante *Journal*. Mas acho-a de mais oriental sabôr em Wenceslau — o austero luzitano que envelheceu no Japão, onde absorveu o requintado niponismo dos genuinos filhos de Nipon.

Darumà, santo da longinqua China do seculo III, na era de Cristo, praticava o apostolado de Buda, por palavras e obras, no vasto Imperio do Sol.

Com o apostolado praticava a penitencia, em proveito dos cubiçosos e relapsos, em que formavam legião bonzos e mandarins. Pelo que, no fito de tornar a penitencia mais proveitosa, decidiu passar de joelhos o resto dos seus dias, que foram muitos. Passa-los-ía de joelhos, sobre pedregulhos asperos, sem dormir um sono, todo o corpo, com toda a alma, votados ao sacrificio em prol de alheias dividas.

Ao cabo de anos, os joelhos gastos, gastaram-se-lhe as pernas — e tanto que os seus devotos chinezes e japonezes ainda hoje o figuram só com o tronco, embuçado no manto carmezim. E em certa noite traiçoeira, o corpo já reduzido a metade, as fôrças perdidas na insonia, cerram-se-lhe as palpebras de fadiga.

Acorda sobressaltado. Verificando o sacrilégio, Darumá toma na mão inflexivel instrumento cortante. De dois golpes, lança fóra as palpebras pecadoras — que em longos anos um instante se baixaram ao sono.

Mas a terra aparentemente inerte recebe-as com alvorôço. E em vez de as reduzir a pó, cinza e nada, por milagre as converte em raiz, arbusto e fôlhas — nêssas fôlhas aromaticas e apetecidas, de que o mais esteta dos sabios chinezes fez a mais saborosa das bebidas universais, que por virem dum santo sabem a bemaventurança, inimigas do repouso por virem da insonia.

Assim, êsta excelentissima bebida, divulgada na China e Japão, torna-se vicio predilecto de grandes e pequenos nos imperios orientais. Baptisada de chá pelos luzos dos Descobrimentos maritimos, quando fundearam em aguas amarelas, conserva êste nome mesmo nos *pagódes* e *chayas* dos nossos dias.

Em Londres como em Pequim, em Tokio como em Buenos Aires é hoje a libação das horas mais solenes.

Em mercê do seu prestigio assinam aliança reis e democratas. Congregam-se em volta dela virtuosas e mundanas. Serve de chamariz a ostentosas obras de caridade. E ás vezes — mas como é insinuante ao mentir ! tambem serve de mascarilha a discretos amores, que nascem de fraldinhas à ingleza, para depois se vestirem ou despirem confórme os usos e conveniencias de cada um.

Ólho em redôr de mim. Não exagero nem fantasio jurando que me julgo a evocar a lenda e a grandeza do chá em terra de cultura niponica, à beira do mar insulano do Japão, à vista das montanhas vulcanicas do Oriente.

Mas ha mais que vêr na Gorreana além do chá. Passamos porisso à visita de milharais e pomares. Depois aos galinheiros, estabulos, moinho de pão e fabrica de lacticinios—e êsta fabrica certifica-me que as vacas leiteiras da Suiça e Holanda cursam, como as que o não são, os conservatorios e concertos musicais. É que, — onde estás, inutil Orfeu da lira de quatro cordas, narcotico esteril de oviparos e mamiferos ? ! — quando na fabrica ordenham as vacas, elas produzem tanto mais leite quanto mais gratos os Maestros que os discos da «His master's voice» lhes recordam. Se lhes dão Verdi, lambem o beiço, agradecem com o apendice — e pagam em dobrado a taxa de fluxo lacteo. Mas se em vez de

Verdi lhes põem no ouvido o seu Wagner ou o seu Beethowen, então o caudal dos uberes nordicos quasi excede o da torrente na serrania.

Encerramos a tarde encantadora, de impressões tão vivas e variadas, com um chá inolvidavel nas salas dos senhores da Gorreana, fumegando em taças que no recorte e esmalte igualam as de Toskiro. E o sugestivo prazer dêsta digressão amavel por tal forma me vence e cativa, que, de bem a saborear, mal ouço o aparelho da T. S. F. pondo-nos em contacto com Londres e Berlim — já a noite a espiar-nos pelos seus milhões de curiosas pupilas.

Ribeira Grande e Caldeiras de S. Vicente

Largámos de Vila Franca endomingados e almoçados. Vai de *chauffeur* do seu carro o prosadôr Armando Candido. O céo cobrira-nos de manhã cêdo daquele azul aguado, mas divinamente puro, dos olhos dos meninos de leite. Agora andam nuvens a passea-lo devagarinho. Viram-no lindo, apeteceu-lhes saír, no gôso das suas frescuras virginais.

Ponta Delgada. Da capital enfiamos para a estrada das Capelas. Vamos entre môrros conicos e filas de platanos. No corúto dum môrro balouçam voluptuosos penachos duas palmeiras esbeltas. As nuvens, nêste sitio, passeiam tanto cá por baixo que tomam por pizo as proprias folhas das palmeiras. E as palmeiras, esguias e ondulantes, afiguram-se-nos fartos pinceis de barba ensaboando a imensa face do Céo.

Mas antes de atingirmos as Capelas obliquamos à direita, sobre Fenais da Luz.

Fenais da Luz. Tal qual os da costa sul, os povoados da costa norte, á beira mar, desenrolam-se á borda da estrada. Assim, Fenais da Luz é uma fita de cinco quilometros franjada de casario branco.

O mar lambe-lhe docilmente a ilharga esquerda. Tinham-me dito coisas apavorantes dêste mar do norte, hórrido e fero, a juba de leão velho sempre eriçada nos rompantes do ataque. Afinal, hoje ao menos, não tem nada de leão, tendo muito de borrêgo. A juba não passa de pulcra lanugem — que o mansarrão roça, em tímido afago, pelas espaduas hirtas da costa. E os mesmos pedregulhos negros e asperos que a terra desdenhosa lhe oferece, como se fossem suculentos mimos, longe de os repelir, afrontado, abraça-os, beija-os e abençôa-os — avô lamecha cujos beijos os cobrem de baba.

Nêsta região da ilha não são frequentes, como na do sul, as legendas tropicais de tufos de bananeiras. Nem se lobrigam no campo as pinceladas alvas das estufas de ananazes. Nem os habitantes se afoitam aos desperdicios de cal dos povoados sudistas.

Os milharais, sim, êsses, do lado de cá, ou do lado de lá, são irmãos gemeos, nascidos do mesmo ventre, amamentados ao mesmo seio. Altos, robustos, flame-

jantes, com duas e três espigas ao peito, descem aos pendores abruptos das falésias, sobem à raiz dos espinhaços da serrania.

E como na outra costa sente-se que os homens dêsta comungam entre si na confiança sem horisontes: — pois igualmente conservam o milho, a sua riqueza, a sua vida, a vida dos seus, dia e noite, no verão e no inverno, nos quinteiros e nos campos, ao sol e à chuva...

Diferem um pouco na sua traça as *cafúas* e *cafuões*. Emquanto ao sul são maiores ou menores, mas todos de risco semelhante, no norte aparecem bastantes com o recheio das espigas sob espessa camada de côlmo, por imposição das duras invernias.

Muitos levantam-se do solo em fórma de pilha triangular — ostentando um alguidar no vertice, por cobertura, para resguardo das chuvas. E ao lado dos *cafuões* ricos, abundam as *toldas* pobres — três fueiros enterrados no solo, de cabeças encostadas, formando tambem largos triangulos, com os *manchos* de espigas enfiados de alto a baixo à moda continental das maçarocas de cerejas.

Alem de tudo, é igual á do sul a indole comunicativa do pôvo — que nos saúda ou nos ilucida de sorriso claro alumiando o caminho à palavra.

E então hoje, domingo de romaria, dia de festa e

procissão na Ribeira Grande, as gentes de pé, de cavalo e carro, às chusmas no macadame, fornecem-nos aos centos, quasi incomodativos, os documentos humanos dêste aspecto da bôa alma local.

A estrada corre em extensas rectas à beira da agua. Na proporção da sua avançada, vão-se tornando mais compactos os ranchos de romeiros. Os velhos marcham ao desafio com os môços. As raparigas acasalam com êstes, acompanham aqueles, de fatiota domingueira, sapatos nos pés, lenços na cabeça, oiro nas orelhas, laços ao pescoço. E todos, igualmente, nos abrem passagem, nos declinam informes, sorrindo, clamando :

— Haja saúde !

As raparigas é que revelam certos traços característicos diversos dos da costa dálem, no geral de tez morena e olhos negros, em obediencia aos primitivos canones de geração algarvia. Aqui predominam os tipos de péle clara e olhos azuis — oriundos da Bretanha e do Minho. Mas os proprios tipos de olhos negros e péle morena, não excedendo em elegancia os do sul, distinguem-se dêles pelo descarnado agil do contôrno. As morenas lembram a Biblia no quadro das Virgens Prudentes. As loiras parecem copias de ilustrações coloridas de livros de Loti e Daudet.

Cortamos Rabo de Peixe, povoação que se orgulha da primasia na classe dos portos piscatorios do norte.

Em *char-à-bancs* e automoveis, a cavalo e a pé adensa-se cada vez mais a torrente dos romeiros.

Começam a aparecer as mulheres de capote e capelo — trajo muito no uso dêsta idilica região. Já temos à vista a focinheira gigantesca da Ponta de S.ta Iria, ao flanco da Ribeira Grande. De subito, à nossa frente, entre compacta massa de pôvo, eleva-se uma filarmonica em formatura, fazendo barragem ao transito de viaturas, arrancando ao som de ruidôso *passe-doble* marcial.

A buzina do auto brada, grita, suplica misericordia. Os devotos da romaria, porem, como os servos do trombone, não teem ouvidos senão para os acordes belicosos da partitura. Podia o auto, à vontade, aturdir os espaços ao rugir sobre-humano da trombêta do Apocalipse — que os timpanos dos humanos, cheios dos guinchos do flautim e dos estalidos dos pratos, seriam menos sensiveis ao caso do que os mortos do Juizo Final. Rasgamos caminho, aos poucos, atravez do povoleu da rectaguarda. O guarda-lamas do carro dá involuntaria turra na curva abdominal do bombo.

E' nêste momento, primeiro e ultimo na minha historia miguelina, que defronto na ilha um ser apopletico, olhos em furia, bôca em carranca, olhos e bôca jorrando ameaças. Sêr de comovedôra inverosimilhança, êle concretisa a ameaça dos orgãos capitais com a clava de Hercules alçada na dextra.

Este sêr é o homem do bombo — a brandir na mão iracunda a maçanêta da arte, com prejuizo da pancadaria das veras baterias de Euterpe. E, compreendemo-lo sem esfôrço: a sua ira não vem só da ofensa do guarda lamas ao respeitavel instrumento. Vem principalmente do desacato da buzina, que continúa a bradar, a rouquejar, contra os melodiosos entendimentos da trompa e do cornetim...

Mas emfim — abrimos brecha no dique sonóro. E daí a segundos vogamos atravez do mar humano da vila da Ribeira Grande. Vila no nome, cidade nas acções, grande de facto e de direito, irrigam-na excelentes arterias, onde os globulos sanguineos deslisam sem impedimento; ilustra-a notavel *forum* municipal, com a arcaria, a torre e o escudo do seculo do nascimento; enriquecem-na solares armoriados e capelas historicas. A sua ponte de muitos tramos concerta com elegancia a união do bairro de cá ao bairro de lá da ribeira, sua madrinha — a maior de toda a ilha. E da nobre Matriz da freguezia, hoje e a êsta hora resplandecente de lumes, impregnada de incensos e sussurante de devoções, abrange-se panorama dos que a memoria recolhe e não mais engeita. Não me refiro só ao da traça urbana de praças, ruas e casaria — que a Matriz olha de cima para baixo, no logar de mãe entre os filhos. Inclino-me tambem, e principalmente, para a cercadura impressio-

nante do populôso burgo — entalhada nos contrafortes da serrania, à esquerda, à direita nas falésias maritimas.

A igreja ressôa e palpita, cheia de rezas e galas. E cá fóra, no borborinho do povoleu de quatro concêlhos, destacam sempre os pontos de admiração das mulheres de capote e capêlo — os rostos embiocados sob os capêlos, os vestidos ocultos sob os capotes. Por vezes, em filas cerradas, formam as irmandades de farricôcos das procissões espanholas.

Avançamos na rota das Caldeiras de S. Vicente. A carreteira, torcida á beira mar, dobra de repente e arremete contra o tôrso da montanha interior. E são poucos os minutos contados até á entrada no presépio da estancia de S. Vicente.

Na ilha de S. Miguel não ha apenas presépios obrigatorios no domicilio de cada cidadão. Enumeram-se às dezenas os que vêmos talhados e aconchegados nas espaduas da serra e nos reconcavos da costa. Êste, o das Caldeiras de S. Vicente, tão bem trabalhado, de tão fragrantes ornatos, a gente vê-o e logo lhe apetece entrar no gremio dos seus componentes — feito mago ou pastor. E apetecería mesmo ficar de S. José, se não fôra o pesado onus de mantêr viçoso o pésinho das açucenas . . .

Os cumes do outeiro em que a madre Natura o escavou e alindou, chegadinho às faldas da serra, não excedem de cem metros o nivel dos terrenos fundeiros. Mas abre para quem chega em chanfradura de crescente. E das pontas ao centro do crescente sobem até ao alto os jardins, os parques, as vivendas. E no tôpo do outeiro, no seu ponto mais central, alcandora-se a capela do orago dos sitios. Dêste lado uma vivenda. Outra vivenda do lado oposto. Êsta em cima. Aquela em baixo. Um jardim ali, aqui um parque. Flôres, um delirio de flôres. Arvores, um poder de arvores. Ao todo dez ou quinze vivendas, com os seus parques, com os seus jardins — todos no ar intimo de membros duma familia só !

As caldeiras gorgolejam na varzea do fundo, semelhantes às das Furnas nos muros caiados, parentes das das Furnas nos jactos sulfureos.

Diz Fructuôso que «a um tiro de arcabuz da Ribeira Grande está um fôjo ou cova, que deita de si um ar tão peçonhento que mata os passaros e os coelhos que ali vão».

O fôjo ou cova dos tempos de Fructuôso é de certo a estancia ou presépio dos nossos tempos.

Mas hoje tudo respira ar de vida e saúde nêste recanto de boleadas curvas e fragrantes essencias — e os passaros morrem exaustos de cantar. Ora ouçam. Ao

meu ouvido chega a voz canóra de certo passaro bisnau, que de pupila faunesca na visinha janela, ao gemer da banza, canta, gorgeia :

Assim que ganho dez réis,
Gasta-los é meu costume
Em agua pisada aos pés,
Fervida sem ir ao lume.

. . . . . .

Venho surpreender aqui outra reminiscencia algarvia : — as banheiras do balneario em moda nas Caldas de Monchique, cavadas no solo e abastecidas de agua corrente.

E venho encontrar a hospitalidade dos varões de Plutarco — na casa fidalga do senhor dr. Luiz de Bettencourt, o ilustre patrono da efectivação autonomica da ilha.

E' quasi noite quando retomamos a estrada. Ali, álem sinêtas e sinos bocejam as Trindades.

Parece que a voz soturna das aguas, de combinação com o silencio espectral da montanha, impregnam de desconhecida melancolia as vozes dos campanarios. Partem dali, voam dálem, encontram-se no espaço, soluçam no silencio, choram sobre o mar.

O pior é que o automovel, mais pagão do que Sileno, mal aponta no ar o timbre de religiôso sabôr, engole-e ávidamente dum trago — embora logo o vomite, nos estertores do ebrio, não do moribundo...

E destorcido o caminho, de nôvo corrêmos no veio da Ribeira Grande — onde flutuamos por entre destróços da esfrangalhada romaria.

E da Ribeira Grande seguimos a artéria de ligação com Ponta Delgada — onde por um triz não naufragamos, ao dobrar duma curva, de encontro a notivago baixio de vacas holandezas.

Seria innevitavel o naufragio, se elas não estacam de subito, como assombradas de raio, á aparição do horrendo fenómeno. E te-las-hiamos fulminado de excomunhão maior, se elas se nos não mostram encandeadas e aturdidas aos jactos dos farois e ao mugir da buzina, e nêsse ar atonito de quem gagueja:

— Mas... que raça de boi será a dêste diabo?

A indole do pôvo e a emigração

Esgotei as reservas de sinonimos do verbo de acção de graças — ao cabo de quatro semanas de ilha de S. Miguel.

O seu patrimonio de aspectos louvaveis é daquêles que obrigam a bôca a proclamar o feitiço dos olhos.

Mas, depois de a conhecermos dum mez de convivencia, de lhe encarecermos os aspectos corporeos no contacto diário de cidades, vilas, aldeias e campos, outro motivo de admiração a exalta na nossa estima: — a belêza harmoniosa da sua vida moral.

Isto sempre é um mundo em que não tem fóros de cidade o crime de sangue, em que o crime de roubo não tem carta de profissão. E que assim é, afiançam-no as prisões comarcãs — quasi sempre vasias, ou habitadas por vagos delinquentes que sacrificam a liberdade temporaria à necessidade de manter de pé o organismo

juridico da comarca e a correlativa maquina criminal.

Êstas prisões de S. Miguel lembram edificios doutras eras e doutras civilisações, conservados de pé a favor da instrução do estudioso e recreio do turista.

Contam-se por aqui dezenas de Bemaventurados com romaria de arraial e procissão — romarias que no continente são outros tantos *casus-belli* de homericas batalhas populares. Por êstas vilas e aldeias celebram-se na roda do ano várias feiras de gado e outras especies comerciaveis — feiras que nos povoados continentais se convertem em fontes de desordem e campos de rapinagem.

Pois nas romarias da ilha, pois nas feiras de S. Miguel, o barometro policial não regista senão tempo de bonança, sem qualquer dos ventos do quadrante. Se entre dois visinhos ha uma troca de palavras fórtes, desconhecidas dos dicionários academicos; se um deles, sacudido pela fôrça das palavras põe um galo a cantar no frontal do parceiro, o caso atinge proporções inconcebiveis. E o ofendido, invariavelmente, ainda antes do segundo canto, à semelhança de Pedro no pretorio, nega o ofensôr, — correndo á justiça a requerer o seu indulto, não vá a maquina das querelas e sentenças tornar longa pena e oprobrio duro o que não foi senão instantaneo arrufo.

O que se verifica com o crime de sangue, producto expontaneo do impulso e da ira, observamo-lo com o crime de roubo, frúto espurio da dissimulação e da cubiça.

O crime de roubo, se existe por êstas paragens, surge como acidente esporadico, não como fenomeno endemico.

E tanto que, por todas essas vilas e aldeias, à borda das estradas, no desamparo dos campos, a maior riqueza da população, o seu milho, fica à mão de quem passa, dia e noite, no inverno e no estio — as espigas apinhadas em *manchos*, em gôrdos cachos, todas de camisa vestida, os *manchos* pendentes dêsses altares de Céres designados de *arribanas, cafúas, cafuões* ou *tóldas*, confórme a região, as dimensões e as formas.

Emquanto nos mais sadios lagares continentais o pão segue do sol da eira para a sombra da tulha, onde se conserva sob custodia, na ilha de S. Miguel — e nêsta como nas demais ilhas açoreanas — deixam-no à chuva e ao vento, confiado à guarda do Senhor.

Mais: — a êsta hora da estação, por arribas e quebradas de Tras-os-Montes e Beiras, as vinhas vergam de cachos maduros.

Por cada vinha. porém, à beira dos caminhos, perfila-se pelo menos um Cerbéro, de foice roçadoura na dextra ou espingarda carregada ao ombro — esquadrinhando com sete olhos o apetite ladravaz do vian-

dante. E o dominio onde a videira impéra tem por fronteira altos muros de granito. E sobre o dôrso dos muros de granito luzem cacos de vidro, eriçam-se couraças de silvas, arreganha os dentes o arame farpado.

Nêste rincão de delicias, a balouçar-se no mar como nau em calmaria, as videiras do vinhinho de cheiro quasi não podem com o frúto do seu ventre. Mas mostram-no-lo, satisfeitas de tão proveitosa maternidade, debruçando-se de estradas e verêdas. Não teem Cerbéros de sentinela. Os seus muros — dá vontade de nêles nos embalarmos — são sebes vivas e olôrosas de canas vêrdes e hortenses em flôr. E quando o sedento ou o faminto lhes passam a geito, oferecem-lhes daimosamente os seus bens — sem pensar em despedir o Deus complacente, se o pobre por ventura se serve dum cacho de uvas, para recrutar o iracundo Argus da caçadeira.

E as estufas de ananazes? — com os frútos por fóra vestidos de cóta de malha, por dentro cheios de sumarento ouro de lei, e cheirando a essencias ainda ignoradas de jardins, colmeias e alcôvas?

Cada um dêsses apetitosos frútos vale dois dias de trabalho do jornaleiro. Apezar disso — se percorrermos as estufas de Vila Franca, e são muitas, ou as da Povoação, ou as da Fajã, não lobrigamos uma que se vêja na necessidade de recorrer ao engenho do serralheiro contra a gula do semelhante.

* * *

Ha quem afirme que a ausencia de impulso sanguinario no varão açoreano resulta da qualidade efeminada do vinho—filho da videira americana e do solo humido, sem alma para os fortes cometimentos viris. Querem outros que provenha em linha recta do sentimento religioso predominante nas altas e baixas esferas a sua repugnancia pelo sangue e pelo roubo. E outros ainda pretendem explicar aquele traço admiravel da fisionomia colectiva — que eu receio ver adulterado ao influxo corrosivo da cocaína da cinematografia policial — pela fartura da terra e divisão da propriedade.

Eu não sou sociologo. Eu não olhei o fenomeno singular senão à superficie. Mas quer-me parecer que a brandura e a ordem nos costumes insulares provem da conjugação intima de todos aqueles factores com o factor clima — tépido, sem as extremas violentas dos rudes calores e dos opressivos frios, com a sua acção emoliente de estufa limando as arestas do coração e travando os impetos da animalidade.

Sob a vigencia dêssas varias causas convergentes, na morna doçura de tal clima, no decorrer das gerações, o homem, lôbo do homem, transformou-se no cordeiro ao lado do cordeiro — à laia de quem brinca descarregando de longe a longe no compadre a sua marrada inofensiva.

Porisso, olhando o micaelense, assim calmo e bom, sinto-me invariavelmente transportado à Matriz de Vila Franca, velha centenaria com a certidão de idade nas ogivas do portico principal. Lá dentro, sobre o primeiro altar da nave, da banda dos Evangelhos, ha um retabulo em que o Arcanjo S. Miguel vigia o rebanho das almas do Purgatorio. Calça os borzeguins escarlates de todo o S. Miguel. Usa o peitoral belicôso e o elmo emplumado que lhe vemos na França ou na Argentina. Mas ao contrario dos da Argentina, dos da França, não arranca contra o Dragão infernal. A espada pende-lhe inerme da cinta. E cruza sobre o peito os braços pacificos.

Ora aqui temos um S. Miguel — observo e comento — que é bem o simbolo do cidadão micaelense. Parece ter chegado agora mesmo de Genebra... de presidir à paz da Sociedade das Nações...

O que nasce, sem duvida, das condições do clima e da abundancia do solo, é o rio transbordante da população.

Porque o clima convida às languidas solicitações da ternura, porque a terra promete o pão á larga descendencia, a especie multiplica-se num crescendo de aguas do Nilo.

Instalada de preferencia nos lodeiros da beira mar, só excepcionalmente pactuando com o abrigo dos vales no seio das montanhas, a população desenvolve-se em ritmo de vertigem.

Por qualquer ponto por onde transitemos, ao sul ou ao norte, a léste ou oéste, não se encontram senão povoados a crescer, alguns com oito quilometros de extensão, como a Ponta da Garça ou a Bretanha — pois, para poupar as terras productivas, o micaelense estabelece e estende os povoados à beira das estradas.

Por povoados grandes e pequenos são em nuvens as crianças de todos os tamanhos. É aqui que compreendemos os enxames de almas da *Divina Comedia* — nêsta quadra terrestre, em cujas ruas sussurram verdadeiros enxames de almas, estas ostentando as graças morenas herdadas da Sulamite, aquelas florescendo sob os loiros atributos couhecidos de Isolda.

Assim, porque a especie se multiplica em vertiginosa cadencia, porque a terra, por muito que produza, não póde atender a todas as necessidades, a emigração constitue a valvula de segurança do equilibrio colectivo.

O açoreano emigraria mesmo que lho não impozesse o excesso da população — obediente ao fatalismo da ascendencia e ao canto de sereia do mar.

Mas, de facto, êle não poderia vivêr sem o fluxo

emigratorio, por escassez de terra para tantos braços e por carencia de pão para tantas bôcas.

De resto, por mais que lavre e semeie, — embora por toda a costa, de alto a baixo, se não enxergue palmo de leiva no ripanso do pousio — a espantosa fecundidade do humus não acompanha a fecundidade multiplicadora do homem. E está até demonstrado, por curiosos estudos e experiencias, que as culturas não produzem alem de determinados limites — proporcionais, não à densidade demografica, mas à extensão territorial.

O açoreano emigra para as Africas, e Brazil, e Argentina. Para onde emigra leva a riqueza incalculavel da sua solida estrutura moral, do seu apêgo ao trabalho, da disciplina dos seus costumes. Mas só forçado pelas circunstancias, talvez por ali se sentir mais perto dos seus, êle deixa por aqueles paizes a terra cubiçada da America do Norte.

A America do Norte é o seu sonho permanente, é a sua *Terra Prometida* — onde se faz agricultor, por vezes operario fabril, ás vezes comerciante. E sente-se tão feliz nêsse solo estranho, que lhe compensa o esfôrço e lhe premia as virtudes, que embarcando sempre no fito do regresso proximo, com frequencia por lá se fixa permanentemente— o que explica as grandes fazendas, as companhias e bancos organisados e consolidados sob a bandeira *yankee* pelo braço inteligente do filho dos Açôres.

Diz-se que os Estados Unidos pensam em regular a entrada de emigrantes pelas estatisticas criminais dos povos tributarios. Muita criminalidade — poucos emigrantes. Ao contrario — muitos emigrantes compensando a criminalidade diminuta. Se assim fôr, os Açores teem resolvido o seu problema emigratorio. Nenhum povo do mundo poderá competir com êles em diplomas de apurada saúde moral.

E então, desde êsse dia em diante, não haverá açoreano apoucado de bens temporais que não vá a Filadelfia, que não se estabeleça na California – pelo menos até poder construir casa nova na terra, e comprar mais dois alqueires de vergel, e concorrer para as obras da Matriz.

A pesca da baleia

Estamos na costa norte, no pôrto das Capelas — onde chegamos ao fim da tarde. E ao aproximarmo-nos da borda do molhe central, eu, que não sou dos mais sensiveis à vertigem dos abismos, recuo dois passos no receio de me precipitar no pégo.

Este pôrto natural devia ter sido obra de espantosa derrocada, na era epileptica das erupções vulcanicas. A terra abate verticalmente sobre as aguas revôltas a uns duzentos metros da costa. E êsses duzentos metros de muralha interior, abrindo para o largo em arco de ferradura, concertam o abrigo da enseada em toda a ilha conhecida por pôrto das Capelas.

E' lá no fundo, à nossa direita, numa ruga da falésia, o varadouro dos barcos. Cá para o alto trepa-se por outra ruga, esta com a aparencia de regueiro sêco das chuvas inverniças.

No varadouro acanhado dormem seis ou sete canôas

de pesca. No embalo da agua vê-se ancorada outra canôa, cisco miudo no meio das cortinas alterosas de acobreada tintura. E no tôpo dos pendores laterais, no da direita alteia-se o pescoço de girafa do farolim, sobranceiro ao telhado da casa do faroleiro; no da esquerda, a terminar na ponta do Manoel Lobo, assomam tufos de arbustos, transidos de horrôr os que se debruçam dos profundos despenhadeiros.

O mar, no azul denso do cobalto, arranca para terra na arrogancia de esquadrão em linha de batalha. Vem seguro das suas herculeas energias, cada onda um centauro indomito, a luz picando-lhe as rutilas escamas de aço, o vento encrespando-lhe as brancas crinas de espuma. Mas chega e esbarra contra o baluarte inacessivel da penedia. Não lhe vejo o embate donde me encontro. Sinto-o, porem, rugir de raiva, e tombar enovelado, e recúar em turbilhão — para recomeçar de nôvo, para de nôvo voltar à carga. Apenas a formatura do centro, — e esta tenho-a bem presente, diante de mim — encontrando aberto o portão da enseada, galga por aí dentro, na sanha do guerreiro que tudo abate e conquista. Afinal, porque as muralhas rigidas da falésia orgulhosamente lhe apertam o campo estrategico, a vaga façanhuda vem morrer, sem grandeza, de encontro aos molhes do pôrto aparelhado pela engenharia da Natúra.

De súbito vemos agitar-se o povoado em volta de nós — o laborioso povoado das Capelas. A sinal convencionado, imperceptivel ao forasteiro, todos os moradores do lugar, grandes e pequenos, a saia de mistura com a calça, correm ao pôrto, debruam os abismos, fitam o mar.

— O que é? O que foi?

Ninguem nos responde. Aqui, ali, alem, homens de mão em pala, raparigas de face inquieta, sondam a distancia multicôr, vigiam o agitado deserto.

— Eh! Lá veem! — clama uma voz. E são logo dez vozes, vinte vozes a glosar aquela, e são vinte, trinta dedos a apontar nos longes indecisos as coisas, para nós invisiveis, anunciadas pelas muitas vozes.

— E não trazem nada! Nada! — anunciam aqui, álem, outros e os mesmos timbres, desta vez na toada plangente da desolação.

Compreendemos a scena. Começamos até a vêr o que os desolados viram antes. Definem-se ao longe, à nossa vista profana, três cascas de noz a bailar nas ondas, a crescer de vulto. São as canôas dos baleeiros dêste pôrto notavel pela pesca da baleia — que regressam ao cais sem a cubiçada prêsa.

Esperamos a chegada. Assistimos ao desembarque. E meia hora depois das canôas varadas, todo aquele povoleu sussurrante recolhendo aos serviços caseiros e

às obrigações campesinas, colhemos da bôca do baleeiro José Moniz — homem atarracado de corpo, alto de animo e singelo de palavra — o porquê da faina improdutiva dêste dia de Setembro.

— Ha muitas baleias nêstes mares? — pergunto, relatadas as causas da fracassada labúta.

— Bastantes. Só este verão a minha companha tem arpoadas dezeseis.

A pergunta traz novas perguntas. A curiosidade acirra-se ao corrêr das respostas. E porque muito perguntamos, e porque tudo queremos saber, o baleeiro põe-nos ao vivo, na sua linguagem de vocabulario escuso e eloquente gesto, o mais recente dos seus combates com os cetáceos das aguas micaelenses — ocorrido na semana transacta, o gigante nêsse tranze abatido pelo pigmeu.

O faroleiro, que lá em riba, de binoculo em punho, vigia de sol a sol o passeio dos cetáceos pelos mares da ilha, aí por horas de almoço hasteára no mastro do pôsto a bandeira vermelha — sinal de baleia a oéste, pois se ela segue no rumo de léste hasteia a bandeira branca, hasteando a branca e a vermelha se torce na rota do norte.

Bandeira no mastro do faroleiro é todo o povo de levante — são as sementeiras viuvas de arados, são as oficinas orfãs de braços, são as lareiras sem as sacer-

dotisas do fôgo, são os berços sem os bambinos de leite. Tudo, gentes da faina agricola, criaturas dos serviços domesticos, acudindo ao pôrto, uns para saltarem às canôas, outros para bradarem as boas idas a beneficio dos combatentes.

Os baleeiros descem ao cais, tomam três canôas, o homem do arpão na da frente, com o ferro a geito, o homem da linha ao seu lado, com o novelo de corda enrolado num balde, pronto para a briga, nos três barcos nove homens ao todo, alguns armados de lanças e machados, numa delas o arcabuzeiro com a arma atulhada de zagalotes.

As canôas largam a remos, se não ha vento de feição que sacuda, avivente e galvanise a aza de gaivota da vela latina.

As gentes da faina agricola, as criaturas dos serviços domesticos, à beira dos despenhadeiros, atiram-lhes as bençãos protectoras contra as investidas do monstro, recomendam-nos aos santos tutelares para que os levem e tragam sem defeito.

E eles lá vão, as quilhas rasgando as ondas, os braços acionando os remos, os remos a mergulharem na tinta glauca, a tinta glauca a esparrinhar sol.

Mas, como o cetáceo navega longe, e só repousa se adormece, e por vezes muda de rumo, o vigia de terra substitue a bandeira do primeiro sinal pelo fumo de

fogueira — pois a bandeira deixa de se vêr a menos de milha da costa. E nêste lance, confórme a marcha do cetáceo, assim a fogueira crepita à direita, ou chameja à esquerda, sendo duas a fumegar simultaneamente quando o passeante toma o caminho das regiões boreais.

Já enxergam a estibôrdo o repuxo de jacto intermitente com que o janota assinala a sua presença nêstas ou naquelas paragens — especie de alvo penacho, que aparece e desaparece, obediente ao ritmo da respiração dos gigantescos pulmões. Daí a nada, mais vinte remadelas bôas, já lhe medem a ôlho a estatura de colôsso, a cabeçôrra enorme saíndo fóra de agua como rochêdo movel de basalto, o tronco luzente a descaír até à cauda em declive de ladeira, a cauda bipartida nas dimensões do leme de trasatlantico — o conjunto do formidavel arcaboiço fazendo para mais de vinte metros de espesso e gorduroso tecido.

Os pescadores redobram no impeto da investida. E regulando-a pela directriz da jornada do dragão, que a outros homens, não a êstes, só infundiria terror, determinando a fuga consequente, manobram de modo a aproximarem-se-lhe do tronco sem roçar a zona da cauda ou da cabeça — visto que, a trombada ou safanão, em menos dum sinal da cruz, o Golias dos mares reduziria canôas e pescadores a frangalhos e destróços.

Encontram-se a dez metros do flanco do gigante, que

não adianta nem atraza a andadura, indiferente à visita dos pigmeus. A agua dança ao pêso do vasto corpanzil, redemoinha ao bracejar das poderosas barbatanas. E agora, olhado de baixo, a todo o comprimento, a cabeçôrra espirrando esguichos de vapôr, o tronco e a cauda elevando-se muitos palmos acima do nivel das aguas, é como se encontrassem na sua rota ilhote negro e flutuante, alindado de vistôso repuxo à dianteira.

Á prôa do barco da frente, o trancador, ou homem do arpão, de pé, em cabelo, olhar atento, o ferro na dextra, hirto e solene, aguarda a aproximação necessária para lho cravar nas parêdes vulneraveis do *ampo* — por traz das barbatanas, ou *gálhas* anteriores, as que correspondem aos braços nos seres humanos. Aos pés do trancador, o homem da linha, êsta já amarrada ao arpão, o resto enrolado dentro do balde, tudo dispõe e prepara contra o perigo de empeno na rapidez da manobra iminente.

O barco navega a três metros do passeante. O trancador aponta o ferro. E num movimento instantaneo como tiro de funda, certeiro como chicotada, manda-lhe o ferro direito ao *ampo* — o silencio imponente da soliidão maritima a ampliar o espectaculo, o sol a arder na crista da vaga, as canôas a ligarem-se por cabos de manùla na pressa da inevitavel corrida.

Á surpreza do golpe o cetáceo retem a marcha. Mas logo, ao rebate da dôr violenta, não vendo o inimigo ao alcance das suas armas de arremesso, larga mar fóra em correria louca. Com um pêso a orçar pelas cem toneladas iguala-se na leveza ao pé de vento. Assim, na velocidade da abalada, que excede a do expresso na planura, que só póde sêr comparada à do avião no espaço livre, arrasta atraz dêle a canôa do trancador, ligada pela linha do arpão ao flanco, arrasta com êsta as demais canôas, amarradas por cabos ao primeiro barco. Aí vão todos, o monstro à frente de locomotiva do comboio, a agua espadanando das quilhas das canôas, agua e espuma aureolando o vulto heroico dos baleeiros — êstes aos gritos, às imprecações, a açularem a arrancada vertiginosa do cetaceo ferido. E para atenuar os excessos da celeridade, assegurando os pescadores contra o risco de serem devorados pela bocarra dos abismos se a prêsa mergulha nas aguas revôltas — o que frequentemente pratica em legitima defêsa — o homem da linha desenrola sempre as dezenas de braças de corda enfiada no arpão.

Nisto, a baleia pára, esfalfada. Põe-se em guarda, disposta a defender a vida. Mas a pobre victima do gigantismo, que se atacasse com a cabeça ou a cauda meteria no fundo navio de dois mastros, tem os minusculos inimigos à ilharga — onde não póde atingi-los, a não

ser por descuido, o que lhes acontece uma vez por outra, pagando caro a imprevidencia. E êstes, então, esticando e enrolando a linha, aproximando-se da prêsa, ageis como simios e rijos como atlantes, passam a executar a abordagem. Emquanto o homem do bacamarte despeja nas entranhas do mastodonte meio quilo de metralha, os outros, de lanças em riste, de machados erguidos, marinham-lhe pelas espaduas, saltam-lhe ao dôrso, rasgam-lhe os flancos, golpeam-lhe a cabeça.

O monstro debate-se, sacóde-se, no furor da raiva impotente, na alucinação da grande dôr. O sangue jorra em torrentes. O mar tinge-se de carmesim. As baleeiras lambusam-se de rubro. E na veemencia da luta homerica, os rubros pescadores, figuras macabras de magia medieval, aos golpes, aos rugidos, às pragas, nem dão pelo tempo que consomem na briga, nem olham o mar que surdamente os ameaça — todas as potencias e todos os sentidos ao serviço da formidavel chacina.

O cetáceo, imensa posta de sangue flutuando num mar de sangue, queda-se inanimado. O sol vai na descida para o berço rutilante das aguas. Os baleeiros alçam sobre o vencido os balsões da victoria — ferros no ar gotejando o vinho capitôso das batalhas.

E retomam o seu pôsto nas canôas. E amarram à da

rectaguarda o cadaver da baleia. E transportam-no a reboque para o pôrto das Capelas.

Ao sinal convencionado, mal o vigia os lobriga na livida cercadura do horisonte, tudo acode ao cimo dos pendores, grados e meúdos. E tudo canta os hosanas do triunfo, porque o cetáceo, esquartejado e levado ao fôgo nos caldeirões de cobre, renderá dezenas de barris de oleo a favôr da companha e armadores — afóra os barris de espermacête contidos na cabeça, e as libras de ambar a extrair-lhe do ventre, se porventura sofre de certa molestia intestinal.

— Quanto tem Vocemecê de oleo por cada baleia pescada? — inquiro do cronista, finda a cronica da movimentada batalha.

Ao que êle responde, sem alarde ou azedume:

— Recebemos do patrão 2.500 fracos, por cada dia de trabalho...

Isto é que se chama vender o direito à vida — na maior das lutas conhecidas — por meio prato de lentilhas!

Despedimo-nos do David, que tantos Golias tem abatido e esquartejado, e que à despedida nos presenteia com três dentes de cetáceo — prova de que os corpolentos mamiferos dos mares dos Açôres não são, na verdade, propriamente baleias, animais destituidos de dentadura, sendo antes os seus primos cachalotes.

A caminho de casa reconstituo a luta horrenda em pleno mar. Mas maior do que o rude combate apresenta-se-me o desinteresse dos combatentes.

Atravessamos Fenais da Luz ainda ao luzeiro do poente. Ao abeirarmo-nos da Ribeira Grande cai do céo sobre o mar, ou do mar sobe para o céo, poálha de translucida anilina que me faz crêr em efeito de scenografia ou sonho inverosimil. A poálha azulinêa tudo envolve e afaga em redôr. Parece que estou vendo as luzes da vila, a mancha incerta das aguas, o focinho adusto da Ponta de S.ta Iria atravez de cortina de cassa anilada. E continúo sem saber, se isto é poeira do céo azul a caír sobre o mar, se é halito azul do mar a subir para os céos...

A lenda das Sete Cidades

Nascida do povo, ou criada pela erudição a lenda das Sete Cidades apresenta o flagrante aspecto de reconstituição local, tradição açoreana, do cataclismo prova velque subverteu a Atlantida. Toda a sua trama, á parte o elemento romanesco em que se movem as dramaticas figuras centrais, parece urdida com o fio colhido e fiado por Platão e Homero, por Kircher e Verdaguer — e atualmente acreditado por obreiros da confiança de Termier e Moreux.

Segundo a lenda das Sete Cidades, o vasto continente submergido, de que são testemunhas as ilhas montanhosas dos Açôres, e Madeira, e Canarias, teve por ultimo soberano o poderoso rei Brancopardo. A sua consorte, a ultima rainha do abastado imperio, chamava-se Brancarosa — quasi a Brancaflôr da lenda nordica do Parsifal.

Ora o imperio do rei Brancopardo, contemporaneo do primitivo Egipto, com o qual mantinha o trato duro da guerra umas vezes, outras vezes o trafico brando da amizade, devia ter os seus deuses, os seus templos, os seus sacerdotes, os seus vassalos ao gosto e sabôr dos do vale do Nilo — pois o vale do Nilo irradiava então, atravez dos nautas, das caravanas e dos exercitos, as tradições e os costumes em moda por todos os povos do ocidente, e era certamente pelos territorios atlanticos que subiam até ao Mexico.

Os ascendentes reais de Brancopardo haviam-se distinguido nas lutas contra o rei Ménes — o faraó devorado depois por um hipopotamo. Levaram o pão dos seus ricos celeiros ao faraó Uennefes, o das piramides de Kokone — quando das fomes que assolaram a nação. Com os seus séquitos esplendorosos assistiram às festas promovidas pelo faraó Kacikos — o que outorgou altar de deuses ao boi Apis, em Memphis, em Heliopolis ao bóde Mendes. E estiveram no reino dos Ibis e das piramides na era do faraó Neferkeres — atraídos pelo espectaculo do Nilo, que durante duas luas correu cheio de mel; e no tempo do faraó Binotriz — levados pelas celebrações em honra das princezas consagradas com o direito ao trono.

Porisso, o imperio do rei Brancopardo á certa possuia deuses como os de Memphis, templos como os de

Karnak, sacerdotes como os de Ra, piramides como as de Sakkarat, esfinges como as de Gizeh. E por toda a parte, junto das colunas policromicas dos recintos sacros, à porta dos venerandos monumentos onde moravam os poderosos, assentava os leões e grifos alados do simbolismo egipcio.

Mas Brancopardo, apezar do seu poderio e riquezas. vivia no isolamento do palacio na tristeza sombria dos condenados e dos famintos.

Porquê? Porque olhava em volta de si, percorria os salões da Côrte, atravessava as alamedas dos jardins, sem que lhe afagasse os olhos o vulto promissôr de herdeiro ou herdeira que no trono lhe continuasse a sólida realeza. E os anos rolavam sobre os anos sem que a sua vinda se anunciasse. E a velhice, que se abeirava, não poderia sequer prometer-lhe o que lhe negára a mocidade.

Á tristeza sobreveiu a melancolia. A melancolia trouxe-lhe a ferocidade — sua proxima parente. Assim, êle que fôra na juventude o humor que tudo dealba e alumia, êle que fôra na fôrça varonil a moderação que gera a paz e o cuidado que produz a ventura — sustendo exercitos inactivos, masmorras vasias, verdugos inertes — agora, que a velhice se avisinha, põe os exercitos em pé de guerra, atulha de vitimas o ventre das masmorras, alaga de sangue o altar dos verdugos. Ordena

hecatombes humanas, que a insaciavel colera torna abominaveis de crueldade. Onde quer que surja homem ou mulher de pêlo ruivo, tidos por emissarios dos deuses infernais, seus inimigos, logo os reduz a cinzas na pira abraçada pelas chamas.

Cidades e vilas estremecem de terror e cobrem-se de luto. Os templos enchem-se de fieis suplicando a misericordia dos deuses. Os sacerdotes celebram sacrificios convocando a piedade das alturas.

E porque às alturas chegaram os oficios dos sacerdotes, e porque os deuses ouviram as vozes dos fieis, das bandas do oriente, em certa noite cálida, acerca-se clara nuvem, quando o rei e a rainha, no terraço do palacio, recebem as brisas do mar e aspiram os olôres dos jardins — êsses maravilhosos jardins de pomos de oiro, conhecidos de Hercules, obra prima da rainha Hespérides antes da sua partida em demanda das Hispanias.

Mas, caso singular! sendo noite, a nuvem mostra os bordos faúlhantes de sol. Estando calôr, do seu bôjo solta-se orvalho resplandecente, que tudo aljofra e refresca. Marchando silenciosa, detem-se sobre o régio terraço, e logo do seu seio se derrama voz imperativa, sim, mas de cadencia sem igual nas cordas do psalterio ou no gorgeio do touto.

Brancopardo olha atonito. Brancarosa estremece sur-

preza. E ambos, as pupilas fitas na estranha aparição, escutam atentos os dizeres da incomparavel melopeia.

— Rei duro e sanguinario! Abranda as tuas iras. Poupa o sangue dos teus vassalos... que ao fim de nove luas a rainha dará ao reino uma filha — preludía a voz, semelhante talvez áquela que no Hebron, em Canaan, assegurou a Abraão a tardia maternidade de Sara, sua mulher. — A tua filha será linda que nem o céo no alvorescer, nem os tesouros, nem os jardins. Só poderás merece-la, entretanto, e viver à sua luz, quando os teus olhos esquecerem a crueldade, quando o teu coração ignorar o travôr do sangue. Porisso, a princeza a vir ao mundo, e a ser apartada de pai e mãe. Para sua morada e recreio, junto das mais belas montanhas do imperio, vão ser levantadas sete cidades, entre muralhas de bronze, veladas por guerreiros possantes e providas de incontaveis regalos. A infancia, no aconchêgo dos seus dominios, correr-lhe-á feliz como a do anho no vergel; a mocidade cobri-la-á de graças sem par. Vinte anos são precisos, porém, para que os teus olhos possam merecer-lhe os encantos, sem os ofender, para que o teu coração, sem o magoar, logre bater junto do coração dela. Só a terás comtigo transcorridos vinte anos. E se algum dia, perto ou longe, antes da ultima hora do ano derradeiro a chamares a ti, ou violares o seu sacrario, os deuses fulminarão a tua rebel-

dia, e entregarão à sede e à fome do fôgo e da agua os teus reinos esfacelados. Jura, se pódes, cumprir o mandato dos deuses, teus senhores!

Juro! — murmurou, mais em sonho do que em consciencia, a rainha a referendar e a sorrir.

De facto, á setima lua, no crescente, já o ventre da rainha revela a turgida grossura da casca a envolver o frúto. E nove luas contadas, o frúto cai da arvore — tão lindo, e tão singular na lindeza, que nos primores do talhe excede os da flôr na magnolia, que na suavidade do olhar vence a do azul na safira, que no rosado da face não a iguala a hostia consagrada do arrebol.

As Sete Cidades, aparelhadas e embelezadas no seio das muralhas, aguardam a principesca donatária. Pelo que, mal os beijos maternos a abençoam, o amor paterno interdito de a espreitar sequer na camara da parturiente, recebido por baptismo o nome de Verdeazul, em vistôso cortejo, no embalo de palanquim, nos braços da ama, ao cuidado de donas e donzelas, a recemnascida embala-se a caminho dos dominios edificados por obra e graça dos deuses.

Os anos sucedem aos anos. O rei espera. Debruça-se das aguas dos jardins a espiar a claridade dos seus

olhos, outr'ora sempre turvos ; sonda os arcanos do peito a medir a doçura do coração pelos beneficios concedidos a amigos e inimigos.

Todos os dias entram mensageiros em palacio com novas da princeza — o timbre do primeiro riso que lhe canta na bôca, a graça da primeira palavra que se lhe desprende da lingua, a euritmia do primeiro passo que lhe movimenta o pé. Mas tudo isso, de que ele recebe noticia, que não póde seguir de perto, lhe quebra cada vez mais o animo, esporeando-lhe dolorosamente a ansiedade.

Já sai a passeio, entre teorias de virgens de alvissimas tunicas. Já expõe no balcão a flôr doirada da sua cabeça, á espreita do principe que ha-de guardar-lhe o incenso. Já interroga as estrelas no céo, a face velada de melancolia, no temôr de que o principe se tenha extraviado no caminho.

A cada nova recebida maior o acrescimo da impaciencia. Por fim, a impaciencia condu-lo ao exaspero, o exaspero á alucinação.

A rainha pede que se modere. Não deve esquecer o juramento, concertado segundo o ditame dos deuses.

Impossivel ! Se os deuses o querem pacifico, e misericordioso, restituam-lhe o frúto do seu amôr. Emquanto lho retiverem oculto, as dôres da sua alma só nas dôres da alma alheia terão remedio. E outra vez os olhos

turvos, o coração outra vez sedento de sangue, reincide na crueldade antiga : — arma o braço dos exercitos, povoa os antros das masmorras, brande o cutelo dos verdugos.

Até que, em manhã de cerração, desvairado pelas vigilias, no pavor da morte antes de findos os dois anos que tem de dar ainda à renuncia e á penitencia, decide quebrar de todo o pacto jurado e assinado.

Os deuses teem por êles a flecha do raio e o látego dos vendavais. Afrontará as armas dos deuses sob o escudo das suas lanças inumeraveis — espessas qual tôjo no mato. E se os guardiões das Sete Cidades, por desfortuna, se opozerem aos designios do rei, as suas cabeças tombarão como espigas na ceifa.

E logo ordena o levantamento em massa dos homens válidos, como para a maior guerra do imperio. E logo impõe o tributo em manadas, rebanhos e celeiros, como para a mais dilatada das suas contendas.

O sol rompe a linha esbrazeada do levante. E a floresta dos machados, das lanças e tridentes, a agitar-se no rumo norte em sucessivos macissos, rutila no espaço como via lactea de fogos fatuos. O rei Brancopardo lá vai no turbilhão da sarça ardente. A rainha Brancarosa, que não lográra mante-lo prêso ao jura-

mento, lá segue numa das clareiras da faúlhante espessura. Soberanos e vassalos, com infantes e cavaleiros, marcham no roteiro das Sete Cidades.

A vanguarda é dos trombeteiros. Depois destaca a herculea estatura de atlantes, pescôços taurinos e fraldelins de couro, dos homens instruídos no manejo dos machados que hão-de abater as portas das muralhas. Armada de tridentes, arcos, flechas, lanças, toda ela de escudos nos braços, de touca na cabeça e os cintos de couro cravejados de pregos coloridos sobre o avental de linho grosseiro, a infantaria ocupa extensão que a vista não mede de ponta a ponta.

A' rectaguarda da infantaria a falange dos cavaleiros, fraldelins de couro abraçados aos rins e prêsos aos joelhos, lanças e arcos batendo nas espáduas dos ginêtes.

O séquito dos hierofantes e sacerdotes menores. O Gran Sacerdote ao centro, de Kalasiri transparente apresilhado nos ombros; ao pescoço, no geito de romeira, a pele de leopardo; na mão hieratica o scetro sacerdotal; os pés calçados de sandalias de linho — aqueles e êste entoando canticos liturgicos, conduzindo os turibulos do culto, transportando os vasos dos sacrificios.

A' sacra colegiada — que o rei convocou no vago anseio de peitar a complacencia dos céos, condoidos do

seu desvairo de amor paternal — segue-se o bando das donzelas consignadas aos recreios da Côrte. São as bailadeiras e as tangedeiras. São os mais finos perfis do reino, o mimo, a graça e a beleza das raças de apuramento. Jornadeiam nos palanquins acolchoados de penas, sob tunicas transparentes. E no embalo dos movimentos ensaiam ritmicas contorsões coreograficas, marcadas ao som das liras, dos psalterios, dos pandeiros, das flautas — as flautas duplas, com acordes de que flue a doçura do olôr dos nectares ; os pandeiros de rena, com guizos nos arcos de que se derramam chuvas de cristais ; os psalterios de cordas elasticas, tão plangentes no tanger como a fonte no chorar ; as liras de cinco cordas, tão fieís aos dedos como as folhas á viração.

A meio do bando harmonioso, e das aias, e das camaristas, no mais rico palanquim, e triste que nem a lua ao raiar da manhã, balouça-se a rainha Brancarosa : — coroada pela touca tradicional da flôr de lótus, os seios nus entre faixas policromicas e franjas de ouro, um pano de precioso tecido enrolado aos flancos, o cinto de purpura orvalhado de gemas.

O rei vai no seu carro de guerra. Ao tirante arfan dois cavalos de sangue, na ligeirêza iguais ao vento, iguais ao vento na fogosidade. Corôa-o a tiára bipartida. Em vez do scetro imperial aperta na mão a espada in-

vencivel dos antepassados. E porque alteia rudemente a cabeça, parece desafiar os homens na terra e nos céos os deuses.

No coice da viatura comprimem-se os dignitarios incumbidos de agitar as plumas dos flabelos. A' ilharga dos dignitarios e soberano desdobram-se os cavaleiros da guarda real, estende-se a perdêr de vista a seara das alabardas, das flamulas, das insignias. E tudo isto, cavaleiros e peões, cantores, musicos e trombeteiros, acerta o grôsso rumôr da torrente no leito estrangulado em declive.

De fecho ao cortejo tropeiam os rebanhos e as manadas, acotovela-se a peonagem de plantão ao ventre da imensa hidra — que põe em sobressalto povoados e culturas.

E' longa a jornada. Mas o rei, decidido a brandir a espada, se a senha fôr de luta, inclinado a dobrar o joelho, se fôr de paz a monção, nem repousa, nem consente repouso — a não ser nas horas marcadas para o alimento; ou nas cidades de transito emquanto lhe prestam vassalagem; ou nos templos, entre piramides e esfinges, os sacerdotes nos sacrificios e canticos do ritual.

A manhã do nono dia acorda de pupila azul cheia de sol. E o sol, ao bater nas muralhas de bronze das Sete Cidades, tão subidas que poucos logares mais altos ha-

verá em todo o reino, expõe-nas á vista do rei e dos do seu séquito.

— Eh ! As sete cidades ! — clama o monarca, jubilôso.

Os seus olhos a descobri-las, porém, a sua bôca a modelar o jubilo do coração, e o céo a carregar-se instantaneamente de negro, e as montanhas a oscilarem medonhamente em redôr. Das profundidades do solo, que treme as febres de violenta sezão, elevam-se roncos que semelham os das feras rugindo de furôr, ou os do mar prisioneiro de escusas cavernas.

Os trombeteiros emudecem. Os sacerdotes calam-se. E todo o rumoroso cortejo, sem excluir cavaleiros e infantes, quebra a marcha cadenciada num recúo de assombro.

O rei ordena aos trombeteiros que soprem mais rijo as suas trompas, aos sacerdotes que ergam mais alto os seus cantos, ás tangedeiras que tornem mais sonorósos os seus instrumentos. E faz avançar os exercitos a passo de carga, para que a tropeada dos passos no chão, para que o tilintar dos ferros nos arções, com o clangôr das trombetas, o coral dos sacerdotes, o guisalhar dos pandeiros, abafe ou amorteça o rugir e o bailar de profundezas e altitudes.

O negrume do céo escurece o dia nascente. A rainha suplica ao rei o regresso a palacio. Surdo às suplicas da

rainha e aos roncos subterraneos, cego à catadura do céo e à dança das montanhas, avança sempre. Até que chega em frente das muralhas, os adarves e seteiras desertos de homens de armas.

Marca posição aos troços de guerreiros. Arranca no carro veloz, apartada ao meio a floresta de lanças e tridentes. Apeia-se à porta de bronze que dera entrada à princeza sua filha. Alça a espada invencivel dos avós. E descarrega na porta cerrada, para que a abram, bravo e sonoro golpe.

Então, tal qual como se a porta fôsse o botão electrico de todas as baterias de céo e terra, o raio solta-se das nuvens. As descargas atroam montes e vales. As cristas altaneiras vomitam labarêdas. O chão abre-se em formidaveis bocarras, sorve cavaleiros e piões. E a lava que simultaneamente irrompe do ventre das muralhas, como de monstruosa cratera, sepulta sob as igneas camadas o rei, a rainha, os sacerdotes, as virgens, os restos esfacelados do exercito, os destróços vivos da carriagem.

A tormenta não abranda. O solo desagrega-se e engole as montanhas, com espantoso fragôr. Os vales fendem-se e dilatam-se em inconcebiveis abismos. E a terra inteira se esfarela, em derrocadas, em sorvedouros, como se de subito lhe faltassem os fundamentos.

Dentro em segundos, os raios a faiscar, os trovões a

bramir, as crateras a rugir, o mar avança do norte, o mar investe do sul. E os poucos montes que se aguentam de pé na furia da tormenta quasi todos rolam desamparadamente no vortilhão das espumas. E á tona das aguas alucinadas irrompem os gorgolejos das crateras que se submergem e afogam. E as vagas crescentes, indomitas alcateias de leões, jubas desgrenhadas caindo sobre as ultimas prêsas, submetem planuras, assaltam colinas, devoram de lés a lés tudo quanto ainda pouco antes era côrpo e alma de famôso e formôso imperio — tão madrugador no amanho de searas e pomares, como cativo da beleza de cidades, templos e jardins.

* * *

Só muitos seculos volvidos o homem voltou a assentar pé nos palmos de terra e penhas calcinadas que ficaram do cataclismo. Foi a êsses restos insepultos, cumieiras dos dominios submergidos, que os nautas do seculo XV crismaram de ilhas Canarias, de ilhas da Madeira, de ilhas dos Açores. E é nos Açores, na ilha de S. Miguel, sobranceiras ao mar, que se conservam as muralhas das Sete Cidades, — pelos tempos e temporais transformadas em espaduas de montanha, a crosta viva de detritos e humus a alimentar ao seio florestas e searas. Mas no concavo fundeiro das

rudes muralhas, em vez das cidades que voaram no dôrso da lava, veem-se duas lagôas confinantes — uma vêrde, porque no resguardo do seu leito jazem os sapatos vêrdes da princeza donataria; azul a outra, porque no misterio das suas aguas a sombrinha azul da linda sequestrada dorme sôno eterno.

As Sete Cidades

Onze da manhã. O auto solta-se das curvas da carreteira, redopiando e zumbindo — o pião nem redopia nem zumbe mais lépido ao soltar-se da corda. E estamos em Ponta Delgada. Endireita logo á estrada do Ramalho, no fito de nos conduzir às Sete Cidades. São excelentes na sua maioria êstas estradas da ilha. E excluidas as que estabelecem comunicação directa do norte com o sul, arterias centrais irrigando o tôrso do gigante, todas teem por companhia a estrada sem fim dos mares.

A do Ramalho, na costa sul, assenta em região que não deve o bem estar à beleza. Mas de subito atinge a *Vigia* — o pôsto onde os norte-americanos, durante a guerra, colocaram o grande canhão de esculca aos submarinos germanicos. Transposta a *Vigia,* a paisagem cambia bruscamente de feição. Os olhos alagam-se-nos

de riso — desafiados pelo riso dos campos em socalcos e do povoado em declive, povoado e campos baptisados de Féteiras.

Ao primeiro relance a povoação, muito alva e escorregadia, afigura-se-nos lavadouro à beira de agua, a roupa ensaboada ou a espuma do sabão correndo para o vasto tanque fundeiro — o mar enamorado que noite e dia lhe ronda os bens da formosura.

Mais dois espirros do motôr. Mais duas curvas no amago de milharais. O carro modera o passo. Pára logo adiante, na Lomba da Cruz — onde lobrigo uns olhos, à espreita num campo de milho, detraz de sébe de canas, que eu já vi algures, salvo seja... sob as pestanas de Ruth, môça linda e piedosa ceifeira moabita.

A necessidade divorcia-nos da civilisação, entrega-nos à rotina. Abandonamos o estôfo ligeiro do auto. Tomamos a andilha sonolenta do jumento.

A estrada contorse-se à beira mar. A dois covados da estrada irrompe a montanha das Sete Cidades, correspondendo à muralha de bronze edificada em tôrno dos dominios da princeza Verdeazul. De alto a baixo desprende-se a verêda em zig-zagues, talvez a cicatriz do raio que fendeu a fortaleza no dia do remoto sacrilégio do rei e da batalha dos elementos. E é êsta verêda a que nós vamos transpôr, ólha à direita, ólha à esquerda, ao chouto narcotico dos asnos.

É preciso. Não ha que gemer. De resto, os cimos apetecidos prometem-nos por premio o lauto festim das primicias mais gratas ao paladar.

E aí vamos nós a passo melancolico de jumento. Mas êstes jumentos de serviço aos atractivos das Sete Cidades davam substancioso tratado sobre a inteligencia dos brutos a Le Dentec ou Maeterlinck que se dispuzessem a descer aos mudos arcanos das suas leis consuetudinarias. Eu, por mim, descoroçoado de escogitar o intimo do bipede meu semelhante, sombria escada de caracol que me faz perder os sentidos, não mexo palha para esclarecer o porquê de quanto observo e anoto nos habitos pessoais dêstes quadrupedes de caracter.

São quatro os que nos transportam às eminencias miguelinas — orelha conformada, cabeça reflexiva, cauda pendulante. São quatro, cada um de seu senhor. Apezar disso — todos marcaram a sua posição na caravana. Êste é a testa do rancho, aquele o cerra-fila. O segundo vai a tantos passos do terceiro, êste a tantos do da rectaguarda. E póde caír-lhes sobre a garúpa o látego irracional do burriqueiro, ou martelar-lhes o ventre o impaciente calcanhar do viandante — viandante entalado na andilha, à moda feminil — que o asno não atraiçôa a posição ou modifica a andadura.

Se traduzissemos em vulgar as causas certamente ponderosas do invulneravel costume, teriamos, quem

sabe? desvendados misterios de dinamismo e resistencia por emquanto defêsos aos sabios que caluniam os asnos.

Mas perdão. Deixemos os asnos de facto e os asnos de direito e volvamos os sentidos da alma para o alfabeto que os olhos sem ajuda não sabem soletrar.

O céo, que ao abrir da manhã era azul de faiança cantoneza, que à saída de casa era cinzento com laivos de purpurina, é agora novamente azul — agora do azul lavado, quasi frio, da turqueza engastada no anular duma das damas da comitiva. E porque o céo se apresenta em galas de festa, o mar, ao sopé da ravina, não lhe quere ficar atraz — enverga setins que cheiram ainda ao banho de anilina. Por sua vez, a vegetação que das *grótas e grotilhões* vem a ares maritimos, arripiando os sulcos verticais que estriam o bôjo conico da montanha, parece no afan de ir comnosco à romaria, toda garrida nos vêrdes da fatiota.

A cicatriz do raio não tem fim. Subimos sempre, volta ao norte, volta ao sul, sem vêr o têrmo da muralha — embora sempre a vermos o céo por cima de nós, pousado no vertice do cone truncado, o mar no remate da montanha a lavar-lhe o negro do basalto.

A vegetação, de mediana torna-se anã.

Até meio da vertente abundavam, alem dos tipos de pomar, muitos dos senhores gigantes do paiz — o in-

censo, a faia, a criptoméria. Cá nos altos, especie de musgo e lichens das barbacans seculares, verdeja a urze, o rosmano, o tôjo — diminuidos no pórte à medida que aumenta a altitude.

Já alcançamos a suave encosta do planalto. Nisto, sem aviso nem mandado, os burricos estacam — e os burriqueiros previnem da chegada ao ponto obrigatorio da desmonta.

Então, o meu Guia e Senhor venda-me os olhos — costume maçonico imposto pelo natural ao forasteiro iniciado nos misterios das Sete Cidades. E tomando-me o braço submisso, e guiando-me o passo hesitante, e parando ao cabo de segundos, declina o *pronto* de certas solenidades — a venda sôlta dos olhos.

Ora, os olhos! Os olhos sobem e descem, os olhos quedam-se e atentam, no ar de meninos tontos que não sabem o que veem, ou não sabem vêr o que lhes mostram.

Mas se vos faz estranheza a turbação dos meus olhos, ó cegos na triste ignorancia duma das sete maravilhas! ó soberbos de todas as artes e de todas as eloquencias! vinde comigo às cumieiras das Sete Cidades, e eu juro não tirar partido dos precalços da vossa fátua vaidade...

Sôltos da venda os olhos turbam-se no imprevisto assombro dos três abismos que repentinamente se lhe

apresentam, todos três apartados pela crista das cumieiras — o do céo, ao alto; o do mar, à esquerda, rasgado até os confins do espaço; à direita o das lagôas, as montanhas profundas a aninha-lo num circulo de abruptos pendores.

Eram lá em baixo, no resguardo das imponentes muralhas, onde hoje se veem as lagôas, e o povoado que lhes herdou o nome, e as culturas que lhe nutrem os moradores, as Sete Cidades levantadas ao mando dos deuses a favôr da princeza desaparecida na lava.

São duas as lagôas, ambas circulares, uma a par da outra, unidas num beijo, o que lhes dá a fórma geometrica dum 8 — um 8 com cinco quilometros de comprimento e à profundidade de quasi quatrocentos metros.

As paredes da caldeira em que as lagôas brilham, dando moradía à truta e à carpa, caldeira com doze quilometros de extremo a extremo, caem sobre a planura fundeira na leve inclinação dos muros dos castelos — de avantajada espessura na base, no vertice mais modestos. E as vertentes alcantiladas são uma nova assembleia geral dos muitos e variados membros da familia arbórea reunida em S. Miguel. E nas zonas onde não reina a arvore, a conteira, nova rica, a melhor materia prima da sêda vegetal, arrasta o farto manto bordado a oiro — a ponto de termos a sensação duma chuva de oiro escorrendo das espaduas da serrania.

E como se isto não bastasse para compôr quadro que seria orgulho do povo mais opulento em maravilhas da Natureza, no sector da convergencia das lagôas, azul a maior, por efeito do céu azul, a menor vêrde, por concessão dos vêrdes pendores, espreita a povoação alvejante das Sete Cidades, com o seu campanario, os seus parques, as suas searas — e com a fisionomia irradiante de branco colegio de noviças, ajoelhadas á beira de agua, louvando e orando, os olhos postos na obra magnifica do Senhor.

É certo. Esta é a carcassa morta do pai de todos os vulcões atlanticos. Mas, se eu não conhecesse a cronica do seu passado, sem excluir a lenda das Sete Cidades, havia de julgar isto o anfiteatro e a arena do coliseu onde os ciclopes, sob o patronato de Vulcano, forjaram as armas e ensaiaram o combate contra Apolo, que sem misericordia lhes deu exterminio — e a agua azul e vêrde das lagôas o sangue dos combatentes nascidos nas vêrdes grutas do mar e nas celestes alturas azuis.

Não, meus amigos! Não ensaio sequer o esbôço dêste quadro de assombro — pois sei as tintas desbotadas e pastosas ao sôpro do crasso objectivismo de Sancho Pança, director espiritual da minha geração. E creio bem que só o divino Pintor de Assis, alma em Deus e joelhos em terra, como na escarpa do monte Alverno, «mons in quo bene placitum est Deo habi-

tare», lograria transporta-lo ao verbo proprio, deslumbrado á simultanea visão dos três abismos conjuntos — céo, mar, e lagôas.

Tornamos ao auto, tornamos á celeridade, a redopiar, a zumbir. São cinco horas da tarde quando roçamos a nédia espadua da Candelária — safisfeita dos seus daimosos milharais e da sua ermida historica.

A Lomba dos Gagos, freguezia vistosa de cal e saúde, marca passo á beira da estrada.

Mas como se mostre pouco diligente, a impaciencia do motôr logo lhe toma a dianteira. Em frente, de sentinela á via publica, recorta-se o cabeço dum monte no feitio de cúpula blindada de forte moderno. Apenas, porque estamos nas terras da paz e do trabalho, em logar de canhões sustenta á ilharga laboriôso e pacifico moinho de vento.

Mais um moinho de vento — êste quilometro e meio adiante. Por aqui sim, é que parece ter lampejado o corisco das batalhas. O pobre mutilado tem só duas velas — e trabalha como se tivesse as quatro.

Ah! Talvez por cá passasse D. Quixote. Se de facto passou por aqui, a alucinação do Manchego lhe abateu os braços incruentos...

Os Ginetes, agora. Aldeiasinha garrida qual lenço de ramagens e com pronunciado sabôr a Apocalípse.

O curiôso, porém, é que em vez dos apocalípticos quadrupedes, por êstes sitios só fadas saem ao caminho — teorias de feiticeiros vultos e olhos de perdição, nas horas de calôr encasulados á sombra das suas frescas vivendas de veraneantes.

— Cuidado, senhoras fadas! Olhem não surja no caminho um dos tais motôres... dos que são para as fadas contemporaneas o que a luz é para as borboletas de sempre...

Cortamos a Varzea em duas fatias — e metemos contrictos á abobada pintalgada de sol duma nave de arvorêdo.

Atingimos a extrema ocidental da ilha — a adusta Ponta da Ferraria, a jusante, atirando duras focinhadas ao mar.

Num rumôr de rajada dobramos a curva dos Escalvados — e temos a sensação de imprevisto espectaculo artificiosamente preparado em palco de respeito.

O pano de bôca correu, ligeiro, ao empuxão dos tantos cavalos do *Overland*. E a scena, que no primeiro relance nos impõe os seus elementos de ordem imperativa, cativa-nos a seguir pelos multiplos caprichos de terno bucolismo.

O abrupto colabora com o afavel. O tragico com o lirico. Os vagalhões glaucos de terra e penedía, que

dos ultimos contrafortes das montanhas interiores, das bandas do norte, se precipitam desabaladamente nos reconcavos maritimos, defrontam-se da banda oposta com prestadíos taboleiros de cereal, cortados em escadarias de muitos lanços, desde a estrada, cá em cima, até á costa, lá em baixo. E assim, nós vemos ao fundo o farto povoado dos Mosteiros contrascenando com o cáos dos pendores do norte e a escada dos taboleiros do sul — povoado que estende os braços, num bocêjo feliz, nos lodeiros planos de facil grangeio, o mar a dar-lhe cama, mêsa e roupa lavada. E mais: e a sustentar-lhe os poderosos atlantes de basalto, negros pretorianos de guarda á sua segurança, de pé a meio da enseada dêste lado; na imediata, na do norte, a lançar a rêde a certa carneirada preta de calhaus, no afan de lhe defender o celeiro — rêde tecida com as linhas das melhores rendas do seu bragal.

Retomamos a nossa rota. O auto entra a rosnar, a espirrar, a suar, ás voltas com a asperrima ladeira do Pico de Mafra - tolerante para os praticos bucefalos de casa, desabrida contra os cavalos teoricos do forasteiro.

Trepamos e descemos, descemos e trepamos. Até que ganhamos a linha plana da freguezia da Bretanha — rincão da França nordica encrustado no flanco noroeste da ilha de S. Miguel.

É bretã a traça das habitações — telhados de te-

soura, a maioria com cobertura de côlmo. E' bretão o contôrno dos moinhos de vento — cúpula de funil e velas no recorte de navalhas de barba, unidas pelos cabos. É bretã a indumentaria simples e o talhe esbelto das raparigas — quasi todas de olhos azuis e cabelos louros.

E as raparigas da Bretanha, tipos patricios de apuramento de raça, não vão á fonte com a cantarinha de barro da Samaritana da costa sul. Vão á fonte levando á cabeça esguios barris de madeira.

Duas leguas de casas e hortas á borda do macadame — a começar no Jambom, de fibra genuinamente gauleza, a acabar nos Remedios, de perfume castiçamente luziada.

O sol vai caír, gôrdo pingo de sangue, no charco rubro que da costa se estende ao horisonte.

St.º Antonio — debruça-se sobre a falésia fulva e convulsa. E antes de contarmos de novo as Capelas, fechamos o comovido abraço em que cingimos o côrpo formoso da ilha. Outra vez na costa norte. Aí está a aldeia das Capelas. O crepusculo cobre-lhe o chale pardo do regresso da faina agricola. Outra vez Fenais da Luz. A Calheta — povoaçãosinha maritima. A noite veste-lhe o capote e capelo dos usos e costumes locais — só os olhos da iluminação electrica a luzirem sob o biôco da sombra.

Rabo de Peixe outra vez, outra vez Ribeira Grande. Agora o luar desce das alturas — empôa as flores anemicas das hortenses marginais da estrada, leva-nos na ilusão de que rasgamos em duas imensa fita de neve. E a memoria sempre a voltar atraz — a revêr o roda-pé celtico da Bretanha, os desniveis ameaçadores do Pico de Mafra, a scenografia dantesca dos Mosteiros. E como o maior é o que melhor se vê ao longe — a cada instante a recordar, a solfejar a partitura sobreumana das Sete Cidades.

A bórdo do "Providence"

O *Providence* prepara-se para levantar ferro.

Os meus ouvidos estão cheios do acre e saborôso licore dos afectos da despedida — os adeuses da familia de mistura com os protestos dos amigos.

Empenho-me em lhe diminuir o travo amargo — os olhos voltados ao poente hiperbólico dêste dia de Setembro, poente mais fertil em excessos luminosos do que apoteóse final de revista de ano.

Pois sim. Fito os olhos na explosão de luz e côr que incendeia de côr e luz céos, terra e mar. Mas os meus olhos, humidos de comoção — juro-o! não me vacila a mão ao confessa-lo, antes orgulhosamente o publica! —veem menos os efeitos da esplendorosa luz, do que o coração os negros dóceis dêsta mágua carinhosa.

Sim, senhor! Grande agonia a do sol na despedida.

A nuvem que o amortalha é sarça ardente e sangrento sudario. E' eça resplandecente de lumes e lençol encharcado de sangue — a pingar sangue, a alagar de sangue o fundo crêspo do scenario.

Eu já vi outro quadro semelhante a êste. Ah, foi no Louvre ! Chamavam-lhe . . . *Jupiter fulminando os crimes*. Disseram-mo de Véroneso. E' verdade. A cabeça rútila de Jupiter lá está ao tôpo, despedindo raios — as proprias aguas se doem dos dardos disparados de cima. Se não vemos a multidão convulsa dos crimes, feridos de morte, a tombar nos abismos, é que a distancia no-la nega á vista. Mas adivinhamo-la, em grupos compactos, enovelada, enfarruscada de lama, lambusada de sangue, naquilo que se nos afigura revôlto torvelinho de nuvens . . .

Tudo isto é assim — assim não, melhor, muito melhor, que a minha pena, hoje, mais do que nunca, sob o fluxo da comoção, apenas supura baças tintas aguadas.

No entanto, só por esfôrço o noto, só obrigado o observo. E no trilho da obrigação, novamente me pergunto ainda o motivo oculto da escassez de pintura nêste paiz prodigo de côr, onde deveria florescer uma palêta por cada cem criaturas, onde me revelaram por todos os habitantes um pintor apenas — o senhor Domingos Rebêlo, ainda hoje admirado, pela segunda vez, dêsta vez no salão da *Junta*, no triptico do *Natal*.

A côr alaga tudo, em estuarios e torrentes.

O pior é a luz que a serve. Multiplica-se ao dia nos mil e um caracteres do alfabeto sinfonico dos tons, a dêsta hora na embriaguez das vogais de tonica expressão espectaculosa, mas quasi sempre, de manhã, ao meio dia, ao entardecer, sob a regencia dos acentos brandos, ou esmorecentes, mais esquivos á graduação dos valôres do que ao gôsto dos sentidos. E deve estar na escala infinita de tons diariamente subida e descida pela luz, luz de perturbante volubilidade comunicando ingrata volubilidade á côr, o motivo da magra cota das gentes micaelenses no activo pictural da familia.

Tudo isto é verdade. Tudo isto, porém, é secundario perante a minha sensibilidade, no tranze em que o navio vai largar, apartar-me de pessoas queridas, afastar-me de coisas adoraveis — não sei até quando, até que dia, até que hora...

O scenario transfigura-se. O sol já acabou, e logo o sepultaram. Os lumes agora rareiam no funebre catafalco — despido dos panos rubros, substituidos por panos rôxos, e cinzentos, e negros, ao de cima velados por vasto e aurifulgente docel. E do aurifulgente, e do negro e do cinzento e do rôxo soltam-se palhêtas vivas dos mesmos naipes, que bailam o seu bailado macabro sobre o mosaico ondulante das aguas.

Despedem-se as ultimas visitas. Aproam á cidade as ultimas canôas. Distanciam-se do trasatlantico os ultimos gazolinas.

A luz boceja, sonolenta. Ergue-se no ar o véo que durante a noite lhe presta agazalho. Sóbe das aguas, e estende-se no espaço, a fina trama a interpôr-se entre o navio e os gasolinas, e as canôas, e a cidade, e a montanha.

Não lobrigamos a sua tecedeira. Mas vimo-lo tecer a principio de fios mais leves do que baba de aranha. Depois juntar-lhe fios escuros, à certa tirados às redes do peixe grádo. Daqui a nada acrescentar-lhe-á os fios negros e espessos das rêdes do peixe miúdo. E nêste rebuço imponderavel, por enquanto translucido, não opaco, dentro de minutos com a opacidade das muralhas, a luz dormirá o sôno sôlto de menino no berço.

O derradeiro silvo da sirene. O monstro de trez cabeças diz adeus à terra — prestes a arquejar e a fumegar ao longo da via solitaria em que não ha pousada nem ramo florido.

Debruço-me da amurada, na intenção de vêr melhor o objecto da despedida. Mas não vejo senão o vago dos contornos terrestres, os pontos baços da iluminação urbana acêsa ha instantes. Devia ser nêsta hora de penumbra, num dia de Setembro como êste, que a alma ansiosa de Antero despediu à procura da luz eterna.

Esqueço-me do vago. Escuso-me ao real.

No cosmorama da memoria, já alumiado pela saüdade, o irreal surge no papel do real, o definido pelo vago — no talhe, e na côr, e no movimento, e na graça, e no perfume dos lances vividos nêste sacrario de virtudes ciosamente guardado pelas potencias maritimas.

A ilha a cativar-me as meninas dos olhos na manhã liturgica da primeira comunhão. A ilha a alvoroçar-me os sentidos na oferta das suas raras belezas — nos seus panoramas, no sabôr dos seus pomares, no olôr dos seus jardins. Vejo a Fajã, a serra de Agua de Pau, a frescura dionisiaca da Caloura, o sorriso amoravel de Vila Franca. Das Furnas vou à Povoação. Da Ribeira Grande às Capelas. Á Bretanha, às Sete Cidades. Alegro-me ás perspectivas bonitas. As tristes, entristecem-me — dêstas, a mais triste, é a da cegueira que vai expulsando da ilha a arvore, a sua protectora, a favôr da espadana, a sua exploradora. E não vejo apenas ressurgir, do fundo do meu sêr, animado e colorido, o corpo formoso da ilha de S. Miguel. Tambem a sua alma formosa se eleva do calix votivo das recordações — a bondade sem laivo de crime, o trabalho de bôa mente, a confiança dum por todos e todos por um, tão sugestivamente confessada no pão de poderosos e humildes entregue à exclusiva vigilancia do Senhor. E a hospitalidade mais enternecida. Sim, enterneço-me à evoçação dêste episodio, da-

quele feito. Veem-me ao ouvido vozes e afagos — as ultimas vozes e afagos afinados pelos gorgeios de violino do filho morgado de solar, derramando-se das salas festivas da familia Silveira Moniz. Mas não palpita na tela exclusivamente a formosura do corpo, a formosura da alma. A completa-las, no oficio de terceira pessôa da Trindade dêste mundo tamaninho, tão amigo do Espirito Santo, aparece-me a formosura da fortuna.

Podia simbolisa-la na pomba da aliança a repartir por grandes e pequenos o ramo de oliveira.

Alheio, porém, às demonstrações de vago simbolismo, antes a represento na realidade de clero, nobreza e pôvo fieis às regras de comunidade de abelhas em bôa colmeia — cada uma no seu labôr próprio, em proveito do mel de todas, as abelhas menores agradecidas a Deus pela esmola dos seus favos, as maiores louvando o Senhor na riqueza dos seus proveitos.

Assim, coloco na balança os dons dêsta ilha, e os das suas irmãs dos Açôres, que conheço de tradição, e os das suas parentes da Madeira, que conheço de vista, e somando parcelas, tiro êste resultado final:

— Ilhas das três formosuras.

E nêsta emergencia, não sei como, nem porque, de olhos fitos na mancha negra da ilha miguelina, solilicita-me imprevista miragem: — a ilha já não é o vulto do gigante Almourol deitado de bruços. A ilha é a am-

pliação descomunal do bicho da sêda, a sua traça corporea a jogar com os seus intimos atributos.

Trago comigo a carta de S. Miguel, trasladada em miniatura para um bilhete postal. Ponho-a diante dos olhos, meço-a pelo estalão da miragem — à luz electrica, pois a noite já correu de todo as cortinas à luz solar, e ao ruído das helices, pois o navio já marcha a toda a velocidade. Não ha duvida. E' tal qual o bicho da sêda, no corpo oblongo, na cauda alta, ou cumieiras do Nordeste, a cauda mais subida do que a cabeça, esta figurada nas cumieiras das Sete Cidades. As suas muitas pernas, dezenas de pontas, mergulham na baba liquida do mar. E vai tecendo na infinda seqüencia das eras o afavel casúlo de fio de sêda, aureo e macio, de que saem as leis em vigor entre o grande e o pequeno.

E não hei-de doêr-me — ó barbaros que não usufruiste agasalho no seu regaço tépido! — ao deixar o milagrôso casúlo, onde nos não ferem arestas, antes nos afagam caricias: — onde o homem é a essencia da humanidade!

. . . . . .

Desço apressadamente ao camarote, á cata do binoculo. Este camarote do *Providence*, o 61 da numeração, mercê dos seus leitos, dos seus *maples*, do seu *toilette*, do seu quarto de banho, proporcionar-me-ía a ilusão dum *Ritz* flutuando nos mares, se não fôra a

pressa da entrada e da saída. Entrei à procura do binoculo. Saio para vêr Vila Franca.

Mas não ha binoculo capaz de transpôr o denso veu que a senhora Noite teceu da sombra e pendurou do espaço.

Apenas adivinho a mancha livida do povoado sob o palôr das luzes da rêde publica. O instinto das coisas é que mais ou menos localisa a casinha em que um mez de afectos se me volveu em hora de sonho — e cuido até descobrir lenços a acenar, sorrisos à bulha com soluços, lagrimas na contagem dos acenos...

* * *

Apre! Melancolias ao largo! Inclinemos os olhos perante Miss Mary Sweeney, rapariga moderna, nervosa e agil, de saia curta e boina na cabeça, que largou a America, a sua terra, a sua casa, e vem sosinha à Europa consultar costumes, conhecer mundo.

São oito horas da manhã. O sol banha-se na meia vaga furta-côres na alegria de môço brincalhão — atirando-nos á cara mãos cheias de luz. Descobrí Miss Mary ontem à noite, no salão de jantar, à voz do seu amôr-próprio americano, que saltou à liça no pregão das forças do *Mothersill's* contra as perfídias do enjôo. E parece que assinamos pacto de intimidade na centesi-

ma Avenida ou na Universidade mixta em dois lustros de convivencia. Sem pedantismo, naturalmente, já me abriu o seu compendio de geografia, historia e literatura europeias. Falou-me de Dante, Camões, Schakspeare, Cervantes. Sem alarde, até com face ingenua, já me mostrou que conhece a coreografia luza como nunca a conhecerá a Sorbonne em Claustro Pleno. Em tom dôce e gesto simples revelou a uma ilustre dama francêsa que não, que a ilha de S. Miguel, «aussi belle, aussi magnifique», nunca foi territorio americano, mas secularmente português.

Confia-me coisas impressionantes ácerca do papel da mulher na vida do seu paiz, os efeitos da coeducação nas escolas, os resultados da camaradagem dos sexos.

Alarmado à vista da estôpa ao pé do lume lanço o meu jacto de agua fria à chama e ao combustivel.

— *Mais non!* — acentúa, replicando. E mobilisa o problema, e comanda premissas, e impõe conclusões— de cujas premissas e conclusões os rapazes e raparigas avançam cortados pelos moldes de bons camaradas, não grudados ao sistema do forasteiro faminto sempre de agua na bôca em face do frúto proibido...

O sol, na subida da estrada azul, levanta na marcha certa poeirada de nuvens. Começam a aparecer no convês outros passageiros.

Miss Mary salva-os a todos — a todos manda a sua palavra e o seu sorriso. Assombro-me à certeza de que o velhote de Lille, o da jornada do *Canadá*, afinal perdeu o riso na America. Lamento que certa madama de Paris, tambem da companhia na outra viagem, não gastasse na America um têrço «*de sa poitrine avant guerre*», no dizer de Paul Morand — e mesmo assim os seus seios ocupariam os dois têrços do convês...

* * *

Madrugada. O dia não veiu ainda, mas aproxima-se a mêdo.

O horisonte, ao longe, exala vago rubôr de claridade — ah, já sei, é o bafo do caminheiro cansado de subir.

E nós subimos contra êle o veio patricio do Tejo.

Sabe-me a folar de Pascoa o ar que se respira — êste ar que as narinas mandam direitinho ao coração.

Mal entrevimos Cascais, os Estoris.

A torre de Belem. Êsta sim. Já recorta o brincado perfil na leitosa bruma amanhecente. E agora que nos embala nas suas aguas, vem de lá a Irmã Alvorada e estende-lhe sobre a cabeça, em ar de benção, os longos dedos róseos — resplendor e santuário.

Subimos mais. A cidade desabrocha da névoa matu-

tina. Nisto, a meu lado, matutino e risonho, desabrocha o talhe esbelto de Miss Mary.

— Portugal! — anuncia, na toáda de mestre ao discipulo.

— Portugal? Sempre Portugal! Três dias e três noites de céo e mar. E é Portugal no ultimo. E era Portugal no primeiro:

— Nas Ilhas das Três Formosuras.

INDICE

	Pag.
Bilhete postal.	7
Madeira e Açores.	9
Na rota da Atlantida.	23
Atlantida ou Algarve?	37
Em Vila Franca do Campo	48
Nas Furnas	59
O Eremita das Furnas	71
Os parques das Furnas	83
Coimbra em Ponta Delgada	99
Povoação e Nordeste.	111
As lendas do ilheu.	123
O Senhor da Pedra	133
A subida á Lagôa do Fôgo.	145
A pesca do sargo	159
O chá da Gorreana	167
Ribeira Grande e Caldeiras de S. Vicente	177
A indole do pôvo e a emigração.	187
A pesca da baleia	197
A lenda das Sete Cidades	209
As Sete Cidades	225
A bórdo do «Providence»	237

UNIVERSITY OF N.C. AT CHAPEL HILL
00002275512